



FACULDADE DE ARQUITECTURA
UNIVERSIDADE TÉCNICA DE LISBOA

O Turismo como motor de desenvolvimento de zonas com tendência ao despovoamento

Os concelhos de Idanha-a-Nova e de Penamacor como casos de estudo

Duarte João Castel-Branco Próspero dos Santos
(Licenciado em Estudos Arquitectónicos pela FA-UTL)

Projecto para obtenção do Grau de Mestre em
Arquitectura – Especialização em Planeamento Urbano e Territorial

Orientação: Professora Doutora Maria Madalena Aguiar da Cunha Matos

Júri:
Presidente do Júri: Professor Pedro Conceição Silva George
Vogal: Professor Carlos Manuel da Silva Lameiro

Lisboa, FA-UTL, Março 2013



FACULDADE DE ARQUITECTURA
UNIVERSIDADE TÉCNICA DE LISBOA

O Turismo como motor de desenvolvimento de zonas com tendência ao despovoamento

Os concelhos de Idanha-a-Nova e de Penamacor como casos de estudo

Duarte João Castel-Branco Próspero dos Santos
(Licenciado em Estudos Arquitectónicos pela FA-UTL)

Projecto para obtenção do Grau de Mestre em
Arquitectura – Especialização em Planeamento Urbano e Territorial

Orientação: Professora Doutora Maria Madalena Aguiar da Cunha Matos

Júri:
Presidente do Júri: Professor Pedro Conceição Silva George
Vogal: Professor Carlos Manuel da Silva Lameiro

Lisboa, FA-UTL, Março 2013

I. Agradecimentos

Neste percurso de construção de oportunidades, há actores que nos marcam e nos proporcionam oportunidades de crescer e de ser.

A arquitectos e engenheiros:

Ao Arq. Alcino Soutinho, que apresentou o projecto que realizou em Vila Nova de Cerveira, a Pousada D. Dinis;

Ao Arq. Alexandre Alves Costa, que com a sua experiência e cultura sobre a região de Idanha-a-Nova, falou sobre os seus projectos em Idanha-a-Velha;

À Eng. Olga Gonçalves, que se disponibilizou para falar sobre o concelho de Penamacor, fornecendo dados para que este trabalho se realizasse;

A serviços administrativos:

Ao vereador da Câmara de Penamacor, o Eng. António Cabanas, que explicou, através de uma entrevista, a sua visão sobre as regiões do interior;

À Dra. Fernanda Seijo, do Hotel Rural Herdade da Poupa, que falou da sua experiência no contacto com o campo e que apresentou ao “*Tó Manel*” que me conduziu numa visita guiada pela herdade, dando a conhecer a sua paisagem, a sua fauna e a sua flora.

Aos serviços da Reserva Natural da Serra da Malcata, em especial à Dra. Manuela Fernandes, que com prontidão me proporcionou uma visita guiada à reserva;

A outras pessoas que ajudaram a que este trabalho fosse realizado:

À Maria Galante, do *Snack-Bar Galante* no Rosmaninhal que falou sobre os produtos regionais, oferecendo um almoço com alguns desses produtos de grande qualidade do concelho de Idanha-a-Nova;

O Turismo como motor de desenvolvimento de zonas com tendência ao despovoamento

Os concelhos de Idanha-a-Nova e de Penamacor como casos de estudo

Ao chefe Mário Rui Ramos, do restaurante *Helana*, em Idanha-a-Nova, que presenteou com uma entrevista sobre a gastronomia da região e um almoço de onde destaco o prato *Miga de espargos*;

A todos os que colaboraram e que não contam na lista.

II. Resumo (542 palavras)

Tradicionalmente, a problemática do estudo do Património centra-se, essencialmente, na investigação da arquitectura erudita e, numa dimensão mais reduzida, do património rural. Recentemente, esta investigação tem vindo a alargar o inquérito para domínios mais vastos, como a da identidade dos lugares e da preservação das memórias do território.

Em Portugal, o processo de preservação da memória do território está pouco adiantado.

O país tem o seu litoral densamente povoado, à excepção da protegida Costa Vicentina.

No entanto, o inverso verifica-se com o seu interior. A falta de oportunidades e um futuro economicamente pouco promissor faz com que cada vez mais as pessoas procurem os seus meios de subsistência noutros locais, abandonando a vida das zonas rurais.

Tudo isto obriga a uma séria reflexão sobre o futuro do espaço rural português, tão vasto e tão rico.

Esta proposta de trabalho reflecte a consciência de uma problemática que o interior de Portugal atravessa nos dias de hoje.

O projecto, que nos propomos desenvolver, consiste em equacionar uma proposta para o interior de Portugal, uma zona bastante afectada pelo despovoamento, estudando em particular os concelhos de Idanha-a-Nova e Penamacor.

Estes concelhos situam-se no centro de Portugal, fazendo fronteira com Espanha, mercado que se tornou bastante importante para esta zona e que pode vir a ter uma relevância cada vez mais marcante na sua economia, não apenas devido à sua proximidade geográfica, como pelo aproveitamento das potencialidades destes concelhos.

Assim, para o desenvolvimento do projecto, faço uma proposta conjunta ao nível dos dois concelhos proporcionando uma melhor e maior promoção turística da região, evidenciando, de uma forma mais organizada, todo um conjunto de potencialidades que a região oferece.

O Turismo como motor de desenvolvimento de zonas com tendência ao despovoamento

Os concelhos de Idanha-a-Nova e de Penamacor como casos de estudo

Assim, foi feita uma recolha de informação, no local em estudo, ao nível paisagístico, cultural, gastronómico e histórico e, conseqüentemente, a sua análise posterior. Foram ainda recolhidos dados de natureza climática e de ocupação do território.

Elaborou-se ainda uma breve pesquisa etnográfica e agrícola nos concelhos. Através de uma análise mais pormenorizada tornam-se claras as potencialidades que a região de Idanha-a-Nova e de Penamacor oferece, valorizando a sua importância estratégica ao nível do turismo.

Resultou daí e pelo estudo realizado no terreno, a importância da caracterização da arquitectura local, o estudo dos materiais utilizados, isolando edifícios devolutos e/ou em bom estado como potenciais fontes de utilização, que pudessem vir a ser recuperados e/ou mantidos. Esta requalificação das zonas e o restauro das casas proporcionariam uma maior procura da região e ajudariam, também, à fixação de pessoas através da aquisição da sua casa de férias ou, até mesmo, de residência permanente.

Este trabalho, a seguir, desenvolve uma proposta estratégica para uma dinamização ao nível turístico de uma área menor, com a sua localização determinada pelo estudo efectuado.

Tomou-se como alguns critérios de selecção para a definição dessa zona:

- A localização e a envolvente,
- O tipo e as condições de conservação dos edifícios e as condicionantes sobre as quais o seu processo de recuperação irá ocorrer.

Escolhido o local com as melhores condições para o efeito, foi idealizada uma unidade hoteleira.

Este projecto consiste num trabalho de reabilitação de um conjunto de pequenos edifícios de uma localidade seleccionada para que essa unidade hoteleira se integre dentro da localidade e se utilizem as estruturas rurais e históricas já existentes.

Palavras Chave: *Espaço Rural, Despovoamento, Turismo, Touring Cultural e Paisagístico, Beira Interior, Reabilitação, Requalificação.*

III. Abstract

Traditionally, the study of Heritage focuses primarily on the research of erudite architecture, and in a smaller scale of the rural heritage. Recently, this research has expanded the scope for broader areas, such as the identity of places and preservation of the territory history.

In Portugal, the process of preserving the history of the territory is in its early stages.

The country has a densely populated coast, with the exception of the preserved Costa Vicentina.

The reverse occurs inland. The lack of opportunities and a poor economic future makes people increasingly to seek their livelihoods elsewhere, leaving the rural life.

This calls for serious reflection on the future of the Portuguese rural area, so wide and rich.

This work reflects the awareness of an issue that is present in the interior of Portugal.

The aim of this project is to consider a proposal for the interior of Portugal, an area severely affected by depopulation, studying in detail the counties of Idanha-a-Nova and Penamacor.

These counties are located in Central Portugal, bordering Spain. The Spanish market has become very important for this area and might have an increasingly relevance in the economy of those counties, not only because of their geographical proximity, but also with the use of its resources.

For the project development, we will consider a joint proposal for the two counties which provides synergies and a better tourism promotion for the region, highlighting, in an organized way, the full resources the region has to offer.

To this effect we gathered information, on-site, at a paisagistic, cultural, gastronomic and historical level and its subsequent analysis. We also gathered data on the climate and occupation of the territory.

Additionally it was performed a brief ethnographic and agriculture research in the counties. With a more in depth analysis it became clear what the regions of Idanha-

O Turismo como motor de desenvolvimento de zonas com tendência ao despovoamento

Os concelhos de Idanha-a-Nova e de Penamacor como casos de estudo

a-Nova and Penamacor have to offer in terms of its resources and its strategic importance in terms of tourism.

This study and the field work highlighted the importance of the characterization of local architecture, the study of the materials, isolating vacant buildings and / or in good condition that could be used, restored and / or maintained. This redevelopment and restoration would provide a greater demand and help to retain people in the region through the acquisition of a holiday home or a permanent residence.

This work develops a strategic proposal for the promotion of tourism of a smaller area, which location was determined by research done.

Some of the criteria used to define this area are:

- The location and its surroundings,
- The type and conditions of the buildings and the constraints under which the recovery process will occur.

After identifying the site with the best conditions, a hotel was envisioned.

This project consists of the rehabilitation of a collection of small buildings using existing historic and rural structures, in order for the hotel unit to be fully integrated within the area.

Keywords: Rural Area, Depopulation, Tourism, Cultural and Landscape Touring, Beira Interior, Rehabilitation, Requalification.

IV. Índice

1	INTRODUÇÃO	1
1.1	OBJECTIVOS	2
1.2	DELIMITAÇÃO DO UNIVERSO DE ESTUDO	2
1.3	ESTRUTURA BASE DO TRABALHO	3
1.4	METODOLOGIA.....	4
2	PROPOSTA PARA O DESENVOLVIMENTO DO TURISMO NO INTERIOR	7
2.1	DESENVOLVIMENTO ENDÓGENO	8
2.2	PORTUGAL E A SUA DEMOGRAFIA	10
2.3	PORTUGAL E O DESENVOLVIMENTO RURAL.....	14
2.4	O TURISMO EM PORTUGAL	15
2.5	O TURISMO NAS REGIÕES DO INTERIOR	19
2.6	PROPOSTA DE DESENVOLVIMENTO DO TURISMO NO INTERIOR	23
2.6.1	PROPOSTA DE ROTEIRO E PRINCIPAIS MEDIDAS.....	24
2.6.2	ESTRATÉGIA DE PROMOÇÃO E RENTABILIDADE	30
3	DETALHES DE DESENVOLVIMENTO DO TURISMO NO PÓLO 5	37
3.1	ZONA DE INTERVENÇÃO TURÍSTICA.....	38
3.2	OS CONCELHOS	39
•	IDANHA-A-NOVA	40
•	PENAMACOR.....	40
3.2.1	O CLIMA.....	41
3.2.2	A TOPOGRAFIA	41
3.2.3	A ACESSIBILIDADE	42
3.3	FREGUESIAS EM DESTAQUE	43
3.3.1	IDANHA-A-NOVA.....	43
3.3.2	IDANHA-A-VELHA	44

O Turismo como motor de desenvolvimento de zonas com tendência ao despovoamento

Os concelhos de Idanha-a-Nova e de Penamacor como casos de estudo

3.3.3	MONFORTINHO.....	45
3.3.4	MONSANTO.....	46
3.3.5	PENAMACOR.....	47
3.3.6	PENHA GARCIA.....	48
3.4	A FAUNA E FLORA	49
3.5	PERÍODOS E VESTÍGIOS HISTÓRICOS MAIS IMPORTANTES NOS CONCELHOS	51
3.5.1	OCUPAÇÃO ROMANA	51
3.5.2	OS TEMPLÁRIOS	53
3.5.3	A PASSAGEM DAS TROPAS NAPOLEÓNICAS	53
3.6	DEMOGRAFIA E ÊXODO RURAL	55
3.7	A ARQUITECTURA	56
3.7.1	ARQUITECTURA RELIGIOSA	56
3.7.2	ARQUITECTURA MILITAR	59
3.7.3	ARQUITECTURA SOLARENÇA	61
3.7.4	ARQUITECTURA POPULAR.....	64
3.8	CARACTERÍSTICAS DA POPULAÇÃO	68
3.9	ZONAS DE RESERVAS E PARQUES NATURAIS	69
3.10	AS FEIRAS E A GASTRONOMIA	71
3.11	DESPORTOS NA REGIÃO.....	73
3.12	SAÚDE E BEM-ESTAR.....	73
3.13	O TURISMO NA ACTUALIDADE	74
3.14	PROPOSTA DE UM ROTEIRO TURÍSTICO NOS CONCELHOS	80
3.14.1	ZONA NORTE.....	81
3.14.2	ZONA CENTRO	82
3.14.3	ZONA SUL.....	83
3.15	MEDIDAS PARA UM AUMENTO DO TURISMO	84
3.16	PÚBLICO-ALVO E RECEITAS ESPERADAS	86
3.17	A POPULAÇÃO PARA IMPULSIONAR O TURISMO.....	88
4	<u>PROPOSTA URBANA E ARQUITECTÓNICA</u>	89
4.1	CRITÉRIOS DE SELECÇÃO	90
4.2	CARACTERIZAÇÃO DO LOCAL.....	93
4.3	PROPOSTA URBANA	95

O Turismo como motor de desenvolvimento de zonas com tendência ao despovoamento

Os concelhos de Idanha-a-Nova e de Penamacor como casos de estudo

4.4	SELECÇÃO DO LOCAL PARA A UNIDADE HOTELEIRA	100
4.5	AS MODALIDADES DE TURISMO NO ESPAÇO RURAL (TER).....	100
4.6	CASOS DE ESTUDO E REFERÊNCIAS.....	102
4.6.1	PEDRALVA	102
4.6.2	IDANHA-A-VELHA	103
4.6.3	MONSANTO.....	104
4.6.4	PÓVOA DÃO	105
4.6.5	QUINTA DO MEDRONHEIRO	106
4.6.6	VILA NOVA DE CERVEIRA.....	107
4.7	PROJECTO ARQUITECTÓNICO	108
5	<u>CONCLUSÃO</u>	115
6	<u>ANEXOS</u>	119
6.1	MAPA DO ROTEIRO TURÍSTICO PROPOSTO COM OS DIVERSOS PÓLOS	121
6.2	PLANTA DAS TRÊS DEFESAS DO CASTELO DE PENAMACOR	123
6.3	PORTARIA N.º 937/2008 DE 20 DE AGOSTO	125
6.4	PLANTA DA PROPOSTA URBANA “CIMO DE VILA” DE PENAMACOR	129
7	<u>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</u>	131
8	<u>ENTREVISTAS</u>	135

O Turismo como motor de desenvolvimento de zonas com tendência ao despovoamento

Os concelhos de Idanha-a-Nova e de Penamacor como casos de estudo

X

Duarte João Castel-Branco Próspero dos Santos

V. Índice de Figuras

Figura 1 Mapa do roteiro turístico proposto com os diversos pólos	26
Figura 2 Proposta do PETIP no contexto da Península Ibérica	31
Figura 3 Linhas férreas na Península Ibérica de interesse para o PETIP	31
Figura 4 Mapa dos concelhos em estudo - Idanha-a-Nova e Penamacor	38
Figura 5 Topografia nos concelhos de Idanha-a-Nova e Penamacor e envolvente.....	42
Figura 6 Poupa e Veados no concelho de Idanha-a-Nova.....	50
Figura 7 Churra do Campo.....	51
Figura 8 Passagem da “Via da Estrela” em Portugal	52
Figura 9 Linhas de defesa estratégica de protecção às invasões Napoleónicas.....	54
Figura 10 Capela na aldeia do Rosmanihal	57
Figura 11 Capela de S. Miguel de Vir-a-Corça	57
Figura 12 Igreja da Misericórdia em Penamacor	58
Figura 13 Igreja Matriz de Idanha-a-Nova	58
Figura 14 Castelo da aldeia de Monsanto	59
Figura 15 Torre de Menagem em Penamacor	60
Figura 16 Solar dos Marqueses da Graciosa em Idanha-a-Nova.....	61
Figura 17 Solar da família Trigueiros de Aragão em Idanha-a-Nova	62
Figura 18 Solar da família Castel-Branco em Medelim	63
Figura 19 Solar da família Marrocos em Idanha-a-Velha.....	64
Figura 20 Largo do Pelourinho em Penha Garcia.....	65
Figura 21 Casa construída em granito, em Penamacor.....	65
Figura 22 Planta típica de casas em granito com balcão	66
Figura 23 Casas em granito com balcão na freguesia da Bemposta	67
Figura 24 Casas em granito e xisto na freguesia de Idanha-a-Velha.....	68
Figura 25 Serra da Malcata, Penamacor	70
Figura 26 Vale Feitoso, Serra de Penha Garcia	70
Figura 27 Herdade da Poupa, Rosmanihal.....	71
Figura 28 Papas de Carolo” Restaurante “O Quartel” em Penamacor – Exemplo de nova gastronomia com produtos tradicionais	72

O Turismo como motor de desenvolvimento de zonas com tendência ao despovoamento

Os concelhos de Idanha-a-Nova e de Penamacor como casos de estudo

Figura 29 Mapa do roteiro turístico proposto com principais localidades e actividades	80
Figura 30 Roteiro turístico – Zona norte	81
Figura 31 Roteiro turístico – Zona centro	82
Figura 32 Roteiro turístico – Zona sul.....	83
Figura 33 Proximidade das aldeias históricas portuguesas a Penamacor	90
Figura 34 Proximidade dos hotéis do pólo 5 a Penamacor	92
Figura 35 Próximidade das principais vias de comunicação a Penamacor	93
Figura 36 Calçada pedonal à esquerda e calçada viária à direita	96
Figura 37 Fotografias da Rua de S. Pedro e da antiga <i>Domus Municipalis</i> em Penamacor.....	96
Figura 38 Planta da proposta urbana para o cimo de vila de Penamacor	97
Figura 39 Desenho da proposta da plataforma dos antigos limites da alcáçova	98
Figura 40 Pedralva, Algarve	103
Figura 41 Idanha-a-Velha, Idanha-a-Nova	104
Figura 42 Monsanto, Idanha-a-Nova	105
Figura 43 Póvoa Dão, Silgueiros.....	105
Figura 44 Quinta do Medronheiro, Soutulho.....	106
Figura 45 Antiga Pousada D. Dinis, Vila Nova de Cerveira.....	107
Figura 46 Fotografia do quarto junto à muralha e da vista geral sobre a zona nova	109
Figura 47 Zona de restauração e zona de bar em Póvoa Dão.....	109
Figura 48 Lobby junto aos lofts	110
Figura 49 Exemplo de um loft do conjunto de cotas inferiores.....	111
Figura 50 Zona de quartos, sobreposta à muralha a sul do cimo de vila	111
Figura 51 Lobby junto aos quartos	112
Figura 52 Exemplo de um quarto sobreposta à muralha a sul do cimo de vila.....	113
Figura 53 Zona de lazer	113

VI. Índice de Quadros

Quadro 1 Densidade populacional por município em 2001 e 2011	11
Quadro 2 Envelhecimento da população em Portugal entre 2001 e 2011	12
Quadro 3 Índice de sustentabilidade potencial em Portugal entre os anos 2001 e 2011.....	13
Quadro 4 Mapa de distribuição das zonas urbanas e rurais em Portugal	14
Quadro 5 Processo de definição dos objectivos de crescimento	17
Quadro 6 Quadro para o número de turistas estrangeiros no Centro e respectiva receita gerada (2006-2015e)	19
Quadro 7 Número de entradas em postos de turismo em 2011.....	20
Quadro 8 Tabela de comparação do número de visitantes entre o território nacional com NUTS e 6 municípios do interior	21
Quadro 9 Valor percentual do número de visitantes entre as NUTS e 6 municípios do interior em Portugal.....	21
Quadro 10 Tabela de comparação da população residente e turistas em 6 municípios do interior	22
Quadro 11 Características turísticas dos 10 pólos propostos e da região de Faro.....	27
Quadro 12 Número de visitantes que, aterrando nos aeroportos vizinhos, se estima poderem usufruir do circuito proposto.....	33
Quadro 13 Tipo de turistas e rentabilidade estimada, em média, em 2020 por município.....	33
Quadro 14 Concelhos em estudo – semelhanças e diferenças	39
Quadro 15 Evolução da população nos concelhos em estudo, entre 1981 e 2011	55
Quadro 16 Lista de pratos e produtos regionais dos dois concelhos em estudo	72
Quadro 17 População residente e número de entradas nos postos de turismo em 2011.....	75
Quadro 18 Entradas nos postos de turismo nos concelhos de Idanha-a-Nova e Penamacor (2011)	76
Quadro 19 Hotéis nos concelhos de Idanha-a-Nova e Penamacor (2012)	77
Quadro 20 Outras unidades hoteleiras nos concelhos de Idanha-a-Nova e Penamacor (2012)	77
Quadro 21 Receita média esperada em 2020 – dados do PETIP.....	87
Quadro 22 Aumento anual do número de turistas no pólo 5.....	87
Quadro 23 Distâncias das aldeias históricas portuguesas de Penamacor	91

O Turismo como motor de desenvolvimento de zonas com tendência ao despovoamento

Os concelhos de Idanha-a-Nova e de Penamacor como casos de estudo

• Lista de acrónimos

- ADRACES – Associação para o Desenvolvimento da Raia Centro-Sul
- BTT – Bicicleta Todo o Terreno
- CEE – Comunidade Económica Europeia
- INE – Instituto Nacional de Estatística
- NUTS – Nomenclatura das Unidades Territoriais Estatísticas
- OCDE – Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico
- PDT – Pólos de Desenvolvimento Turístico
- PEN – Plano Estratégico Nacional
- PENDR – Plano Estratégico Nacional para o Desenvolvimento Rural
- PENT – Plano Estratégico Nacional para turismo
- PETIP – Plano de Estratégia do Turismo para o Interior de Portugal
- RT – Região de Turismo
- TP – Turismo de Portugal
- ZTI – Zonas Turísticas de Interesse

O Turismo como motor de desenvolvimento de zonas com tendência ao despovoamento

Os concelhos de Idanha-a-Nova e de Penamacor como casos de estudo

1 Introdução

1.1 Objectivos

Este Trabalho Final tem como objectivo referenciar e ajustar as qualidades visíveis mas, ainda, pouco perceptíveis, que o turismo no interior português pode propiciar e, neste caso em especial, nos concelhos de Idanha-a-Nova e de Penamacor.

Todo este trabalho tenta evidenciar as potencialidades de que a zona em estudo dispõe, para provocar um aumento do número de visitantes. Desenvolve propostas para uma maior referência e organização das múltiplas actividades, ao nível regional, tirando proveito do turismo, nos concelhos.

Termina com o desenvolvimento de uma proposta urbana que visa requalificar uma zona que está em eminente degradação e, cuja as suas características, são fortes e com uma grande riqueza natural. Para fazer face à pouca oferta da zona em estudo, projecta-se ainda uma unidade hoteleira, onde a política base é a requalificação, o restauro e a revitalização deste local esquecido.

Poderá o turismo ajudar a restabelecer uma nova vida a este tipo de zonas?

De que instrumentos de divulgação turística e de revitalização do território se podem dispor?

São estas questões que as nossas propostas tentarão responder.

1.2 Delimitação do universo de estudo

No Projecto Final, existem diversas intervenções com escalas diferenciadas mas, todas elas, reflectem o objectivo final para o desenvolvimento turístico da unidade hoteleira.

- À escala ibérica, é analisada a localização estratégica dos concelhos de Idanha-a-Nova e de Penamacor, através das vias de comunicação, não só terrestres como também, aéreas e fluviais.
- À escala nacional, é analisado e proposto um roteiro turístico, ao longo do território português, pelo interior do país, e que passa pelos concelhos em estudo, referenciando a biodiversidade existente, a

história, o património, a paisagem, entre outras. Aqui são indicadas quais as alternativas para chegar aos lugares.

- Fazem-se referências a locais importantes a visitar e a algumas das actividades que se podem realizar.
- Numa escala mais regional, nos concelhos de Idanha-a-Nova e Penamacor, é proposto um roteiro turístico onde se propõem inúmeras actividades, eventos e que, com a promoção de produtos regionais, convidam a um aumento do número de visitantes e, conseqüentemente, a um crescimento da actividade económica. A escala regional serve para escolher a freguesia onde implantar a unidade hoteleira que se propõe.
- São ainda analisadas as aldeias históricas na região que envolvem a zona de estudo, bem como os hotéis dos concelhos de Idanha-a-Nova e Penamacor, para ajudar na eleição do local para a unidade hoteleira.
- À escala urbana são propostas intervenções de requalificação, restauro e revitalização de uma zona menosprezada de uma freguesia que, neste momento, necessita de um projecto para aumentar, devolver e fazer renascer a sua importância.

1.3 Estrutura base do trabalho

A consciencialização dos resultados que uma aposta no turismo pode ter em zonas rurais, foi adquirida em três fases diferentes, dividindo-se este Trabalho Final de Mestrado em três grandes capítulos.

Estes capítulos, sendo independentes, estão ligados entre si, tentando correlacionar a escala do território do interior português, passando pela escala dos Concelhos a estudar, até à escala arquitectónica e urbanística em Penamacor, dando maior destaque a este terceiro capítulo.

No capítulo um faz-se uma proposta genérica de um roteiro turístico pelo interior de Portugal. Com a ajuda de uma análise

e sobre a região, obtém-se um melhor entendimento da situação no país, podendo-se, assim, elaborar um plano estratégico, e definir as medidas adequadas para um aumento do turismo.

Dentro da análise do roteiro turístico anunciado no primeiro capítulo, é delimitada, no segundo capítulo, uma zona de estudo ao nível de dois concelhos.

É, então, realizada uma reflexão sobre a realidade turística destes concelhos, sobre o seu passado, a sua caracterização actual, cujo objectivo é propôr um roteiro turístico local.

No terceiro capítulo, é elaborado um estudo para definir o melhor local para se instalar uma unidade hoteleira dentro dos concelhos estudados no segundo capítulo, projectando-a, ainda, como uma necessidade da região.

1.4 Metodologia

Com a metodologia de trabalho delineada, pretende-se responder aos objectivos traçados de forma faseada. Para tal, e para se chegar a um resultado pertinente e exigente, é de extrema importância ter em conta diversos factores.

- Realizou-se um levantamento, para um conhecimento geral do território em estudo nas diversas fases, não só ao nível do turismo, como também ao nível da cultura, paisagem, acessibilidade, entre outros;
- Foi coligida uma referenciação aos produtos turísticos que cada região oferece, destacando a variada oferta existente nas diversas propostas turísticas;
- Foi feita uma recolha das instituições de tutela mais relevantes para os aspectos turísticos na região e uma análise da forma como actua;
- Delineou-se uma estratégia turística nos dois primeiros capítulos do trabalho para assim se elaborar uma proposta num território vasto e diversificado;
- Foi elaborada uma análise pormenorizada, no terceiro capítulo, para a escolha do melhor local para implantação e projecto duma unidade hoteleira, dentro da área da segunda fase;
- Foi definida a área a ser intervencionada e determinados os parâmetros a ter em conta na projecção do alojamento;

O Turismo como motor de desenvolvimento de zonas com tendência ao despovoamento

Os concelhos de Idanha-a-Nova e de Penamacor como casos de estudo

- Foram definidos os princípios fundamentais a ter em conta na proposta da terceira fase: a preservação, a reabilitação, a requalificação;
- A envolvente da zona onde irá ser projectada a unidade hoteleira, com as suas “reliquias”, será de extrema importância para o projecto e será integrada no mesmo.
- A proposta de alojamento hoteleiro terá em conta o existente construído e conjugará os novos métodos de construção e materiais com as construções antigas.

A realização deste trabalho teve como base, ainda, a leitura de livros, artigos de revista e informações divulgadas através da internet.

Foi complementada com seminários, visitas a certos locais de referência do trabalho, observação de imagens e informações cedidas por entidades competentes e institucionais das zonas em estudo.

Para um enriquecimento do trabalho, foram ainda elaborados inquéritos de natureza aberta e presencial - a elementos da população, a políticos, a arquitectos e a entidades locais - com o intuito entender quais são, no ponto de vista da população local, os potenciais da região de Idanha-a-Nova e Penamacor, se a população, sendo maioritariamente idosa, está receptiva a melhoramentos na freguesia de residência e se ela própria gostaria de ter um papel importante no desenvolvimento do turismo, entre outras. Nos órgãos políticos e económicos, pretendeu-se entender quais são as dificuldades que sentem que existe ao intervir neste território e perceber se o turismo faz parte da estratégia de desenvolvimento nestes concelhos.

Este trabalho é ainda fortalecido com o estudo de trabalhos relacionados com as áreas em causa.

O Turismo como motor de desenvolvimento de zonas com tendência ao despovoamento

Os concelhos de Idanha-a-Nova e de Penamacor como casos de estudo

2 Proposta para o desenvolvimento do turismo no interior

2.1 Desenvolvimento Endógeno

No final dos anos 70, inícios dos anos 80 do século XX, começou-se a pensar que o turismo poderia ser um factor predominante de desenvolvimento de regiões mais desfavorecidas, apoiando-se no padrão do *desenvolvimento endógeno*, como uma reacção aos modelos e às políticas regionais tradicionais.

As políticas regionais que subsistiram, eram medidas tradicionais que assentavam numa estratégia de “*cima para baixo*”¹, num modelo de crescimento concentrado e orientado para a redistribuição espacial das actividades económicas, utilizando, para tal, recursos exteriores à área assistida. Esta estratégia vai sendo progressivamente substituída, por uma orientação de “baixo para cima”, “*(...)que procura ultrapassar os desequilíbrios regionais através do apelo não só a factores externos mas, também, aos recursos próprios dos territórios*”¹.

Esta nova estratégia serve para apoiar a ideia de que o desenvolvimento económico não tem que estar necessariamente ligado e concentrado nas grandes cidades. Este pode ser difundido através de uma utilização eficaz dos recursos endógenos e das competências dos territórios.

A própria expressão “desenvolvimento endógeno” espelha, “*a esperança de o próprio meio local poder iniciar um processo de desenvolvimento que dê origem a uma economia regional próspera, baseada nas iniciativas e nos conhecimentos técnicos (no “saber-fazer”) dos habitantes e das empresas da região*”².

No âmbito do desenvolvimento rural, o Turismo em Espaço Rural (TER) é uma das formas mais capazes para que a revitalização da economia rural seja assegurada, sendo que será mais forte se conseguir endogeneizar os recursos, a história, as tradições e a cultura de cada região³.

O turismo tem vindo a constituir-se quer como factor de diversificação das actividades agrícolas, quer como factor de pluriactividade, através da dinamização de um conjunto de outras actividades económicas que dele são tributárias e que com ele interagem.

¹ (BARQUERO, 1995)

² (POLÈSE, 1998)

³ (CENTER)

O Turismo como motor de desenvolvimento de zonas com tendência ao despovoamento

Os concelhos de Idanha-a-Nova e de Penamacor como casos de estudo

Apesar do turismo rural ser uma actividade minoritária no conjunto do mercado turístico, pode, no entanto, ser um importante contributo para a sustentabilidade das economias rurais.

De facto, enquanto actividade económica, o Turismo Rural imprime uma dinâmica aos territórios resultante da implantação de um conjunto de serviços de apoio e de dinamização turística através da constituição de micro-empresas que actuam em várias áreas de negócios como o alojamento, o comércio, a restauração, os circuitos turísticos, a animação desportiva e ambiental, entre outros, e com reflexos a vários níveis como na criação de postos de emprego, etc.

No entanto, apesar destas medidas serem essenciais para que haja uma valorização do património das zonas rurais, é, também, necessário estar preparado para os problemas que daí advêm.

É imprescindível definir “*alternativas ou estratégias de desenvolvimento turístico que impliquem uma utilização responsável do território, harmonizando os interesses do turismo, do meio ambiente e da comunidade local*”⁴.

Para um sucesso das estratégias definidas, é necessário que estas sejam delineadas de modo a que a região dependa de si própria, resolva os seus problemas, tornando-se capaz de não ceder a pressões externas.

É necessário, também, que os agentes que interferem nestas estratégias, estejam, devidamente, organizados e façam parte de um “corpo comum” com o objectivo de cumprir as metas definidas. “*As fontes de desenvolvimento residem, deste modo, na própria população, no seu sentido de comunidade e, talvez mais importante que tudo, no seu espírito de inovação e iniciativa*”⁵.

Para além disso, aspectos como a qualidade ambiental, a tranquilidade, o contacto com a natureza, assim como a preferência por períodos de férias mais curtos, são factores que, hoje em dia, incrementam o interesse do turista pelos espaços rurais.

Assim sendo, percebe-se que o desenvolvimento do Turismo em Espaços Rurais não pode ser considerado acidental ou temporário, visto que o próprio conceito está cada vez mais a ser procurado para fazer face ao stress das cidades dos dias de hoje.

⁴ (VERA, 1998)

⁵ (POLÈSE, 1998)

A União Europeia, ao propiciar um importante volume de investimento para o desenvolvimento de projectos de recuperação e revitalização de áreas rurais, favoreceu a entrada no mercado de uma variada e ampla oferta de produtos de serviços, o que de algum modo reflecte também a crescente importância desta modalidade de turismo.

2.2 Portugal e a sua demografia

Durante vários séculos, a população residente no que hoje se chama Portugal, tem vindo a sofrer várias influências.

As Idades do Cobre, Bronze e Ferro, passando, também, pelas invasões romanas, germânicas, o domínio islâmico mouro, a presença judaica e a escravatura subsaariana, tiveram um impacto, ora mais forte, ora só vestigial, na maneira de ser e estar da população portuguesa.

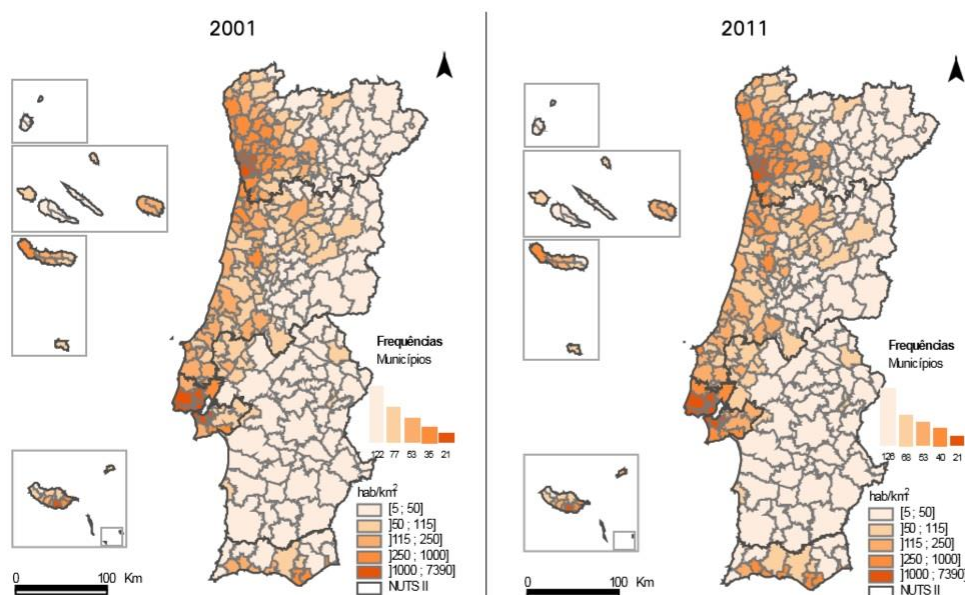
Em Portugal verificou-se, sobretudo a partir da década de sessenta, e como consequência da evolução económica e demográfica do país, uma progressiva concentração de pessoas e de actividades nas regiões do litoral norte e centro.

Segundo dados do Instituto Nacional de Estatística (INE), a população portuguesa em 2011 era de 10.561.614 habitantes, dos quais 48,4% se concentram nas áreas metropolitanas de Lisboa e do Porto que, em conjunto, ocupam cerca de 5.5% do território português. A densidade populacional das áreas metropolitanas com um valor de 1.013hab/Km² contrasta fortemente com a densidade populacional do restante território com o valor de 63hab/km².

Estes números são reveladores da desigualdade existente na distribuição da população em Portugal, revelando-se deficitária em muitas zonas, o que torna evidente a necessidade de medidas que invertam esta situação.

Há muitos anos que, em Portugal, o litoral exerce atracção sobre o interior. Este tende a ficar cada vez mais escassamente povoado. Há aldeias onde só ficaram os idosos, pois a maioria dos jovens já emigrou.

Quadro 1 Densidade populacional por município em 2001 e 2011



Fonte: (INE R. P., 2011)

A crescente litoralização do país e consequente desertificação das zonas rurais e, em especial, do interior é uma matéria actual e muito discutida no país.

Segundo dados do INE de 2011, 81% da população portuguesa concentra-se nos dez distritos costeiros. A densidade populacional destas regiões é de 202hab/Km², enquanto que os distritos do interior do país contam com 38hab/Km².

Nestas duas situações expostas verifica-se que Portugal não utiliza bem o seu território, deixando 54,4% deste, a que pertencem os distritos do interior e onde somente residem 18,6% da população portuguesa continental, pouco povoado.

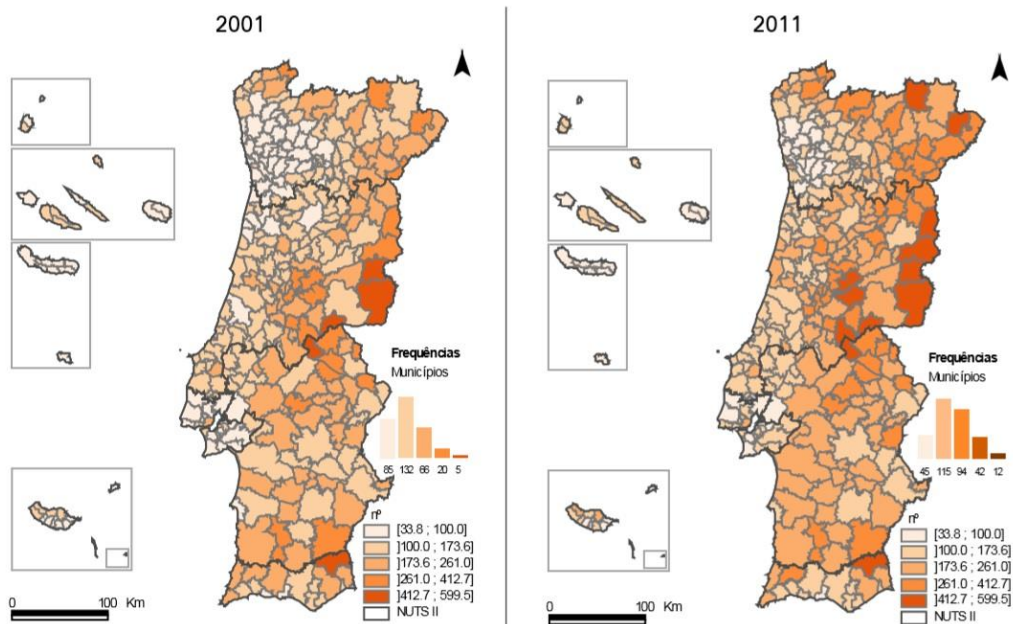
Preocupante é, também, o que o envelhecimento da população representa para um país já por si desigual.

No século XXI, este irá ser, segundo o relatório dos Censos 2011 – Resultados Provisórios, um dos fenómenos demográficos mais preocupantes das sociedades modernas. Em Portugal, a proporção da população com 65 ou mais anos é, em 2011, de 19%⁶ valor que contrasta com os 8%⁶ verificados em 1960, e com os 16%⁶ da década anterior.

⁶ (INE R. P., 2011)

As Regiões do Alentejo e Centro são as que apresentam os maiores valores de envelhecimento, respectivamente, 179⁷ e 164⁷ idosos para cada 1000 habitantes.

Quadro 2 Envelhecimento da população em Portugal entre 2001 e 2011



Fonte: (INE R. P., 2011)

O agravamento do envelhecimento da população portuguesa verifica-se hoje em dia na generalidade do território nacional.

O relatório dos Resultados Provisórios dos Censos 2011 do INE, indica que “apenas 16 dos 308 municípios apresentam em 2011 indicadores de envelhecimento inferiores aos verificados em 2001”⁷.

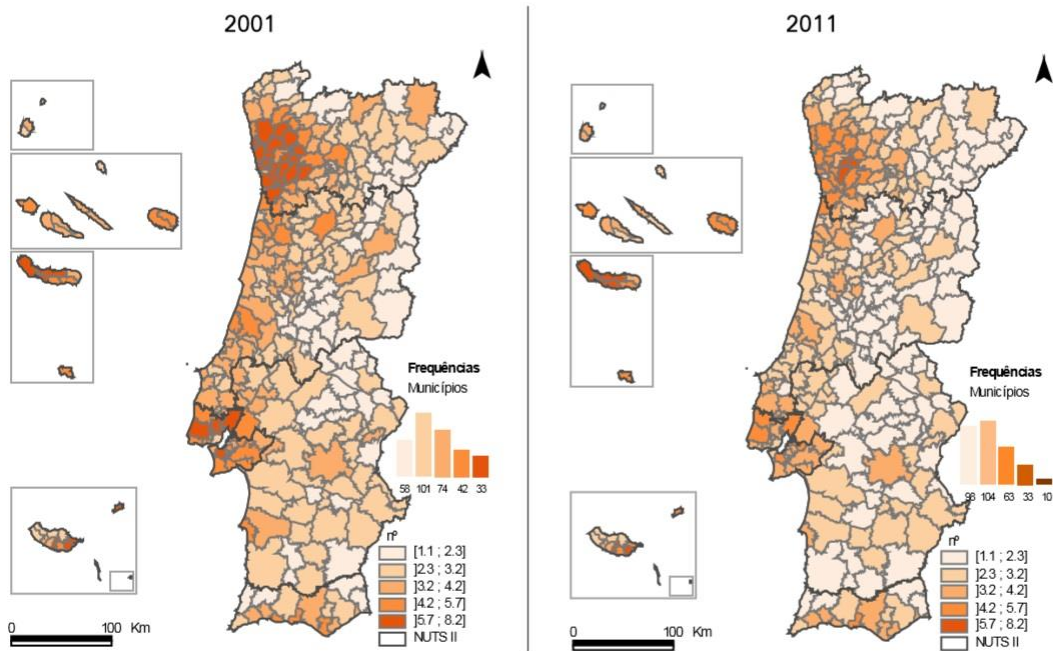
Penamacor, município do distrito de Castelo Branco, apresenta o maior índice de envelhecimento do país, com 599 idosos por cada 1000 habitantes.

Embora o envelhecimento da população portuguesa esteja muito marcado nos municípios do interior, este fenómeno é evidente em todo o território.

Outro aspecto importante a referir é o índice de sustentabilidade potencial que possibilita uma avaliação sobre o peso que população idosa exerce na população activa. Este índice complementa a leitura dos indicadores sobre envelhecimento anteriormente apresentados.

⁷ (INE R. P., 2011)

Quadro 3 Índice de sustentabilidade potencial em Portugal entre os anos 2001 e 2011



Fonte: (INE R. P., 2011)

O quadro 3 mostra o agravamento do índice de sustentabilidade potencial - número de indivíduos activos por cada indivíduo com 65 ou mais anos - comparando a situação do ano de 2001 e de 2011. É um fenómeno comum e frequente em todo o território português.

O índice de sustentabilidade potencial que os Censos de 2011 apuraram para Portugal foi de 3,4. “Na última década este indicador agravou-se. Em 2001 era de 4,1”⁸.

Comparando os dois anos, o número de municípios cujo índice de sustentabilidade é menor ou igual a 2,3 aumentou de 58 para 98.

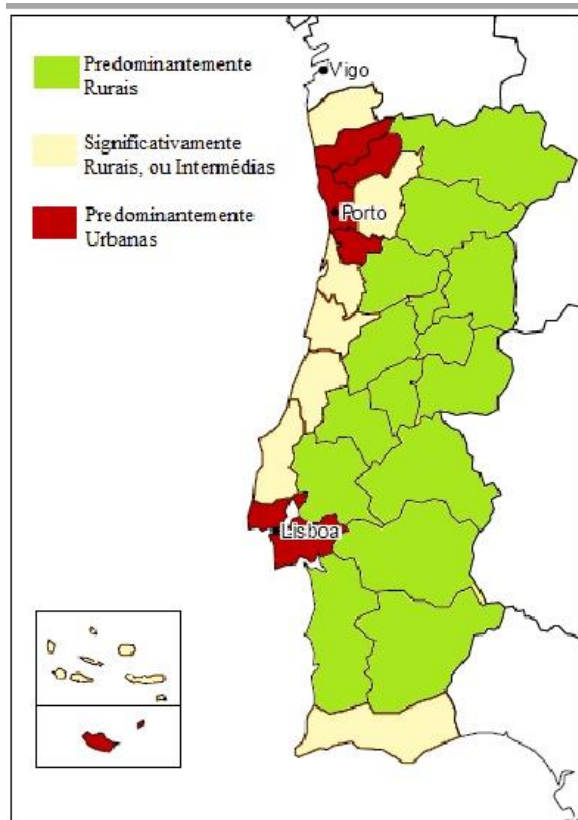
Três concelhos do interior de Portugal, Penamacor, Vila Velha de Ródão e Idanha-a-Nova, apresentam os indicadores mais preocupantes, tendo cerca de 1 pessoa em idade activa para cada idoso.

⁸ (INE R. P., 2011)

2.3 Portugal e o desenvolvimento rural

Em 2007, cerca de 45% da população portuguesa vivia em zonas rurais, as quais ocupavam 86%⁹ do território. O quadro 4 mostra graficamente a distribuição das zonas rurais por Portugal, usando a metodologia proposta pela OCDE.

Quadro 4 Mapa de distribuição das zonas urbanas e rurais em Portugal



Fonte: (SIMÃO, 2009)

Esta distribuição desigual da população portuguesa é consequência da forte emigração que se verificou, como vimos, sobretudo nos anos 60 e 70 do século XX. No entanto, a adesão de Portugal à CEE em 1986 veio contrariar em parte esta tendência.

O país beneficiou muito da vinda de fundos estruturais que incentivaram e desenvolveram zonas que, até então, tinham sofrido um grande despovoamento. Acima de tudo, essa inclusão fomentou a coesão económica e social.

O despovoamento das zonas rurais trouxe com ele várias consequências. O descuido e o consequente mau estado da paisagem e o aumento dos riscos de

⁹ (GABINETE DE PLANEAMENTO E POLÍTICAS)

incêndio nas florestas, a degradação do património e da cultura deste tipo de zonas são resultados da falta de intervenção nestes territórios.

Nas últimas décadas a problemática do despovoamento e dos poucos incentivos às zonas rurais, tem sido alvo de estudos para procurar iniciativas que contrariem esta tendência.

Assiste-se actualmente a um conjunto de políticas apoiadas em programas de desenvolvimento regional com bons fundamentos conceptuais, mas, em muitas ocasiões, com baixas participações, dado que se têm de cumprir os critérios de *Maastricht*.

Por contraste, assiste-se a mega iniciativas nos grandes centros urbanos nacionais, envolvendo volumosos investimentos, como a Expo 98 e o Euro 2004, em Lisboa e o Porto 2001.

Apesar de tudo, existem várias estratégias que fomentam o desenvolvimento rural, destacando o PENDER, onde se debate somente esta temática. Este plano enfatiza o papel da diversificação das actividades nos meios rurais como forma de superar a forte dependência face aos sectores tradicionais agro-silvo-pastoris, então em declínio.

O que se pretende, no fundo, é fomentar o aumento da integração, na economia rural, do sector terciário a partir da *“rentabilização dos recursos patrimoniais existentes, culturais e naturais, e da diversificação das actividades tradicionais, como fontes alimentadoras de procuras e de investimentos emergentes”*¹⁰.

2.4 O turismo em Portugal

Portugal, situado na zona mais ocidental da Europa, é um país onde as suas riquezas naturais e históricas predominam em todo o território. Em cada lugar encontra-se algo para contar.

Amplamente conhecido pelo sol, praias, gastronomia e herança cultural e patrimonial, o país é visitado, anualmente, por cerca de 7 milhões e meio de turistas

¹⁰ (SIMÃO, 2009)

O Turismo como motor de desenvolvimento de zonas com tendência ao despovoamento

Os concelhos de Idanha-a-Nova e de Penamacor como casos de estudo

estrangeiros, e 6 milhões de portugueses fazem turismo dentro do país. No total o número de turistas é superior à população residente em Portugal (10 561 614hab.¹¹).

Os turistas procuram em Portugal o que este oferece de melhor. Existe já um turismo organizado para a promoção das extensas e numerosas praias portuguesas, refúgios naturais que presenteiam os turistas com um verdadeiro descanso quase todo o ano. Lisboa e o Algarve são as regiões mais visitadas em Portugal Continental devido à sua localização, acessibilidade, património, clima e praias.

Mas, de norte a sul, do interior ao litoral, nestes quase 900 anos de história portuguesa, encontram-se variadíssimos vestígios de acontecimentos que se viveram no território. A História deste território revela-se desde a pré-história, passando pelos romanos, pelos Suevos e Visigodos, pelos mouros, à fundação da nação portuguesa no norte, às conquistas até aos “Algarves”, pelas explorações através do mar, pelos descobrimentos que levaram Portugal a converter-se num dos dois maiores impérios do mundo.

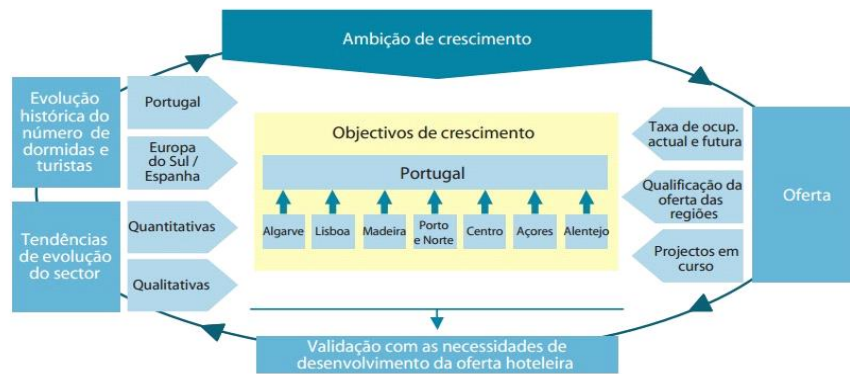
Estão, também, ainda muito presentes, as muitas batalhas entre Portugal e Castela, e no princípio do séc. XIX, as sucessivas invasões francesas, que assolaram o interior do país. Tudo isto fez com que em cada canto de Portugal haja uma história para contar.

O país atravessa, hoje, um dos momentos mais difíceis a nível económico e social, com a dívida externa extremamente alta para a produção do país, uma elevada taxa de desemprego e uma acentuada diminuição do poder de compra da população. Para se inverter a situação têm que se criar motores para o seu desenvolvimento.

O Turismo de Portugal ambiciona que o país seja num futuro próximo, um dos destinos turísticos mais procurados e de maior crescimento na Europa, fazendo do sector um dos motores para o crescimento da economia, com a qualificação e a competitividade da oferta como factores muito relevantes.

¹¹ (INE R. D., 2011/2012)

Quadro 5 Processo de definição dos objectivos de crescimento



Fonte: Análise Roland Berger

Fonte: (TURISMO DE PORTUGAL, 2007)

Nos dados facultados pelo Turismo de Portugal na sua página na internet indiciam a ambição no aumento do número de turistas 5%, ou mais, para a ordem dos 21 milhões de turistas estrangeiros em 2015. Indiciam também um aumento das receitas na ordem dos 9% para 15,5 mil milhões de euros no mesmo ano. Para que se atinjam estes valores dever-se-ão identificar e requalificar os lugares relevantes para o incremento do turismo nacional e criados novos pólos de desenvolvimento turísticos, que permitirão tornar Portugal num destino mais competitivo.

A utilização de dados relativos à evolução histórica, e um *benchmark*¹², elaborado pelo Turismo de Portugal (TP), com regiões espanholas semelhantes serviram para determinar os objectivos de crescimento de dormidas do Plano Estratégico Nacional do Turismo (PENT).

O TP estudou também, para a elaboração das novas metas, os projectos hoteleiros já aprovados e a necessidade de camas para atingir os objectivos. O cumprimento dos objectivos traçados para 2015, terá em linha de conta a taxa de ocupação da oferta actual e pressupõe taxas de ocupação para os novos hotéis variáveis para cada região.

Em termos de turismo, Portugal é dividido em 6 Regiões de Turismo (RT) e em 6 Pólos de Turismo (PDT)¹³. Todas estas organizações turísticas têm como função

¹² “O Benchmarking pode definir-se como o processo sistemático de identificar, comparar e aprender através das experiências de sucesso. Este seminário versa diversas experiências de sucesso, que garantiram um modelo de turismo sustentável. Analisaram-se mais de 40 experiências de sucesso em diferentes países: Itália, França; Espanha; Holanda; Dinamarca; Inglaterra... A metodologia “Benchmarking” permitirá transferir estas iniciativas para as diferentes realidades turísticas de Portugal”. (QUALITIVIDADE, 2012)

¹³ RT do Porto e Norte, RT do Centro, RT de Lisboa e Vale do Tejo, RT do Alentejo, RT do Algarve, RT dos Açores, e RT da Madeira. Existem ainda seis PDT’s, PDT do Douro, PDT da Serra da Estrela, PDT do Oeste, PDT do Alqueva, PDT do Litoral Alentejano, PDT de Porto Santo.

O Turismo como motor de desenvolvimento de zonas com tendência ao despovoamento

Os concelhos de Idanha-a-Nova e de Penamacor como casos de estudo

promover e desenvolver o turismo na região onde estão implantados. Dispõem de páginas na Internet, para um melhor conhecimento da região, e aliciar os turistas a viver as experiências que propõem.

Este tipo de material de promoção torna-se um elemento chave para a promoção e conhecimento de Portugal dentro e fora do País, através da divulgação das potencialidades de cada região e dos os principais pontos de interesse.

Pretende-se conseguir, através destas organizações turísticas, tornar o turismo das regiões economicamente mais rentável e cultural e patrimonialmente mais rico.

As Regiões de Turismo são subdivididas e dirigidas por empresas que prestam serviços ao Turismo de Portugal. Estas proporcionam um trabalho mais pormenorizado em cada Região, focando um número maior de características a serem exploradas, quer a nível cultural, como patrimonial e ambiental.

Como já foi referido, a maior concentração de turistas ocorre em Lisboa e no Algarve. Tirando o Porto, a região do Douro e as cidades de Coimbra e de Évora, o restante território tem um fraco desenvolvimento turístico.

Toda a zona do interior é, já por si, bastante despovoada, não sendo o número de residentes proporcional às riquezas que estas regiões oferecem. Estas não são verdadeiramente aproveitadas, levando assim a um desinteresse por parte de todos os intervenientes da sociedade, desde os políticos, passando pelos residentes, até aos turistas.

Em 2011, os cerca de 13,5 milhões de turistas corresponderam a 39.400.315 dormidas, segundo dados do Turismo de Portugal, o que dá uma média aproximadamente de 3 dormidas por turista.

As regiões de Lisboa e Vale do Tejo, Algarve e Madeira registaram 57,7% do número de turistas e concentraram 72,5% do total de dormidas realizadas em Portugal.

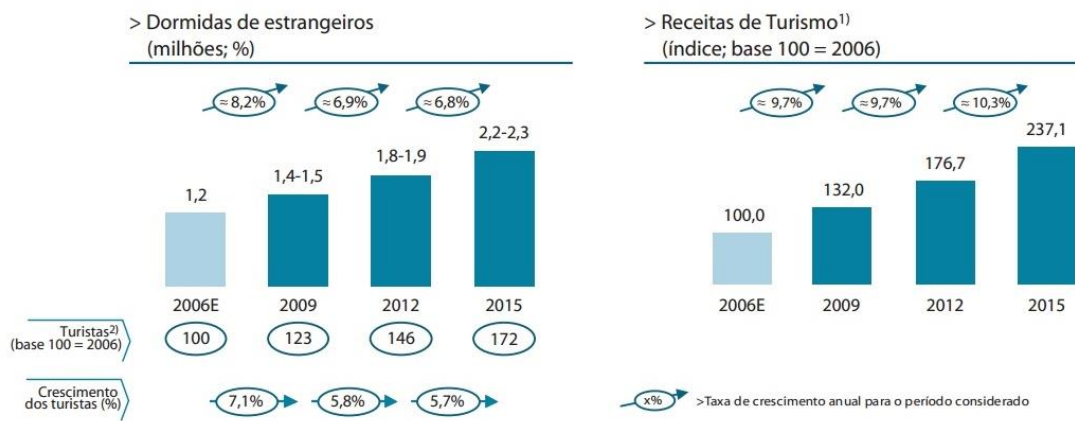
O Alentejo, reflete o que se passa também noutras regiões portuguesas onde o turismo é muito escasso, embora tenha a costa vicentina que no verão é bastante visitada. Em 2011, esta região recebeu 718.370 turistas, ou seja, 5,1% da totalidade de turistas que anualmente passeiam em Portugal.

2.5 O turismo nas regiões do interior

Portugal, como temos visto através de dados do INE e do TP, mostra uma desigualdade na distribuição da população e de riqueza entre as zonas do litoral e do interior. Segundo o TP, pretende-se aumentar o número de dormidas na zona Centro de Portugal.

Com um crescimento a uma taxa média anual de 7,3% e um aumento anual de 6,2% em número de turistas (hóspedes estrangeiros) pretende-se que a região consiga chegar aos 2,3 milhões de dormidas de estrangeiros já em 2015. Neste período, as receitas (proveitos totais em estabelecimentos hoteleiros) deverão crescer a um ritmo anual de 10%.

Quadro 6 Quadro para o número de turistas estrangeiros no Centro e respectiva receita gerada (2006-2015e)



1) Índice a monitorizar através dos proveitos totais em estabelecimentos hoteleiros
 2) Índice a monitorizar através dos hóspedes estrangeiros em estabelecimentos hoteleiros

Fonte: INE; DGT – Análise Roland Berger

Fonte: (TURISMO DE PORTUGAL, 2007)

Projecta-se, então, o crescimento do turismo na região Centro em número de turistas e em valor. Segundo o Turismo de Portugal, a atracção de turistas estrangeiros será feita através dos produtos de *Touring* e Turismo de Natureza.

Através da recolha do número de entradas que os principais postos de turismo de algumas freguesias do interior receberam, verifica-se que o número de visitantes nestas regiões é muito reduzido, o que traduz-se uma taxa de ocupação muito baixa (quadro 7).

Em Penamacor, por exemplo, o registo do número de entradas no posto de turismo em 2011 foi de, somente, 1650. A vila é sede de concelho, localiza-se junto à

O Turismo como motor de desenvolvimento de zonas com tendência ao despovoamento

Os concelhos de Idanha-a-Nova e de Penamacor como casos de estudo

fronteira e caracteriza-se por uma diversificação de natureza, paisagens, gastronomia e história muito rica, mas evidentemente pouco explorada.

Os principais municípios do interior, onde se destacam os seis concelhos, capitais de distritos, de Bragança, Guarda, Castelo Branco, Portalegre, Évora e Beja, são anualmente visitados por muito poucos turistas, havendo poucos pólos em destaque.

Em Évora, por exemplo, segundo dados de 2011, apesar de ser uma cidade rica em história, monumentos e cultura, foi visitada por apenas 133.941 pessoas, correspondentes a 18,7% do número de visitantes no Alentejo.

Quadro 7 Número de entradas em postos de turismo em 2011

Freguesia	Nº de visitantes	Visitantes nacionais	Visitantes estrangeiros	Freguesia	Nº de visitantes	Visitantes nacionais	Visitantes estrangeiros
Serpa	9952	4439	5513	Castelo Branco	6943	3942	3001
Castro Verde	1705	1007	698	Monsanto	30014	19111	10903
Beja	18204	10619	7585	Castelo Novo	13341	Sem referências	
Portel	4080	3346	734	Alpedrinha	3726	Sem referências	
Monsaraz	72422	Sem referências		Penamacor	1650	Sem referências	
Évora	133941	29577	104364	Belmonte	24139	Sem referências	
Estremoz	8390	4208	4182	Sortelha	52672	41504	11168
Vila Viçosa	12086	Sem referências		Guarda	15573	7092	8481
Avis	17910	15606	2304	Almeida	44416	24232	20184
Portalegre	4871	3413	1458	Vila Nova de Foz Côa	13134	8061	5073
Marvão	Sem referências			Macedo de Cavaleiros	1690	1380	310
Vila Velha de Ródão	Sem referências			Mirandela	3724	3160	564
Total	283561	72215	126838	Bragança	17317 ¹	1777 ¹	15540 ¹
				Total	228339	110259	75224

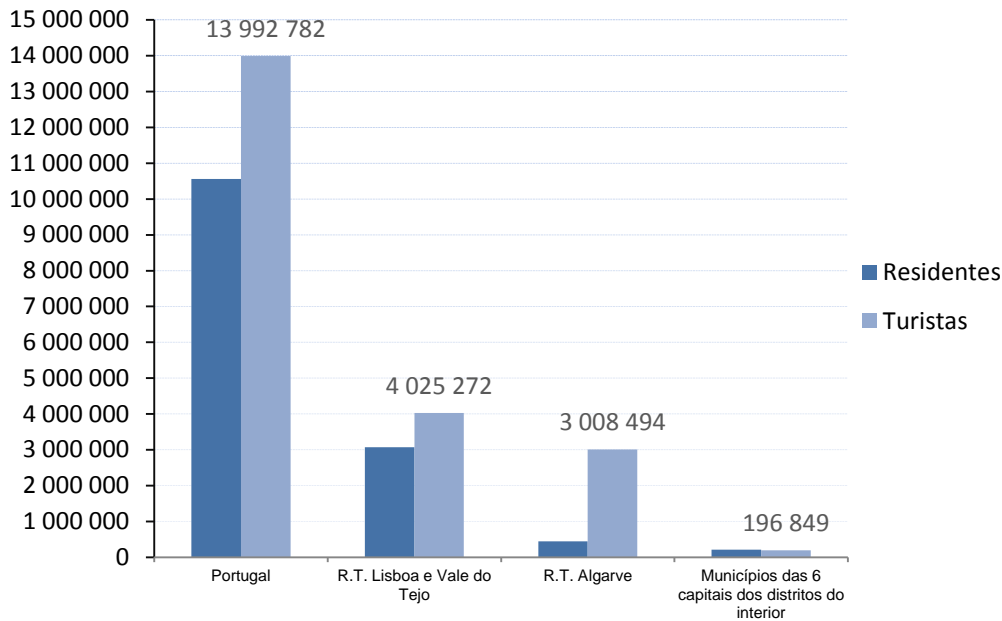
¹Dados referentes a 2009

Fonte: Recolha, pelo autor, de informação através dos Postos de Turismo em 2012

O Turismo como motor de desenvolvimento de zonas com tendência ao despovoamento

Os concelhos de Idanha-a-Nova e de Penamacor como casos de estudo

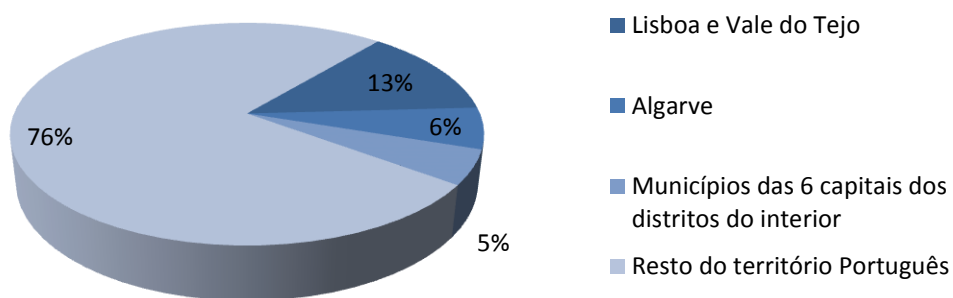
Quadro 8 Tabela de comparação do número de visitantes entre o território nacional com NUTS e 6 municípios do interior



Fonte: (TURISMO DE PORTUGAL, 2007); (Postos de Turismo); (INE R. D., 2011/2012)

Nas capitais dos 6 distritos mencionados, municípios que detêm 5% do território português, em 2011 foram registadas 196.849 pessoas (quadro 8) que entraram nos postos de turismo, sendo que 68% deste valor se registou na cidade de Évora, como mostrado no quadro 9.

Quadro 9 Valor percentual do número de visitantes entre as NUTS e 6 municípios do interior em Portugal



Fonte: Turismo de Portugal e I.N.E.

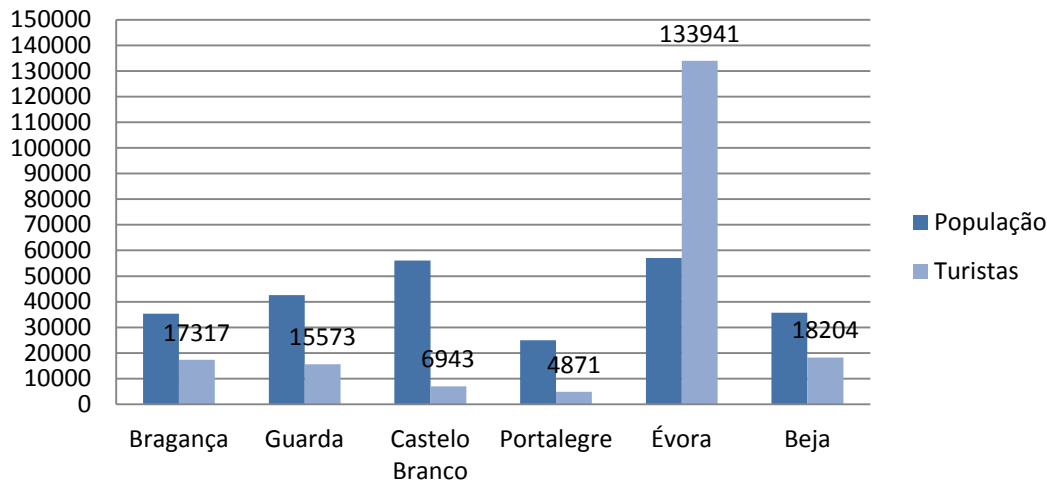
Olhando atentamente para o quadro 10, em que compara a população residente e o número de turistas que entraram nos postos de turismo nos municípios das capitais dos distritos do interior, nota-se que somente Évora consegue receber

O Turismo como motor de desenvolvimento de zonas com tendência ao despovoamento

Os concelhos de Idanha-a-Nova e de Penamacor como casos de estudo

mais turistas anualmente do que o número de população residente no município. Em todos os outros municípios verificam-se números reduzidos de turistas em visita.

Quadro 10 Tabela de comparação da população residente e turistas em 6 municípios do interior



Fonte: (INE R. D., 2011/2012) (TURISMO DE PORTUGAL, 2007)

Para justificar estes dados, pode-se pensar que Évora foi, das cidades aqui referidas, a única a fazer um forte apelo ao turismo. Aliada com alguns municípios que se localizam perto, como Estremoz, Vila Viçosa e Elvas, Évora tornou-se o maior pólo turístico de todo o interior. Pode-se ainda pensar que Évora está favorecida ainda por uma autoestrada que a liga a Lisboa e a Espanha em uma hora de distância. Évora é um ponto de paragem para turistas vindos de Espanha, muitos de Madrid, que se dirigem ou regressam a Lisboa.

Os restantes municípios perdem com a fraca promoção turística e com a dificuldade de acesso a estas.

Beja é a única capital do interior que tem um aeroporto internacional; contudo com uma adesão e uma utilização, ainda, muito fracas.

Castelo Branco foi o único município do interior que desde 2001 aumentou a sua população. A sua economia cresceu e afirmou-se como uma das capitais mais importantes. Os seus maiores atractivos turísticos não se inserem, propriamente, na cidade, mas sim no campo. Neste distrito localizam-se algumas aldeias históricas, parques e reservas naturais, e uma das mais conceituadas termas em Portugal, as Termas de Monfortinho. Do lado espanhol, foi construída uma autoestrada que liga Madrid a Moraleja, a cerca de 15 km de Monfortinho.

A Guarda, apesar da sua boa localização, que a liga a Madrid, Lisboa e Porto com facilidade, não tem registado um aumento do número de turistas. Ao seu redor, existem várias atracções turísticas que permitem que o turismo ainda sobreviva nesta região cheia de história.

Bragança e Portalegre registam os níveis de população residente mais baixos destes seis concelhos. A cidade transmontana regista a terceira maior taxa de visitas. Muito se deve aos meses de Julho e Agosto, quando os emigrantes retornam às suas origens. Contudo, Bragança é de difícil acesso, e assim como Portalegre, que regista o menor número de turistas, pouco promovidos, o que faz com que seja em dias sazonais que se verifica o maior índice de visitas.

É nestas regiões que o turismo tem que se organizar e se promover como um todo, fazendo assim com que a diversidade seja atractiva e um factor que resolva e aumente o número de visitantes ao interior de Portugal.

2.6 Proposta de desenvolvimento do turismo no interior

O turismo tem-se afirmado como um dos principais sectores da economia portuguesa e é uma “*forte oportunidade para o desenvolvimento do sector a nível qualitativo e quantitativo*”¹⁴. Em 2004, o sector representava cerca de 11% do PIB português. Contudo, Portugal depende do desempenho das regiões do Algarve, de Lisboa e da Madeira, e da sazonalidade, fazendo com que o país tenha perdido quota de mercado a nível internacional.

O Plano de Estratégia do Turismo para o Interior de Portugal (PETIP) que é resumidamente apresentado neste trabalho desenvolve-se face aos problemas que a região tem vindo a sofrer. Impõe-se, como proposta base para uma intervenção estratégica para atrair turismo e revitalizar um interior sempre muito ruralizado e agrícola, que se faça através de acções definidas de promoção e de reabilitação das estruturas que servirão de ponto de visita e de acolhimento dos turistas.

Portugal necessita de se afirmar perante um número crescente de ofertas concorrenciais. E é aí que, uma estratégia de actuação nas regiões do interior pode ser um factor crucial para a afirmação do país a nível mundial.

¹⁴ (TURISMO DE PORTUGAL, 2007)

Devido a diversos factores mencionados anteriormente, é elaborada uma proposta, com medidas que servem de base para a formação de um desenvolvimento turístico em toda a zona raiana portuguesa.

Ora as grandes características preocupantes do interior são:

- Ruralidade da vida;
- Despovoamento e o envelhecimento da população residente;
- Uma economia pouco sustentável e com falta de ambição;
- Falta de cuidado, fraco, na preservação do conteúdo histórico, arquitectónico, cultural e ambiental;
- Fraca presença de turistas;

O aprofundamento dos factores acima mencionados é de extrema importância para um entendimento dos resultados que se obtém em regiões como estas.

O interior tem vindo a apostar numa preservação do seu património. Mas pelos dados, genéricos e de locais que indicam o que se passa no interior, acima referidos, o dinheiro gasto não é devolvido pelos poucos turistas que visitam o interior.

Para fazer face à pouca receita que o interior recolhe a nível turístico, propõe-se neste trabalho um roteiro turístico que engloba todo o universo do interior do país.

Este quer trazer, de novo, vida às zonas rurais concedendo-lhes maior autonomia económica e assim trazer nova vida e riqueza às populações.

2.6.1 Proposta de roteiro e principais medidas

A valorização do território português é um bem essencial e, para uma boa imagem de Portugal no estrangeiro, tem que se começar por evidenciar certos factores próprios que o distinguem dos restantes mercados.

Tal como no PENT, os factores “Clima e luz”, “História, Cultura e Tradição”, “Hospitalidade” e “Diversidade concentrada”, bem como os elementos que “*qualificam Portugal para o leque de opções dos turistas*”¹⁵, como é o caso da “Autenticidade moderna”, “Segurança” e “Qualidade competitiva”, são factores que o PETIP assume e relança para promover um novo mercado em Portugal. Estes são factores que

¹⁵ (TURISMO DE PORTUGAL, 2007)

O Turismo como motor de desenvolvimento de zonas com tendência ao despovoamento

Os concelhos de Idanha-a-Nova e de Penamacor como casos de estudo

caracterizam Portugal e que o interior tem que vender para a sua promoção no estrangeiro. Portugal ambiciona crescer anualmente 5% no número de turistas internacionais, atingindo os 20 milhões de turistas em 2015. O PETIP marca a sua meta para o ano de 2020, ambicionando que 1,5% dos turistas que aterram em 9 aeroportos seleccionados, que cercam o novo circuito na Península Ibérica, visitem o interior português.

Devido aos números registados nos anos de 2010 e 2011, o Reino Unido, a Espanha, a Alemanha e a França são mercados que devem ser alvo de uma promoção para assegurar o crescente número de visitantes, em especial na época baixa, ou seja, de Outubro a Maio. É nesta altura que na zona do interior existem vários acontecimentos tradicionais e se desenrola a época da caça. Estes variados acontecimentos tradicionais fazem com que se aumente a comercialização de bens regionais, como o caso dos produtos agro-alimentares e de peças de vestuário, transformando este último numa marca forte, moderno-rural (o produto tradicional com um toque moderno e comercializável). Já a caça é um acontecimento importante para estas zonas rurais, pelo que devem ser consolidadas certas zonas cinegéticas para um aumento do número de caçadores estrangeiros. Isso trará mais ocupação hoteleira, mais refeições, e mais licenças de caça.

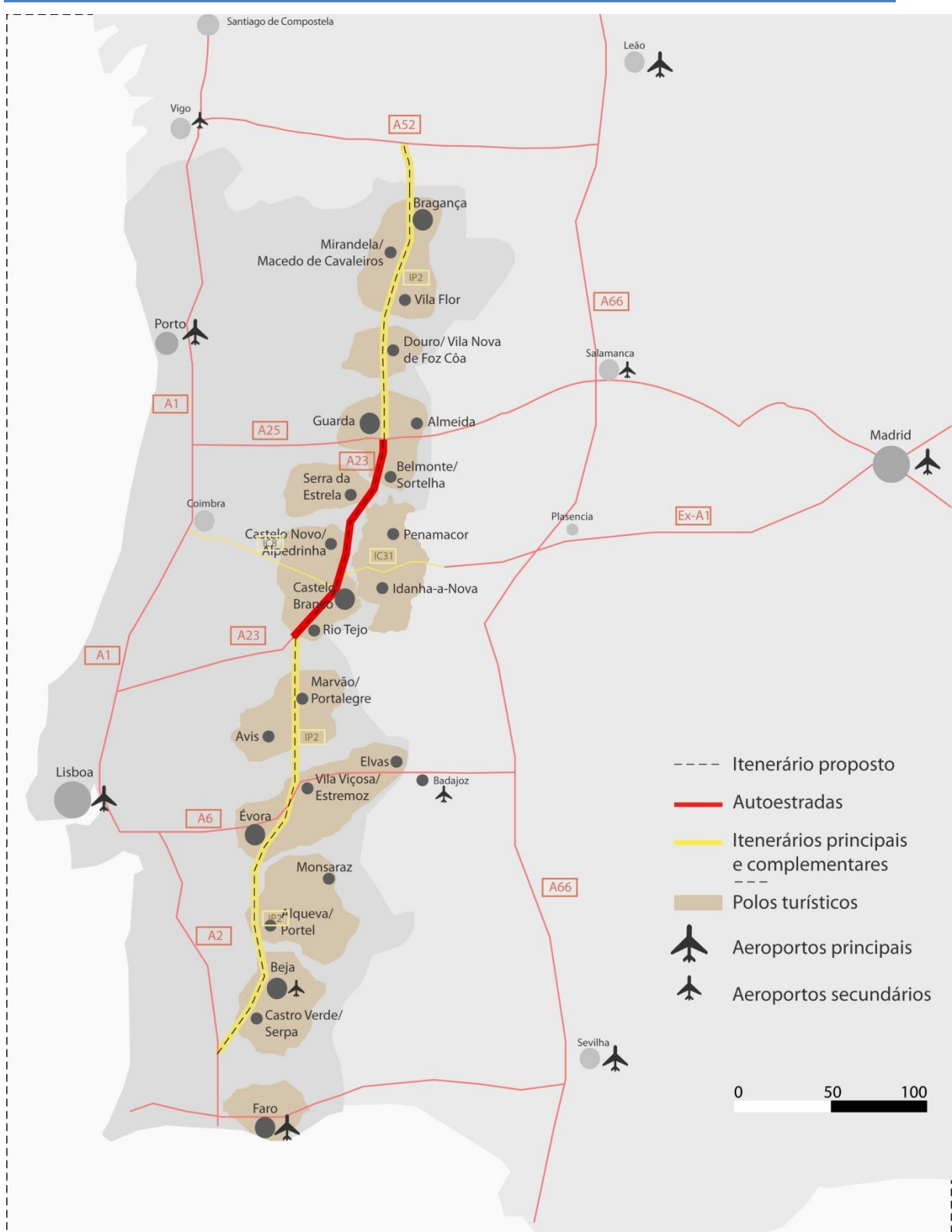
Os países escandinavos, a Itália, o Brasil, o México, a Rússia, os Estados Unidos da América, o Japão, a Holanda e a Bélgica são mercados que devem revelar, através de uma boa promoção nestes países e de um reforço da notoriedade do “Destino Portugal”, e neste caso do “Destino Interior Portugal”, nestes países, um crescimento absoluto no número de turistas.

O roteiro turístico proposto é ambicioso, sendo que é projectado um percurso a principiar no aeroporto mais próximo, de Faro até Bragança, passando por toda a zona raiana. Através do realçar do IP2, da A25 e da A23, é traçado todo um percurso que levará os turistas a poder percorrer Portugal, num roteiro pouco conhecido e com muita e variada oferta. Este caminho raiano conduz a pólos turísticos cujo seus conteúdos são específicos e distintivos, tornando todo o percurso diversificado.

O Turismo como motor de desenvolvimento de zonas com tendência ao despovoamento

Os concelhos de Idanha-a-Nova e de Penamacor como casos de estudo

Figura 1 Mapa do roteiro turístico proposto com os diversos pólos



O Turismo como motor de desenvolvimento de zonas com tendência ao despovoamento

Os concelhos de Idanha-a-Nova e de Penamacor como casos de estudo

O percurso entrará ainda em Espanha, até à A52 que, a partir daí, distribuirá os turistas para os aeroportos de Vigo, podendo, ainda, visitar Santiago de Compostela, ou, então, ir até Leão ou Oviedo, onde não só poderão fazer turismo nesses locais, ou em zonas intermédias, como também, poderão apanhar os aviões de volta para os seus destinos de residência. Este percurso falar-se-á de sul para norte, podendo, claro, fazer-se no sentido inverso.

Quadro 11 Características turísticas dos 10 pólos propostos e da região de Faro

Pólos	Municípios	Características turísticas
1	Bragança	Vida cidade-rural, arquitectura militar, arquitectura em granito - solarenga e popular-, gastronomia, rota da castanha, rota do frio
	Macedo de Cavaleiros	
	Mirandela	
	Vila Flor	
2	Douro	Gravuras rupestres, cruzeiros, paisagem de rio, rota das arribas, enoturismo.
	Vila Nova de Foz Côa	
3	Almeida	Castelos templários, aldeias históricas, ecoturismo, rota das judiarias, paisagem florestal, arquitectura solarenga, vida cidade-rural, arquitectura religiosa.
	Belmonte	
	Guarda	
	Sortelha	
4	Covilhã	Gastronomia, rota da lã, rota dos vales glaciários, rota das descobertas, estâncias de montanha, arquitectura religiosa.
	Seia	
	Serra da Estrela	
5	Idanha-a-Nova	Aldeias históricas, castelos templários, rota romana, parques e reservas naturais, caça paisagem agrícola, arquitectura rural em granito, gastronomia, turismo termal.
	Penamacor	
6	Alpedrinha	Paisagem montanha, paisagem rio, cruzeiro, vida cidade-rural, arquitectura quinhentista e solarenga, arquitectura militar, enoturismo.
	Castelo Branco	
	Castelo Novo	
	Rio Tejo	
7	Avis	Paisagem florestal, arquitectura militar, gastronomia.
	Marvão	
	Portalegre	
8	Estremoz	Arquitectura militar, solares alentejanos, gastronomia, vida cidade, enoturismo, paisagem agrícola, rota dos montes.
	Évora	
	Vila Viçosa	
9	Alqueva	Paisagem agrícola, rota do Lago, arquitectura muçulmana.
	Monsaraz	
	Portel	
10	Beja	Arquitectura rural em calcário, arquitectura militar, gastronomia, vida cidade-rural, paisagem agrícola
	Castro Verde	
	Serpa	
	Faro	Rota das praias, arquitectura árabe e muçulmana, gastronomia

Fonte: Quadro do autor

O roteiro pelo interior é subdividido em dez polos turísticos (quadro 11), iniciando-se, e não contabilizando, a região de Faro. Na figura 1 pode-se ver o roteiro turístico proposto, podendo-se ver no anexo 7.1 em maior escala.

Todos estes pólos turísticos de desenvolvimento permitem uma diversificada oferta turística; no entanto, é “*necessário assegurar a implementação de modelos de desenvolvimento sustentado*”¹⁶.

Nos dias de hoje, existem várias áreas turísticas espalhadas pelo país. Este circuito tem como objectivo ligar todas estas áreas no interior de Portugal, e fazendo com que eles, estando a trabalhar no seu campo, façam parte de um projecto definido para o interior nacional.

Para potencializar todo o circuito, é necessário que cada polo se potencie, com as suas características e infraestruturas, reflectindo a vasta gama de produtos que oferece. É natural que toda esta região raiana, que dispõe de boas condições climáticas e de riquíssimos recursos naturais e culturais, comece por promover a boa qualidade das condições para turismo.

Características e conceitos como o Sol, o Touring Cultural e Paisagístico, o City Break, o Turismo de Negócios, o Turismo de Natureza, o Turismo Náutico, a Saúde e Bem-estar, os Resorts Integrados e Turismo Residencial, e a Gastronomia e Vinhos, são os pontos de referência para um turismo diversificado e de qualidade que alicia qualquer pessoa e de todos os tipos de condição financeira.

Os preços, mesmo havendo um aumento significativo do turismo, deverão ser estáveis, de modo que o destino se venda como “acessível”.

Pretende-se ainda que seja partilhada com os turistas momentos da História e da Cultura portuguesa. Para tal, devem-se adequar os horários de funcionamento dos edifícios relevantes que contenham parte da história portuguesa e reforçar o conceito da riqueza da gastronomia portuguesa pela criação de pratos de referência.

Para um envolvimento mais pessoal com os turistas, deverá ser assegurada animação local, sendo que os turistas deverão ser integrados no evento fazendo-os sentir-se parte da festa.

¹⁶ (TURISMO DE PORTUGAL, 2007)

Os produtos regionais deverão ser enriquecidos, desenvolvendo e inovando os conteúdos tradicionais dos pólos turísticos deste roteiro, para que assim, haja sempre uma maior diversificação na oferta.

Todas estas ofertas e melhoramentos trarão mais actividade económica, fazendo assim com que a restauração, a hotelaria, as reservas e parques naturais, museus e espetáculos tragam uma maior receita a todo este projecto, beneficiando todos os grupos sociais e aumentando o valor económico da região.

Para a valorização do destino Interior Portugal, dever-se-á tornar a qualidade urbano-rural, ambiental e paisagística numa componente fundamental do produto turístico, constituindo as conhecidas Zonas Turísticas de Interesse (ZTIs).

Para um destaque do percurso proposto e para uma promoção que chegue a nível internacional, deverá ser realizado um filme com destaque em todas as áreas de referência da região, que passe desde a Natureza, à fauna, à arquitectura, à cultura, à gastronomia, passando ainda pelo desporto e bem-estar.

O canal de internet, as televisões, e a rádio, e uma presença para promoção e venda de pacotes nos países de interesse à região deverão fazer parte da estratégia desse destaque do roteiro turístico proposto neste trabalho.

O estímulo à investigação e a adopção de práticas inovadoras e modernas deverão ser uma constante preocupação do projecto de promoção, isto no sentido de aumentar a competitividade das empresas no sector.

Os sites das já existentes áreas turísticas deverão focar este projecto nacional nas suas páginas da internet, e a página deste roteiro deverá indicar todas estas zonas turísticas. Isto fará com que haja uma fácil procura por parte dos turistas, para que estes encontrem com facilidade o que procuram, e possam ver, na página de internet do roteiro nacional proposto, uma maior variedade de oferta turística. A página do roteiro funcionará como uma entidade que junta todos os polos turísticos numa só área dedicada ao turismo pelo interior português.

O PETIP baseia-se ainda no modelo do PENT e estrutura a sua acção em 5 eixos para execução com sucesso das linhas de orientação estratégica:

- “Território, Destinos e Produtos > Marcas e Mercados > Qualificação de Recursos > Distribuição e Comercialização > Inovação e Conhecimento”¹⁷

Para uma concretização destes 5 eixos é necessário uma implementação de 11 projectos de várias áreas e englobando múltiplas entidades:

- “Produtos, Destinos e Polos > II – Intervenção em ZTIs (Urbanismo, Ambiente e Paisagem) > III – Desenvolvimento de Conteúdos distintivos e inovadores > IV – Eventos > V – Acessibilidade Aérea > VI – Marcas, Promoção e Distribuição > VII – Programa de Qualidade > VIII – Excelência no Capital Humano > IX – Conhecimento e Inovação > X – Eficácia do relacionamento Estado-Empresa > XI – Modernização Empresarial”¹⁷

Todos estes eixos deverão ser implementados e geridos por órgãos competentes de gestão do roteiro, sendo que estes deverão fazer parte da Secretaria de Estado do Turismo, do Turismo de Portugal e por três elementos das três áreas do roteiro, Bragança, Castelo Branco e Beja.

É ainda imprescindível que haja forte comunicação, para assegurar a mobilidade dos visitantes, e envolvimento das populações nas acções de desenvolvimento do PETIP com o intuito que estes tenham uma forte vontade para receber turistas nos seus locais. Estas medidas têm a pretensão de desenvolver uma cultura de excelência nas populações, nos agentes públicos e no sector empresarial.

Assim, as intervenções deverão focar-se na preservação e manutenção do património, nas actividades culturais, nos transportes públicos, na segurança, na limpeza e nos espaços públicos. Por fim, é ainda imprescindível, programar um calendário de animação local e de eventos.

2.6.2 Estratégia de promoção e rentabilidade

Devido à crise económica que o país enfrenta, esta proposta de roteiro tem como principal objectivo o turista estrangeiro. Os nacionais deverão baixar o seu fluxo turístico em Portugal, não deixando, porém, em determinadas datas, épocas sazonais e festivas por tradição, de visitar as regiões.

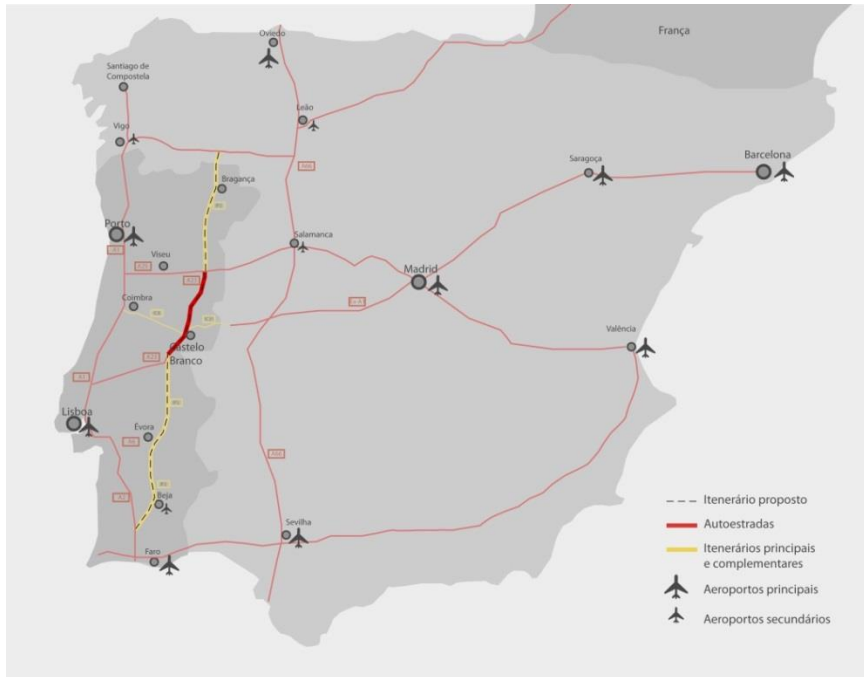
¹⁷ (TURISMO DE PORTUGAL, 2007)

O Turismo como motor de desenvolvimento de zonas com tendência ao despovoamento

Os concelhos de Idanha-a-Nova e de Penamacor como casos de estudo

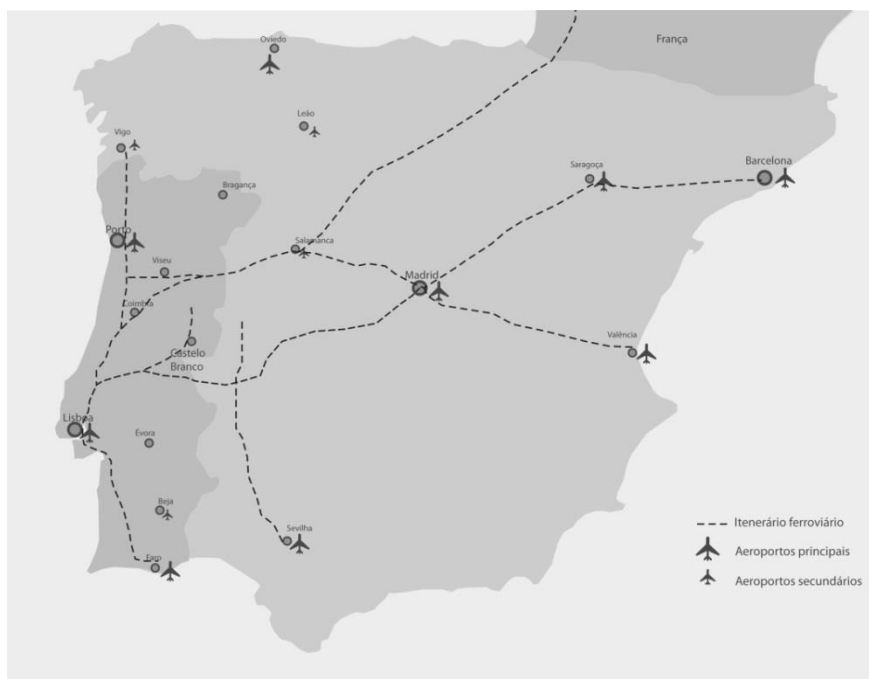
Face à expansão e desenvolvimento que os mercados oriundos da América Latina e da Ásia têm tido, juntamente com o mercado oriundo do norte da Europa e dos Estados Unidos da América, estes deverão ser, por estratégia, aqueles a quem este projecto de roteiro se deverá direccionar.

Figura 2 Proposta do PETIP no contexto da Península Ibérica



Fonte: Mapa do autor

Figura 3 Linhas férreas na Península Ibérica de interesse para o PETIP



Fonte: Mapa do autor

Teremos em destaque três formas de entrar neste roteiro a nível internacional - a via aérea, a via ferroviária e a via rodoviária.

Vários aeroportos em Portugal e em Espanha serão a porta de entrada para este roteiro, fazendo assim com que haja um maior campo de acção e de busca de turistas. No caso português, estes terão transferes para os principais polos do roteiro ou poderão alugar carros e fazer, com motorista ou não, o percurso ou parte dele.

Para quem gosta mais de desfrutar as viagens por via ferroviária, Castelo Branco e a Guarda serão os únicos pontos de chegada como portas de entrada para este roteiro. Vemos na figura 3 que através da Linha da Beira Alta e da Beira Baixa os turistas vindos de Lisboa, Porto e Espanha podem entrar no interior português e desfrutar todas as ofertas que, este, propõe. Outra alternativa que se destaca, é um comboio regional que liga Sevilha à Estremadura espanhola, onde Beja e Castelo Branco farão a ligação e trarão os turistas para as regiões do interior português.

Como vemos nas estimativas do quadro 12, as cidades de Bragança, Castelo Branco e Beja, irão aliciar os turistas nos mercados emergentes e economicamente favoráveis para este roteiro. Juntamente com os sites servirão como porta de entrada para todo este roteiro. Estes turistas terão um vasto número de aeroportos para a sua aterragem, devido à proximidade destes do roteiro.

As cidades promotoras farão uma divulgação de todo o roteiro. Irão buscar aos demais aeroportos os turistas, e elas próprias serão as portas de entrada do roteiro, que levarão os turistas aos demais lugares interessantes a visitar.

As cidades com funções de promover o roteiro são economicamente ajudadas pelos outros pólos que se inserem nos roteiros para assim, haver uma forte e consistente promoção que alicie o máximo de turistas.

O objectivo é as cidades promotoras conseguirem trazer, no ano de 2020, 2% dos passageiros que aterram em alguns aeroportos que cercam o percurso proposto em 2011. Excepção para o aeroporto de Madrid e Barcelona por questões distância, o objectivo é atrair 0,6% e 0,075% dos passageiros respectivamente, que anualmente aterram nestas cidades.

O quadro 12 indica em que cidades é que Bragança, Castelo Branco e Beja vão promover o roteiro turístico pelo interior português. Mostra ainda as chegadas que se registaram em 2011 nos diversos aeroportos. Nestes dados é aplicada a taxa de 2% e 0,6% e 0,075% para uma previsão do número de visitantes que, em 2020, se

O Turismo como motor de desenvolvimento de zonas com tendência ao despovoamento

Os concelhos de Idanha-a-Nova e de Penamacor como casos de estudo

esperam em registo, a fazer este roteiro turístico. Espera-se que nesse ano as cidades promotoras tragam, através de transferes por iniciativa do PETIP, 770.491 turistas estrangeiros visitem este percurso.

Quadro 12 Número de visitantes que, aterrando nos aeroportos vizinhos, se estima poderem usufruir do circuito proposto

Cidades promotoras	Aeroportos	Fluxo de chegadas 2011	Estimativa em % do número de visitantes que farão o circuito proposto		
			2% das chegadas (2011)	0,6% das chegadas (2011)	0,075% das chegadas (2011)
Bragança	Porto (estrangeiros)	2 540 010	63 500		
	Salamanca	37 257	931		
	Oviedo	1 339 010	33 475		
Castelo Branco	Lisboa (estrangeiros)	6 363 048	159 076		
	Salamanca				
	Madrid	49 671 270		298 028	
	Porto (estrangeiros)				
	Barcelona	34 398 226			25 799
Beja	Lisboa (estrangeiros)				
	Faro (estrangeiros)	2 625 306	65 633		
	Sevilha	4 959 359	123 984		
	Beja	2 600	65		
		101 936 086	446 665	298 028	25 799
			770 491		

Fonte: Quadro do autor

Os dados do Turismo de Portugal, apresentados na sua página web, indicam várias estatísticas e resultados entre os anos de 2010 e 2011, sobre o turismo em Portugal. Sabe-se que o número de dormidas em Portugal foi em média 1.85 por turista estrangeiro.

Sendo assim, e sabendo que o turismo de descanso/lazer é realizado durante mais dias, toma-se como referência, para este trabalho, uma média de 2 noites e 3 dias para cada turista em 2020.

Quadro 13 Tipo de turistas e rentabilidade estimada, em média, em 2020 por município

Tipo de turista	Despesa por turista (€)	Percentagem de turistas	Turistas 2020	(Turistas x Preço diário) x3 (€)	Pólos	Média de rentabilidade por Pólo (€)
City Break	50	20	154 098	23 114 730	10	48 540 933
Upscale	250	80	616 393	462 294 600		
		100	770 491	485 409 330		

Fonte: Quadro do autor

O quadro 13 indica a receita esperada do ano de 2020, não sendo contabilizado o custo do transporte de avião. Pode-se ver que é esperado que os turistas gastem 485.409.330€ no ano em que o PETIP colocou como meta.

Segundo o PENT, existem dois tipos de consumidores, o turista City Break e o turista Upscale. Estes dois têm comportamentos diferentes numa viagem, sendo que o turista Upscale, que representa entre 70% a 80% dos turistas, gasta, a nível nacional, em média 450€ por dia, excluindo o transporte de avião. Este tipo de visitantes aloja-se em hotéis *“de gama superior, compra refeições em restaurantes de prestígio e desloca-se de táxi ou em carro alugado com motorista”*¹⁸.

Já o turista City Break que representa à volta de 20 a 30% dos turistas, gasta em média 60€ por dia. É um turista que se aloja em pensões e hostels e utiliza transportes públicos. Segundo o Turismo de Portugal, é *“de salientar ainda que o Turismo de City Break tem uma baixa sazonalidade”*¹⁸.

Sabendo o que os tipos de turista despendem em média e sabendo o tempo de permanência média, é elaborada, no quadro 13, uma estimativa das receitas. Neste quadro são apresentados valores de receitas diárias inferiores ao turista médio em Portugal visto que o interior de Portugal apresenta preços reduzidos face ao litoral e pólos turísticos desenvolvidos. O turista City Break gasta em alojamento 15€, e em duas refeições/dia 20€. Os restantes 15€ serão para despesas de transporte e outras não definidas. Já o turista Upscale gasta por dia em alojamento 80€, 25€ por refeição, e o restante para as deslocações e outras não definidas.

A estimativa apresentada no quadro 13 mostra que cada pólo turístico neste roteiro deverá receber em média 77.049 turistas estrangeiros em 2020 e terá uma rentabilidade de 48.540.933€.

Estas estimativas, quando comparado com a projecção para a região centro em 2015, não parecem muito ambiciosas. O Turismo de Portugal pretende que haja, em 2015, 2,3 milhões de dormidas, e sabendo que cada turista permanece em média, 1,85 dias, faz com que seja estimado que 1.243.243 turistas estrangeiros visitem a região centro. O que dará, em média, 207.207 turistas por distrito.

Sendo a região centro menor e mais condicionada à diversidade de ambientes e estilos culturais, faz com que o número pretendido pelo PETIP de visitantes estrangeiros no roteiro proposto, de 770.491, para 5 anos depois da meta do

¹⁸ (TURISMO DE PORTUGAL, 2007)

O Turismo como motor de desenvolvimento de zonas com tendência ao despovoamento

Os concelhos de Idanha-a-Nova e de Penamacor como casos de estudo

Turismo de Portugal para a região centro, em 2020, do PETIP, não pareçam muito optimistas.

O Turismo como motor de desenvolvimento de zonas com tendência ao despovoamento

Os concelhos de Idanha-a-Nova e de Penamacor como casos de estudo

3 Detalhes de desenvolvimento do turismo no Pólo 5

3.2 Os concelhos

Os dois concelhos estudados neste capítulo têm uma história muito semelhante. Contudo, hoje em dia, vivem realidades muito diferentes.

Idanha-a-Nova tem vindo a apostar no turismo como forma de consolidar a sua posição no mercado, estando, hoje, cada vez mais desenvolvida. As suas freguesias foram alvo de recuperações urbanas, paisagísticas e arquitectónicas. Foram ainda criados centros de cultura em cada freguesia, lugar onde existe algo para contar sobre essa freguesia ou sobre uma actividade muito presente ao longo dos séculos.

Penamacor, ao contrário de Idanha-a-Nova, pouco despertou para o tema do turismo. Prova disto foi a inauguração do primeiro hotel do concelho em Setembro de 2012. Até lá, apenas casas de habitação e de turismo rural serviam os escassos visitantes do concelho. Apesar do espólio arquitectónico do concelho de Penamacor não ser tão vasto como o da Idanha-a-Nova, não se apostou forte na recuperação do existente, perdendo assim o grande valor que pode ter.

Para um melhor entendimento das semelhanças e das diferenças entre os dois concelhos, apresenta-se o quadro seguinte:

Quadro 14 Concelhos em estudo – semelhanças e diferenças

	Vestígios pré-históricos de ocupação;	Vestígios de romanização;	Ocupação dos povos Suevos e Visigodos;	Importância estratégico-militar durante a época medieval e até ao século XIX;	Importância estratégico-militar durante a época medieval e até inícios do século XX;	Grande aposta no turismo no início do século XXI;	Fraca aposta no turismo;	Forte êxodo rural;
Idanha-a-Nova	x	x	x	x		x		x
Penamacor	x	x	x		x		x	x

Fonte: Quadro do autor

Fica bem patente nesta discrição que Penamacor, apesar de ter uma história parecida à de Idanha-a-Nova, não foi capaz de se tornar num projecto de turismo sustentável.

Vejamos os traços mais relevantes de cada concelho para o tema em estudo:

- **Idanha-a-Nova**

Em Idanha-a-Nova, o adufe é das peças artesanais mais características do concelho - um instrumento musical, feito com o saber ancestral dos artesãos locais, que o concelho promove com orgulho.

Outros produtos populares são a cestaria de vime, os bilros, as rendas e os bordados.

Ainda neste concelho, existem instalações culturais com forte capacidade, como é o caso do Centro Cultural Raiano, a Praça de Touros e a Biblioteca, em Idanha-a-Nova.

Com cerca de 20% das empresas no sector primário, nota-se que este é ainda um sector muito importante para o município.

O sector terciário representa cerca de metade das empresas, tendo uma grande importância na economia e, em especial, para a sede do concelho.

As principais culturas no concelho de Idanha-a-Nova são a horta familiar, as culturas permanentes, como o caso do olival e das vinhas, e as culturas temporárias, como as forrageiras e as culturas hortícolas ao ar livre.

A pecuária tem grande peso na economia local, sendo que se destaca a criação de aves, ovinos, bovinos e equídeos.

A floresta, embora pouco densa, é também importante para o município.

- **Penamacor**

Penamacor, concelho onde celtas e túrdulos terão passado nas suas deslocações para sudoeste e noroeste, respectivamente, foi sempre política e militarmente importante.

Concelho essencialmente agrícola, desde há muito preserva a cultura do azeite, da azeitona de conserva e o queijo, produtos estes de “*largo escoamento*”¹⁹.

A mão de obra barata ajudou, quase até aos dias de hoje, a que industrialização no concelho não fosse efectuada. Aliado ainda à falta de recursos das pequenas explorações, sempre muito parceladas, e da distância às principais vias de

¹⁹ (CABANAS E. A.-V.-p., 2012)

comunicação para o escoamento dos produtos, Penamacor deixou-se atrasar no desenvolvimento industrial.

A pecuária é como no concelho de Idanha-a-Nova, um sector importante. Os bovinos e o gado lanígero “constituem o grosso dos efectivos”²⁰.

Apesar de ser um território em que os recursos humanos e a tecnologia são escassos, foi necessário desenvolver uma imagem de promoção forte e difundida. Foi a partir destes factores que a Câmara Municipal de Penamacor lançou a marca Terras do Lince. Estando este animal vinculado a uma serra com grande importância em Portugal, representa um veículo de promoção e divulgação da região e dos seus produtos.

3.2.1 O clima

Os concelhos que estão em estudo neste Projecto Final possuem um clima mediterrânico, com influências continentais, sendo os verões muito quentes e muito secos, com as temperaturas máximas a rondar os 30°C. Já os invernos são consideravelmente frios, com as temperaturas máximas a rondarem os 5°C. É uma zona que apresenta índices de humidade baixas ao longo de todo o ano.

A precipitação é mais abundante de Outubro a Janeiro, onde costumam existir condições para a queda de neve, e com precipitação de aguaceiros com valores acima dos 100 mm por mês. Em contrapartida, em Julho e Agosto, a precipitação é residual sendo estes os meses mais secos que a região em estudo atravessa anualmente.

3.2.2 A topografia

O pólo 5 apresenta na sua área distintas paisagens. A norte é delimitada pela serra da Malcata, que tem uma elevação de 1072m, sendo a paisagem sensivelmente florestal. Entre os concelhos de Penamacor e de Idanha-a-Nova, a paisagem é sensivelmente agrícola, com extensas planícies onde por vezes se elevam grandes morros, de onde, no cimo, se pode observar uma vista desafogada e extensa.

²⁰ (CABANAS E. A.-V.-p., 2012)

Por fim, a sul, é delimitado pelo Rio Tejo, onde se concentra o conhecido Parque Natural Tejo Internacional, uma zona montanhosa, mas sem apresentar altitudes de extrema relevância.

Figura 5 Topografia nos concelhos de Idanha-a-Nova e Penamacor e envolvente



Fonte: Google Maps

3.2.3 A acessibilidade

Este pólo tem uma localização privilegiada, de que poucos outros pólos do percurso possuem. Em média, está a 30 minutos de Castelo Branco, e sensivelmente em duas horas e meia por autoestrada um turista, vindo de Lisboa, chega à região. Desde Madrid, existe uma ligação de estatuto equivalente a autoestrada que a liga ao pólo 5 em cerca de três horas e meia.

Os aeroportos de Lisboa, Porto, Salamanca e Madrid serão a porta de entrada para este roteiro para quem decida ingressar pela via aérea. Estes, como já referido no capítulo 2, poderão ter transferes para a cidade de Castelo Branco onde poderão alugar carros e fazer, com motorista ou não, o roteiro proposto neste capítulo.

As estradas que ligam as freguesias destes concelhos são designadas Estradas Nacionais (EN) com uma faixa de rodagem. Em geral estão em bom estado, havendo por vezes troços antigos ou apertados. Poucas são as estradas em mau estado, sendo que estas fazem ligações pouco usadas e são sensivelmente circuitos agrícolas.

A linha da Beira Baixa faz a ligação entre a Covilhã e Lisboa, passando por Castelo Branco. Esta poderá ser uma porta de entrada para a zona estudada, seja por Castelo Branco, pelo Fundão ou pela Covilhã. Um turista que opte por viajar num comboio regional poderá sempre sair em estações que se localizem no intermédio, em freguesias predominantemente rurais, sendo que os transportes para o pólo 5, ou até mesmo para Castelo Branco, são difíceis.

A nível interno, existem poucas ligações a fazer estes percurso. Existem camionetas que transportam, desde Castelo Branco, passageiros até Idanha-a-Nova e Penamacor, fazendo escala em aldeias que se localizem na parte intermédia deste percurso.

Desde Idanha-a-Nova e Penamacor partem ainda outras camionetas que fazem a ligação das suas freguesias às capitais. As opções de horários são escassas, sendo que muitas vezes só existe transporte de manhã, para trabalhar ou estudar, e à tarde para regressar às aldeias.

Castelo Branco é o terminal de camionagem nacional e internacional mais próximo, com carreiras para todos os pontos do país e também para Espanha e França.

Concluimos que é necessário que haja uma melhoria nos transportes, melhoria essa que passa por horários, o tipo de camioneta, e as linhas de percurso, para que este possa servir os possíveis turistas que queiram visitar a zona em estudo.

3.3 Freguesias em destaque

3.3.1 Idanha-a-Nova

Idanha-a-Nova, sede de concelho, viu o seu castelo erguer-se em 1187. Em 1206, recebeu a primeira Carta de Foral concedida pelo rei D. Sancho I, ficando a ser administrada pela Ordem dos Templários.

Em 1510 recebeu nova carta de foral, e é nesta época que alguns dos seus edifícios sagrados e senhoriais foram construídos. Estes dominam e marcam as principais ruas da vila. É de destacar a Capela da Misericórdia, que foi edificada no

século XVI e a Igreja Matriz de origem medieval, que no século XVI se encontrava dentro das muralhas do Castelo. A Casa dos Cunhas e o Solar dos Marqueses da Graciosa são construções solarengas com forte presença na arquitectura da vila.

A freguesia situa-se no cimo de um monte, tendo, o que resta do castelo, uma vista privilegiada para a campina situada abaixo e para a fronteira com Espanha. Em 2011, Idanha-a-Nova contava com 2352 habitantes, e detém uma área de 226,29km².

É a localidade com maior concentração de serviços essenciais do concelho, disponibilizando sectores que a dinamiza.

A romaria da Senhora do Almortão é a principal festa da freguesia de Idanha-a-Nova, cujo santuário se localiza a poucos quilómetros, sendo já mencionado na Carta de Foral de 1229.

3.3.2 Idanha-a-Velha

A freguesia de Idanha-a-Velha, do concelho de Idanha-a-Nova, foi fundada pelos romanos no fim do século I A.C. e elevada a cidade cerca de um século mais tarde. Com cerca de 20,98km², alberga cerca de 63 habitantes, segundo os Sensos 2011.

Depois de sobreviver às invasões dos povos germânicos, os suevos tomaram conta da cidade, que a tornam sede de bispado, um estatuto que mantém com os visigodos. Depois da expansão do território português elaborada por D. Afonso Henriques, este entregou a freguesia aos Templários. Em 1229 D. Sancho II concedeu-lhe Carta de Foral. Com a extinção da Ordem, o rei D. Dinis, concedeu-a, em 1319, à Ordem de Cristo, tentando assim que voltasse à vida e à importância de outrora.

Ao longo dos séculos, com o seu isolamento e perda de importância, Idanha-a-Velha foi vendo a sua freguesia ser alvo de um forte despovoamento. Contudo, esse seu isolamento acabou por ser uma mais valia para o seu património, fazendo-a integrar-se no grupo restrito de aldeias históricas. A partir do momento em que a aldeia ganha valor histórico, nesta é elaborado um conjunto de projectos para a sua recuperação. Muitos deles, da autoria do Arq. Alexandre Alves Costa, que trabalhou

com o Arq. Sérgio Fernandez. Depois de uma entrevista para a elaboração deste trabalho, apercebemo-nos que a “obra ficou por terminar”²¹.

As muralhas do castelo, a Sé Catedral, os vestígios de dois baptistérios, a Capela de S. Dâmaso e a Ponte Velha (romana) são testemunhas que Idanha-a-Velha ainda preserva e que lhe dá a excelência de ser um dos locais mais visitados deste concelho.

3.3.3 Monfortinho

Monfortinho, uma freguesia que pertence ao concelho de Idanha-a-Nova, tem 536 habitantes e uma área com 53,18km². Localiza-se na raia portuguesa com Espanha, apenas separada pelo Rio Erges, qua ali inicia o seu percurso. Este contribui para o aumento do caudal do rio Tejo, sendo seu afluente. É uma localidade muito antiga de que fazem parte os lugares de Torre e Termas de Monfortinho. Destruída, depois do ser apogeu antes das guerras da Restauração, pelos espanhóis, depois de 1640, e escondida na encosta da Serra, Monfortinho é um local por excelência dos domínios de “águas santas”. Simbolicamente indica que está situada na Serra de Penha Garcia, numa zona de águas com capacidades terapêuticas, já exploradas pelos romanos.

Em Monfortinho é organizado o tradicional Bodo, um festejo popular de agradecimento à Nossa Senhora da Consolação por livrar, em 1870, os campos e searas de enorme praga de gafanhotos. A localidade é um dos grandes motores económicos do concelho de Idanha-a-Nova, sendo este um grande polo de atracção turística a nível nacional e internacional. A Herdade do Vale Feitoso, com cerca de 7.000 hectares, é também muito conhecida pela sua diversidade, da fauna e da flora. Aqui é possível fazer safaris fotográficos, que são óptimas oportunidades para amantes da Natureza observarem em plena liberdade o veado, o muflão, os gamos, os javalis, águias, etc.

É possível ainda fazer a Rota do Erges, um percurso com cerca de 5 quilómetros que percorre a frondosa e fresca margem direita do rio Erges, e passa pelo miradouro da Serra do Cancho, de onde se detém uma panorâmica extraordinária.

²¹ (COSTA, 2012)

Monfortinho, devido à sua cultura de caça e de reserva de animais, detém uma rica diversidade gastronómica, em que se destaca o prato “Perdiz de Escabeche”.

3.3.4 Monsanto

Com quatro Cartas de Foral ao longo da sua história, esta aldeia, uma das mais povoadas, é a maior atracção turística da região. Pertencente ao concelho de Idanha-a-Nova, tem cerca de 829 habitantes. No posto de turismo da vila, assim denominada pelos nativos, foram contados em 2011 30.014 entradas de turistas nacionais e estrangeiros.

Monsanto, designada umas das aldeias históricas de Portugal, denominada como a aldeia “mais portuguesa”, é um caso típico desta região. Tem-se desenvolvido através do programa das aldeias históricas e tem vindo a ser alvo de diversos projectos e restauro e de recuperação da sua identidade histórica, cultural e arquitectónica. Situa-se num morro de 758 metros, onde no seu cume se forma um miradouro natural sobre um vale que se estende à volta por dezenas de quilómetros.

É a partir daqui que a aldeia se tem afirmado como um ponto turístico da região. Com lugar para dormir, restaurantes típicos, casas típicas que se confundem com a paisagem, história e tradições, e um castelo imponente, mas que ao mesmo tempo se confunde com a natureza do morro onde está inserido, fazem como que esta aldeia se afirme como um ponto turístico, visitado não só por portugueses, mas especialmente por espanhóis. Estas visitas contribuem cada vez mais para um crescente desenvolvimento económico.

Monsanto detém um espólio muito rico em história. Embora haja muito por descobrir, a freguesia conserva registos de presença humana desde o Paleolítico. São também significativas as termas e sarcófagos do tempo dos romanos, o importante e estratégico castelo, administrado principalmente pela Ordem dos Templários. No século XIX, devido a uma explosão accidental do paiol de munições numa noite de Natal, o castelo medieval ficou parcialmente destruído, restando apenas duas torres e a muralha envolvente. A torre sineira, ou de Lucano, detém o símbolo de portugalidade, o galo de prata oferecido a Monsanto em 1939.

Para além da arquitectura militar, Monsanto preserva igrejas de bastante interesse, não só romanas e medievais, como dos séculos mais recentes. A vila

integra ainda um conjunto de casas senhoriais, algumas delas brasonadas, como é a casa dos Marqueses de Cascais, dos Marqueses da Graciosa, da família Mascarenhas de Lemos, a conhecida Casa do Chafariz, entre outras.

Mas a particularidade de Monsanto está nas suas ruelas e veredas, cheias de casas, palheiros e furdas, “*representantes de uma arquitectura popular implantada ao sabor do relevo*”²². Nesta arquitectura está bem patente a utilização do granito, estando as construções bem integradas na paisagem. Nesta freguesia “*poupam-se paredes, ou até um telhado, encostando a casa aos fragedos naturais e poupa-se espaço construído, aproveitando todos os recandos sob as escadas exteriores*”²³. A utilização da paisagem natural para fins da vida da freguesia é bem evidente, com a conversão de grutas e penedos em peças de construção, através dos acidentes graníticos.

Monsanto é complementada com outros lugares que têm o seu interesse. É nelas que foram construídas capelas, dando o exemplo da Capela de São Pedro de Vir-a-Corça, do tempo medieval e, junto ao lugar da Relva, a Quinta do Burrinho, um extenso arvoredado que guarda o último Souto da região e alberga variadas espécies exóticas.

3.3.5 Penamacor

Penamacor, vila com 1577 habitantes, e com uma área com 373km², conta com vestígios desde a pré-história. Ligada essencialmente à história militar, já se conta que quando as “legiões romanas chegaram, depararam-se com a resistência dos lusitanos, tribos aguerridas que viviam essencialmente da pastorícia”²⁴. D. Sancho I concede a sua Carta de Foral em 1209 com o objectivo de alargar e consolidar o território. Penamacor, até meados do século XX, foi muito importante devido à sua acção militar. Administrada pela Ordem dos Templários, foi erguido um castelo para melhor defesa da linha de fronteira. A vila iniciava um conjunto de três linhas de defesa que continham castelos, como vemos no anexo 7.2.

²² (CM-IDANHA-A-NOVA)

²³ (SNA, Consultado a reedição de 1980 da A.A.P. Associação dos Arquitectos Portugueses - AFONSO, MARTINS, MENESES, & ROSETA, 1961)

²⁴ (CM-PENMACOR, Vítor Gil, 2009)

Com o aumento da importância de Penamacor e o seu consequente crescimento, D. Dinis sentiu necessidade de cercar a vila com uma nova muralha que posteriormente foi sucessivamente reforçada. Palco de frequentes movimentações, sobretudo em períodos agudos da história de Portugal, como as guerras da restauração da independência e das invasões francesas, a vila sempre assumiu um papel importante a nível político e militar ao longo dos séculos, no contexto das relações com os reinos vizinhos, Leão, e posteriormente, Castela.

Toda a história da vila de Penamacor é confundida com a história do próprio concelho. Mas é nela que se pode encontrar o Castelo e o Pelourinho que ainda se conserva em ótimas condições, e um conjunto de arquitectura religiosa como a Igreja de S. Tiago, ou Igreja Matriz do século XVI, a Igreja e o Claustro do Convento de Santo António, a Igreja de S. Pedro, no castelo, e a Igreja da Misericórdia.

Apesar de tudo, Penamacor tem vindo a apresentar fracos números de visitantes. Em 2011, apenas 1.650 pessoas entraram no posto de turismo, o que dá uma média de aproximadamente 5 pessoas por dia. Uma média muito baixa para uma vila cheia de história. Somente em Setembro de 2012, é que abriu o primeiro hotel da vila, e do concelho. Este tem cerca de 100 camas, não dispondo ainda de números de ocupação do hotel.

3.3.6 Penha Garcia

Penha Garcia, freguesia do concelho de Idanha-a-Nova, é uma povoação que se desprende das cristas da serra com o mesmo nome, em direcção às planícies. Tem 748 habitantes e uma área de 128 km². Com vestígios de povoamento neolítico, a freguesia dispõe de uma diversidade de actividades que levam a ser uma das potências turísticas na região.

A Rota dos Fósseis foi criada pela autarquia de Idanha-a-Nova, em 2003. Esta é um percurso pedestre onde se podem encontrar vestígios tão bem preservados da Era Paleozóica, datada de há quase 500 milhões de anos. Este é um lugar que, pela sua conservação, é raro no planeta²⁵. É por isso que se tornou num dos locais de culto para os paleontólogos e cientistas de todo o mundo. Não se pode falar de Penha Garcia sem falar no Geopark Naturtejo, que tem feito um excelente trabalho na região, e em particular em Penha Garcia.

²⁵ (RODRIGUES, 2005)

A aldeia povoada por diversos povos recebeu foral pelo rei D. Afonso III que a doa à Ordem de Santiago para que estes a administrassem e efectuassem a fortificação da zona. Como tal não aconteceu, D. Dinis retirou os poderes a essa ordem e entregou-a à Ordem do Templo que ergueu a fortificação, e posteriormente, à Ordem de Cristo.

Restam, apenas, fragmentos de muralhas do então castelo, em bom estado de conservação, que outrora foi edificado sobre o castro romano pelos Templários. É neste local que se desfruta um outro miradouro da região. A barragem a norte, a campina Raiana a sul e o Vale Feitoso a este, são locais que se podem avistar.

O traçado urbano da aldeia é feito por ruas labirínticas. Estas são compostas, na zona antiga, por casas exemplares de arquitectura tradicional, onde o quartzito e o xisto, mais abundantes, se misturam com elementos de granito.

A Igreja Matriz, típica da arquitectura religiosa, guarda um dos tesouros de Penha Garcia, uma escultura em calcário de anã de Nossa Senhora do Leite, de 1469. O Pelourinho do reinado de S. Sebastião é outro elemento histórico com grande relevância na freguesia.

Por fim, para quem estuda Penha Garcia, é impossível não falar sobre a gastronomia típica da freguesia. O conhecido “Pão de Penha Garcia”, e os “Bolos de Azeite”, também muito conhecido por “bica”, são elementos de atracção turística da freguesia.

3.4 A fauna e flora

Depois de uma recolha informativa sobre a fauna e a flora da área em estudo, constatou-se que os concelhos de Idanha-a-Nova e Penamacor têm, no seu vasto território, uma diversidade de ambientes que dão a este polo turístico uma riqueza muito grande.

Nesta região predominam os campos com pouco relevo com uma vegetação mediterrânica. Estes municípios preservam ainda o montado autóctone de sobre e de azinho, com manchas de carvalho. Este tipo de vegetação, próprio deste ecossistema, é mais resistente a doenças e aos longos períodos de secas. É ainda um elemento de preservação de espécies de animais autóctones, como é o caso da águia-real, a

O Turismo como motor de desenvolvimento de zonas com tendência ao despovoamento

Os concelhos de Idanha-a-Nova e de Penamacor como casos de estudo

cegonha preta, ou o lobo ibérico. A cortiça é importante para o desenvolvimento da economia da região.

Contudo, as serras existentes nos concelhos trazem outro tipo de ambiente à região. Serras como a Malcata e de Penha Garcia são cobertas por uma densa floresta. O pinheiro bravo e o eucalipto cobrem a maior parte dessas serras, de onde são extraídas muitas toneladas de madeira para pasta e serração e para a indústria celulósica.

A Reserva da Malcata é aquela que preserva melhor toda a sua mata de influência mediterrânica. Espécies como a madressilva das moticas, a rosa albardeira, a rosa do monte, o endemismo ibérico, o estevão, as diversas urzes, o trovisco fêmea e o lentisco bastardo representam o rico e variado elenco florístico. Os densos e fechados medronhos circundam as imensas barrocas da zona centro-sul da serra, como de certas zonas da serra do Salvador. Outras espécies como os amieiros, os freixos e os salgueiros brancos e pretos encontram-se nos bosques ripícolas, localizadas nas principais linhas de água desta importante serra.

Figura 6 Poupas e Veados no concelho de Idanha-a-Nova



Fonte: Termas de Monfortinho

Ao nível faunístico, a região detém de variadas espécies. Aves de rapina, suínos como o porco doméstico e o javali, bovinos, felinos como o gato-bravo e a raposa, a fuinha, a gineta e o sacarrabos, são espécies que fazem parte da paisagem. O veado, o gamo, o muflão, a lebre, o coelho, os javalis, as perdizes, as águias, os abutres, as cegonhas-pretas, as poupas, entre outras espécies, são animais que a região se sustenta para promover o safari fotográfico e o *birdwatching*. São avistados com frequência, em especial na Herdade do Vale Feitoso, em Monfortinho, e na Herdade

da Poupá, no Rosmaninhal. A caça é ainda um elemento importante para a recepção de turistas e para a economia local.

A Câmara Municipal de Penamacor, em conjunto com diversas entidades, tem desenvolvido um projecto de preservação e de combate à extinção da churra do campo, uma espécie característica da região e que outrora foi abundante.

Figura 7 Churra do Campo



Fonte: (CM-PENMACOR, Vítor Gil, 2009)

3.5 Períodos e vestígios históricos mais importantes nos concelhos

3.5.1 Ocupação romana

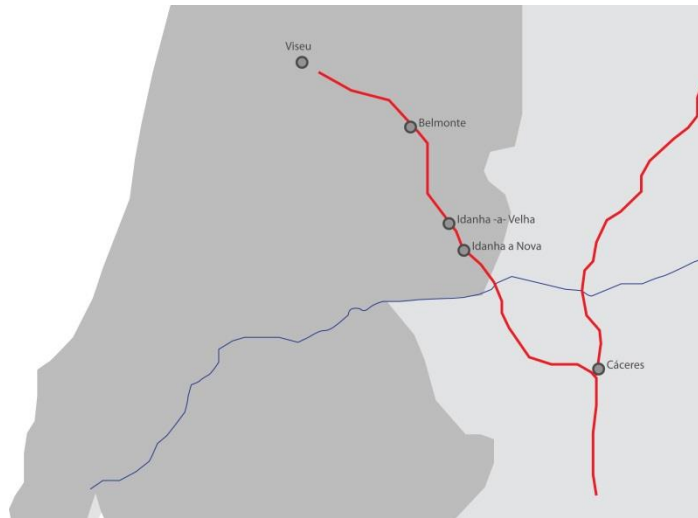
A ocupação romana na região dos concelhos em estudo deu-se por volta do século I a.C. que ficariam a pertencer à província romana da Hispânia. Aqui foi deixado um vasto espólio que hoje em dia é muito estudado e visitado.

Passava por esta região a conhecida via da Estrela que era constituída por cinco etapas²⁶:

1ª Cáceres-Alcântara; 2ª Alcântara-Idanha-a-Velha; 3ª Idanha-a-Velha-Belmonte; 4ª Belmonte- Famalicão da Serra- Rio Mondego; 5ª Rio Mondego-Abrunhosa a Velha-Viseu.

²⁶ (Estrela, 2011)

Figura 8 Passagem da “Via da Estrela” em Portugal



Fonte: (Estrela, 2011)

A 2ª e a 3ª Etapa são as que atravessam os concelhos de Idanha-a-Nova e de Penamacor. A etapa Alcântara-Idanha-a-Velha entra no concelho de Idanha-a-Nova em Segura, onde se atravessa, hoje em dia, através de uma imponente ponte, a fronteira Espanha-Portugal. O caminho segue até Alcafozes e dirige-se em seguida para a ponte romana e medieval sobre o Rio Ponsul. Aí chega-se a Idanha-a-Velha, denominada na altura de Egitânia. Seguindo a rota para oeste, entra-se na terceira etapa, Idanha-a-Velha – Belmonte. A estrada dirige-se para Medelim onde existiam dois caminhos, um para Penamacor, caminho este alternativo, e outro para a Bemposta, onde continuava até às aldeias de Pedrogão, Mata Rainha e Quinta da Torre. Nesta pode-se Observar a “Torre dos Namorados”, um vestígio romano. Seguindo a via da Estrela, chega-se a Caria, passando pela Capinha. Passando em seguida por uma ponte medieval, com fundições romanas, passando por Malpique, contorna a oriente a vila de Belmonte, chegando às ruínas de Centum Cellas.

Idanha-a-Velha é um marco forte na região da ocupação romana, podendo-se destacar vários edifícios ainda preservados do tempo da ocupação romana. No entanto existem vestígios noutras zonas da área em estudo. Em Penamacor, testemunhos arqueológicos indicam que houve ocupação romana no Cimo de Vila. Uma ocupação estratégico-militar de defesa da região.

Na economia, a pastorícia e a agricultura constituíam a actividade da população. Esta, que detinha técnicas ainda muito rudimentares para a altura, foi incorporando novas técnicas e simbolismos que provinham de Roma²⁷.

Com a passagem do império romano por estes concelhos, foram deixadas relíquias históricas, arquitectónicas, culturais que nos dias de hoje ainda são visíveis e explorados como divulgação turística da região.

3.5.2 Os Templários

Em 1165, D. Afonso Henriques começou a doar o território da diocese da Egitânia, agora Idanha-a-Velha, desde o Rio Cera (Tomar) até ao rio Erges (Fronteira com Espanha) à Ordem dos Templários. Esta doação tinha como objectivo a protecção de um território e das fronteiras do recém-criado reino de Portugal. É nos anos seguintes que são reconstruídos castelos já existentes e construídos outros novos, como o castelo de Idanha-a-Nova, para guardar a capital e toda a fronteira da Beira Baixa.

Os monges templários deixaram, por volta de 1170, a fortaleza de Almourol para se instalarem em Monsanto, com o motivo de protegerem a capital da diocese da Egitânia, Idanha-a-Velha. Por aqui se apercebe a importância que a região começara a ter a nível estratégico para protecção do território

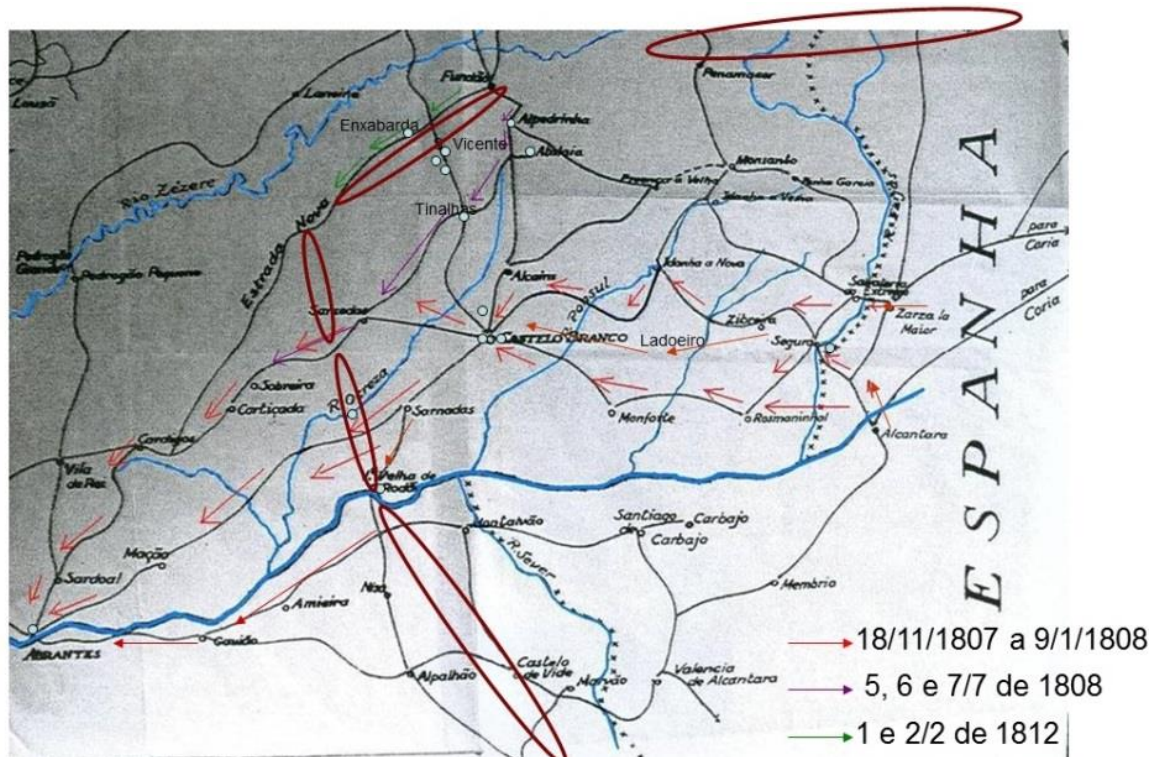
Os templários tiveram maior notoriedade na região quando travaram a investida de sul para norte dos árabes, através da fortificação dos castelos de Idanha-a-Nova, Idanha-a-Velha e Monsanto, na altura as únicas grandes sentinelas da zona raiana.

3.5.3 A passagem das tropas napoleónicas

A região de Idanha-a-Nova e de Penamacor situam-se numa “*tradicional linha de invasão*”²⁷, e aqui se contam batalhas que hoje em dia ainda perduram na memória das populações.

²⁷ (CM-PENMACOR, Vítor Gil, 2009)

Figura 9 Linhas de defesa estratégica de protecção às invasões Napoleónicas



Fonte: (FONTEIRO-MÓR, 2007)

As tropas francesas, comandadas pelo general Junot, entraram em Portugal no ano de 1807 pela Beira Baixa, na fronteira de Segura, concelho de Idanha-a-Nova, “...iniciando um período dramático da história de Portugal...”²⁸. Os franceses com pretensões de chegar a Lisboa foram protagonistas de roubos, saques e pilhagens em diversas cidades, vilas e aldeias por onde passavam. Apesar disso, é dito que as populações tiveram um papel muitíssimo importante, pois elas enfrentaram, com fracos recursos, o exército francês.

Segundo Landeiro, tropas comandadas pelo general Loison, de uma divisão do 6º corpo do exército de Massena, entraram, no dia 31 de Julho de 1810 em Penamacor. Esta foi outra vila que não escapou à pilhagem e destruição do exército francês. “Entraram nos Paços do Concelho, danificaram o cartório, escapando apenas o Tombo, que, por acaso, se encontrava na casa de um magistrado camarário.”

A ajuda do exército inglês, que perseguiu as tropas francesas que estavam de retirada em 1812, foi crucial para a expulsão destes. Apesar disso, a região não ficou isenta de mais massacres, roubos, pilhagens e saques generalizados, com a respectiva perda de património.

²⁸ (FONTEIRO-MÓR, 2007)

3.6 Demografia e êxodo rural

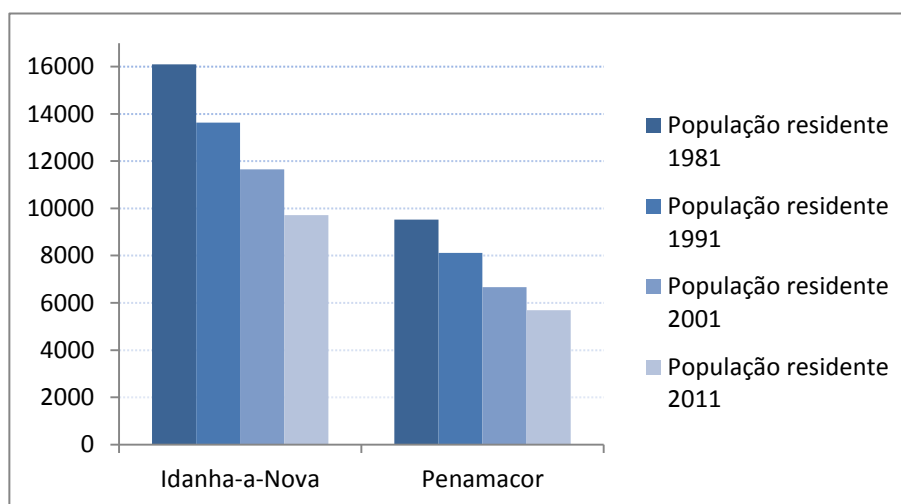
Nas últimas décadas, devido às ofertas de melhoria de vida dos grandes centros urbanos, em especial do litoral, verificou-se um enorme decréscimo da população, e um envelhecimento da mesma nos espaços rurais.

Nos concelhos em estudo, este decréscimo exige uma atenção especial por parte da política de desenvolvimento rural, e Idanha-a-Nova e Penamacor não escaparam à regra. Aliás, Penamacor, como já foi referido no capítulo 2, tem o maior índice de envelhecimento do país.

O quadro 15 compara a evolução da população entre 1981 e 2011 nos concelhos de Idanha-a-Nova e Penamacor. Verifica-se que a população tem tido uma contínua tendência para diminuir, sendo estes números muito preocupantes.

Segundo dados sobre a demografia da Beira Interior Sul da ADRACES, registou-se, entre os anos 1991 e 2001, um decréscimo de 57,1% em Idanha-a-Nova e 60,1% em Penamacor da população jovem, o que fragiliza as estruturas etárias dos municípios.

Quadro 15 Evolução da população nos concelhos em estudo, entre 1981 e 2011



Fonte: Quadro do autor apoiado pelos números do INE

A forte emigração e o êxodo rural são a grande explicação deste decréscimo da população.

Esta saída da população em idade activa, ambicionando alcançar uma vida melhor, condiciona o número de nascimentos nos concelhos, o que faz disparar o índice de envelhecimento e, não compensa a mortalidade sénior.

Como é demonstrado no quadro acima, o número de residentes entre 2001 e 2011 continuou a diminuir fazendo pensar que a emigração e o êxodo rural continuam a ser uma realidade nos dois concelhos.

Já outros dizem que é necessário travar esta tendência, “... *alterar a composição da estrutura etária e renovar competências da população, eis o grande desafio que hoje se coloca*”²⁹.

3.7 A arquitectura

“*Nos meios rurais da Beira, as condições económicas pesam nitidamente sobre as edificações*”³⁰. “*O sustento é baseado à custa do esforço físico*”³⁰.

Vemos em seguida alguns exemplos de algumas áreas de arquitectura – religiosa, militar, solarenga, popular - que ajudarão a entender as edificações dos concelhos de Idanha-a-Nova e Penamacor.

3.7.1 Arquitectura religiosa

Devido à forte cultura e tradições religiosas dos concelhos de Idanha-a-Nova e de Penamacor, estes municípios detêm um forte espólio de igrejas e capelas. Está bem patente a evolução dos estilos arquitectónicos nas construções religiosas da região, onde se nota que a pedra característica da região, o granito, é utilizada, dando sempre um ar forte e robusto às construções.

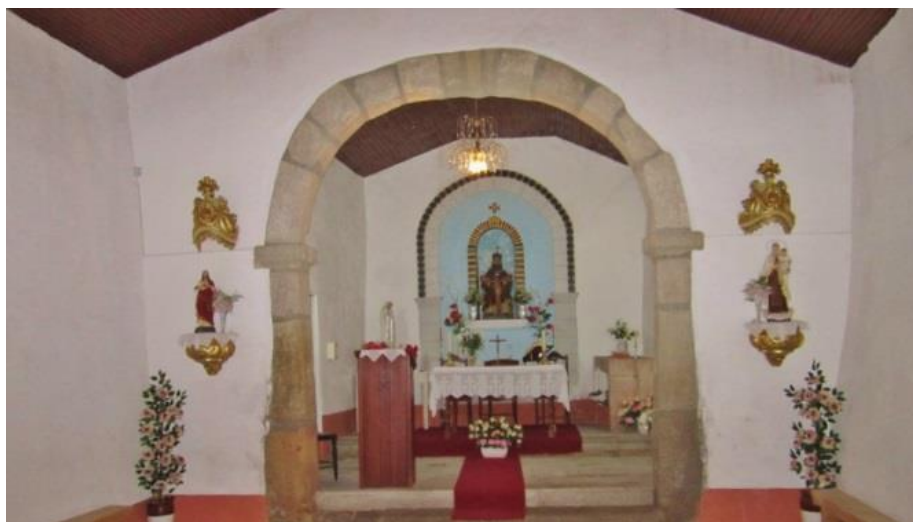
Diferentes estilos predominam a região em estudo. Construções mais simples ou mais trabalhadas, mais medievais ou mais contemporâneas, todas têm a sua história. O estilo românico marca uma série de igrejas e capelas espalhadas pela região, onde destacamos na sua construção a sua simplicidade. Pode-se observar nas capelas de S. Miguel e S. Vicente de Vir-a-Corça (Figura 11), em Monsanto onde a rudeza e o aspecto compacto das paredes estão bem presentes³¹.

²⁹ (ADRACES)

³⁰ (SNA, Consultado a reedição de 1980 da A.A.P. Associação dos Arquitectos Portugueses - AFONSO, MARTINS, MENESES, & ROSETA, 1961)

³¹ (IGESPAR)

Figura 10 Capela na aldeia do Rosmaninhal



Fonte: Fotografia do autor

A Sé-Catedral de Idanha-a-Velha apresenta variados estilos, desde “...visigótica, islâmica românico-gótica e manuelina”³². Nota-se a planta rectangular com dois eixos ortogonais, portas em arco quebrado e portas de lintel, uma delas com ombreiras almofadadas. É ainda visível a planta cruciforme do baptistério.

Figura 11 Capela de S. Miguel de Vir-a-Corça



Fonte: Fotografia do autor

³² (SIPA)

O Turismo como motor de desenvolvimento de zonas com tendência ao despovoamento

Os concelhos de Idanha-a-Nova e de Penamacor como casos de estudo

A refinada estética do gótico e do manuelino pode ser observada na Igreja da Misericórdia (século XVI) em Penamacor (Figura 12). Esta é um símbolo da freguesia, sendo uma das mais importantes igrejas da vila.

Figura 12 Igreja da Misericórdia em Penamacor



Fonte: Fotografia do autor

A Igreja Matriz de Proença-a-Velha é um bom exemplo do estilo barroco na região. Nesta igreja está presente no altar-mór um retábulo de boas pinturas com pilares e escoramento do guarda-pó dourados.

Figura 13 Igreja Matriz de Idanha-a-Nova



Fonte: Fotografia do autor

Destaca-se ainda a Igreja Matriz de Idanha-a-Nova, de construção medieval e reconstruída no século XVI. Características renascentistas e góticas estão presentes

na sua construção, onde no interior destaca-se o altar da capela-mor em talha dourada.

3.7.2 Arquitectura militar

Os castelos nos concelhos de Idanha-a-Nova e de Penamacor são o que melhor representa a arquitectura militar medieval na região. Estas fortificações ajudaram a consolidar as fronteiras do reino português durante vários séculos.

Monsanto é um bom exemplo das fortificações que guardavam a fronteira raiana na Beira Baixa. Mandado construir por volta de 1165, o castelo da antiga vila, situado no cimo do morro de Monsanto, é uma referência de boa relação entre a natureza e a construção militar, confundindo-se esta com a paisagem onde está inserida.

Figura 14 Castelo da aldeia de Monsanto



Fonte: Fotografia do autor

Muitos dos castelos destes concelhos localizam-se em pontos já ocupados desde a época pré-romana. Situadas na generalidade em zonas altas e normalmente nas vias de comunicação, ajudaram os lusitanos a resistir às investidas dos romanos, que depois de as conquistarem, sentiram a necessidade de as refortalecer.

Os romanos ergueram fortificações “*rectangulares e regulares, com torreões e portas com defesas, inspiradas nos acampamentos das legiões, que poderemos considerar os percussores do castelo medieval*”³³.

Depois a ocupação visigótica da região veio acrescentar um novo elemento às fortificações já existentes, a denominada Torre Visigótica. Este tinha como função proteger os condes e o seu séquito. Daí “... *saíam as tropas cristãs para combater os muçulmanos*”³⁰. Mais tarde, os árabes, vindos do norte de África, trouxeram uma nova influência oriental ao povo lusitano-romano-visigótico, a Alcáçova. Esta era composta por dois pátios e pela Alcácer, respectivamente, com funções menores e religiosas e para os serviços administrativos. Nos dias de hoje, nestes dois concelhos só existem vestígios do que foram as Alcáçovas. No entanto sabe-se que na maioria dos castelos este elemento fazia parte das fortificações militares.

Por fim, os Templários, nas suas reconquistas, introduzem não só uma nova função às Alcáçovas, dando-lhes funções de paz e de guerra, como também complementam os castelos com as Torres de Menagem. Estas serviam para o alcaide do castelo se dirigir ao seu exército, prestando o “*juramento de menagem e se constituía o último reduto de defesa*”³³. Um grande exemplo está no Cimo de Vila de Penamacor, onde a imponente torre de menagem se impõe como o elemento mais marcante do que resta do castelo da vila.

Figura 15 Torre de Menagem em Penamacor



Fonte: Fotografia do autor

³³ (NUNES, 2005)

3.7.3 Arquitectura solarenga

A arquitectura das casas dos senhores, proprietários de extensas terras agrícolas, é marcante na vida de aldeias nos dois concelhos. Idanha-a-Nova, Idanha-a-Velha, Proença-a-Velha, Medelim, Monsanto, Aldeia de Santa Margarida, Águas, e Penamacor são exemplos de freguesias onde a arquitectura solarenga se mistura com a arquitectura rural.

Estas casas tinham objectivos muito diferentes, mas um objectivo quase sempre comum seria de ostentar o poder económico que os proprietários detinham. Esta era sempre caiada, sendo na altura a cal um material nobre a que nem todos poderiam ter acesso. Para entender este tipo de arquitectura são dados alguns exemplos de casas senhoriais da região:

- **Solar dos Marquesses da Graciosa**

Esta casa dos séculos XV e XVI, situada na vila de Idanha-a-Nova, de estilo quatrocentista e revivalista-neoclássico, é formada por três corpos e dois pisos.

Figura 16 Solar dos Marquesses da Graciosa em Idanha-a-Nova



Fonte: Fotografia do autor

O corpo central, de 1458, apresenta uma torre acastelada de características medievais em granito, com um balcão, acrescentado em 1611, trabalhado e sustentado por colunas toscanas. Esta torre não desempenhava funções militares, mas sim de ostentação de poder feudal.

- **Solar Trigueiros de Aragão**

Figura 17 Solar da família Trigueiros de Aragão em Idanha-a-Nova



Fonte: Fotografia do autor

Este solar de traço barroco foi construído entre os séculos XVII e XVIII, depois de as famílias que lhe dão o nome serem transferidas das suas regiões para o concelho de Idanha-a-Nova, onde se fixaram através do casamento, devido às guerras da Restauração e à Guerra de Sucessão em Espanha.

Predominantemente com dois pisos, apresenta uma planta longitudinal constituída pela casa e pelas dependências que “... *formam um pátio aberto, com cobertura em telhado de três e quatro águas*”³⁴. As janelas são bastante trabalhadas, com pretensões de ostentação de riqueza e poder local. Na década de 90 do século XX sofreu obras de ampliação.

- **Solar da família Silva Castel-Branco**

Esta casa dos séculos XVIII e XIX, situa-se em Medelim, concelho de Idanha-a-Nova. O granito nos simples cunhais da casa e nas molduras das portas e janelas confere-lhe um ar robusto e austero. Apesar da casa ser senhorial, caiada e em granito, detém uma grande simplicidade, quando comparado com outras casas solarengas da região.

³⁴ IGOGO – solar da Família Trigueiros de Aragão

Figura 18 Solar da família Castel-Branco em Medelim



Fonte: Fotografia do autor

De proprietários agrícolas, é composta por dois pisos, onde o piso térreo tinha por função ser armazém das colheitas da sua casa agrícola. É deste piso, no átrio de entrada, que surge uma escadaria que conduz a um corredor que distribui às diversas salas e quartos da casa. Uma particularidade do solar é a grande sala de jantar com um tecto de madeira em masseira tipo pirâmide hexagonal.

- **Solar da Família Marrocos**

Construído no início do século XX, detém uma zona de cultivo e de dependências agrícolas. A casa ocupa uma considerável extensão, eleva-se com dois e três pisos dentro da antiga cidade de Idanha-a-Velha, no concelho de Idanha-a-Nova. Ostenta uma estrutura de estilo eclético que combina com vários estilos arquitectónicos, desde o classicismo ao barroco. Hoje em dia apresenta evidentes sinais de abandono.

A beleza da edificação situa-se na torre cilíndrica, nas suas varandas talhadas em pedra e na janela de canto das casas quinhentistas. “*Acredita-se que esta construção novecentista foi edificada sobre um antigo fórum romano*”⁸⁵.

³⁵ (IGOGO)

Figura 19 Solar da família Marrocos em Idanha-a-Velha



Fonte: Fotografia do autor

3.7.4 Arquitectura popular

De uma maneira geral, *“as condições económicas constituem (...) um condicionamento da mais alta importância para a arquitectura”*³⁶.

Nos concelhos de Idanha-a-Nova e de Penamacor o tipo de construção popular é muito idêntico de aldeia para aldeia. Contudo, existem diferenças. A materialidade das construções não é sempre igual, havendo uma predominância do granito. Porém, existem zonas geológicas onde o granito é menos abundante e torna a arquitectura desses locais diferentes.

O xisto é um elemento construtivo também muito presente em algumas freguesias. Penha Garcia é um exemplo muito típico da construção em xisto. Porém, em algumas localidades, verifica-se a combinação entre os dois tipos de pedras acima referidos. Em seguida, apresentamos exemplos de casas nos concelhos e o seu tipo de construção.

- **Casa em xisto e quartzito**

Estas casas, típicas das zonas rochosas de xisto, tem uma presença muito grande na freguesia de Penha Garcia. Devido à história da localidade, onde

³⁶ (SNA, Consultado a reedição de 1980 da A.A.P. Associação dos Arquitectos Portugueses - AFONSO, MARTINS, MENESES, & ROSETA, 1961)

geralmente os habitantes eram de fracos recursos, as construções eram relativamente pequenas e muitas das habitações eram apenas de um piso.

Figura 20 Largo do Pelourinho em Penha Garcia



Fonte: Fotografia do autor

A construção destas casas era feita por ligações por argamassas de argila, ou simplesmente, no caso dos currais, apoiada por sobreposição. Através da ligação ao declive do terreno a que estas casas se suportam, apresentam um ou dois pisos. A diversidade da paisagem está, em alguns casos, nas sobreposições de habitações, conferindo-lhe uma imagem irregular e singular.

- **Casa em granito**

Figura 21 Casa construída em granito, em Penamacor

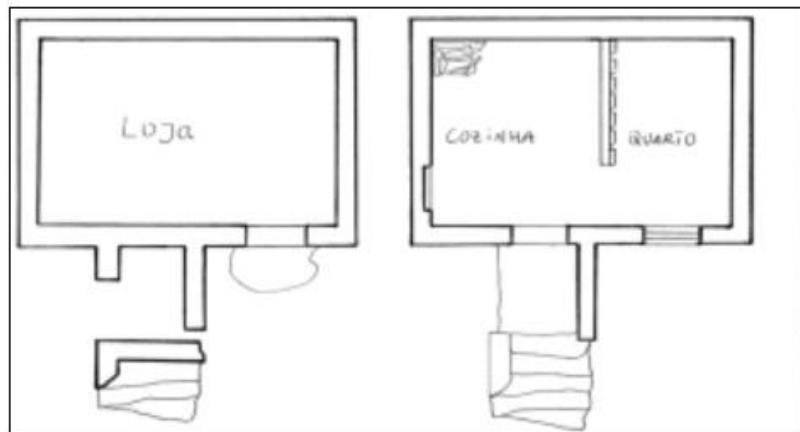


Fonte: Fotografia do autor

As casas em granito são muito típicas desta região beirã. A arquitectura popular, pertencente ao povo cujo sustento era a terra, e definida por ser, geralmente, composta por um ou dois pisos e de planta quadrada ou rectangular. A pedra que servia para a construção das paredes e dos muros era geralmente adquirida nas “zonas fluviais (seixos rolados, seixos) ou encontradas à superfície de forma errática”³⁷. Para avivar os bordos redondos, sujeitavam-se as pedras a um escancilhamento prévio.

O piso zero, geralmente, continha a chamada “corte”, lugar onde permaneciam os animais. Por vezes, neste piso funcionava a denominada “loja”, onde se armazenavam os produtos agrícolas do proprietário da casa. O acesso ao andar superior era, normalmente, efectuado por escadas de pedra. O primeiro piso era ocupado por duas divisões, sendo possível por vezes encontrar construções com somente uma divisão.

Figura 22 Planta típica de casas em granito com balcão



Fonte: (MOUTINHO, 1979)

Uma cozinha com lareira, que assume o papel de espaço social e de convívio, e um quarto, eram simplesmente as divisões de uma casa típica do povo dos concelhos de Idanha-a-Nova e de Penamacor. Poucas, mas existentes, eram as casas que tinham sala. Estas pertenciam a pessoas de um estrato social um pouco superior, onde a sua função seria de maior cerimonial, ou seja, para receber visitas.

³⁷ (MATEUS, 2002)

Figura 23 Casas em granito com balcão na freguesia da Bemposta



Fonte: Fotografia do autor

Não só nas aldeias de Bemposta e de Medelim, mas em especial nestas freguesias, acede-se a este tipo de casas geralmente pelo primeiro piso. No exterior, ergue-se uma escada em pedra, na frontaria da fachada, que acede a um balcão. Este, um pequeno pátio antes do acesso de entrada para a casa, serviria “... de sequeiro do milho ou madureiro da fruta, onde se malha o feijão e onde se dorme as noites quentes de verão”³⁸. Por baixo dos balcões localizava-se o “poleiro” ou galinheiro, que serviria para guardar aves domésticas.

- **Casas de granito e xisto**

Este tipo de construção é muito idêntico, na sua tipologia, à construção em granito. A diferença é que esta utiliza o granito, que é mais forte, principalmente como cunhal/pilares das fachadas, tendo o xisto o papel de preencher o espaço da alvenaria intermédia. Esta é aparelhada por pedras irregulares assentes em argamassa.

³⁸ (OLIVEIRA & GALHANO, 2003)

Figura 24 Casas em granito e xisto na freguesia de Idanha-a-Velha



Fonte: Fotografia do autor

3.8 Características da população

As gentes da Beira Baixa, e, sobretudo, destes dois concelhos, sendo, maioritariamente, idosos, viveram, ao longo de várias gerações, diversos acontecimentos que, não só marcaram a história, como marcaram a sua própria vivência, e ainda a sua maneira de ser e ver a vida.

Em face de variadíssimas respostas a 58 inquéritos feitos para este trabalho a políticos, arquitectos, engenheiros e à própria população destes concelhos e de todo o tipo de idades, verifica-se que as pessoas destes concelhos olham para a sua terra com pouca esperança, não são crentes da sua terra. Muito se deve ao facto de sempre terem vivido numa zona transfronteiriça, onde ao longo da sua história, a sua gente e os seus esplendores foram perdidos em guerras e em invasões. Os níveis de pobreza devem-se, sobretudo, à fraca ou quase nenhuma taxa de escolaridade em que o povo vivia, e que ainda se encontra nos dias de hoje. Daí as ambições terem sido poucas, habituando-se ao que tinham, e “pouco amigos” da mudança.

Este último factor referido que se notou muito nos inquéritos realizados à população, evidenciava, sempre, uma insegurança e uma desconfiança no que podiam realizar. Também, o facto de sempre se situarem longe dos grandes centros populacionais decisivos, Lisboa e Porto, e numa zona esquecida durante muitos

séculos, fez com que os conterrâneos não acreditem num futuro para a região, lamentando-se apenas.

Em suma, todos estes factores levaram a que a população fosse pouco receptiva a alterações. Mas tudo isto precisa de ser invertido, fazendo regressar à população a confiança na sua terra, fazendo-os acreditarem que ela leva a um rumo com futuro. Só assim é que se “derruba”, o que muitos chamam, a primeira grande barreira para o desenvolvimento das regiões raianas.

3.9 Zonas de reservas e parques naturais

Os concelhos de Idanha-a-Nova e Penamacor têm, como têm vindo a ser referidos, diversas áreas protegidas com fins específicos. Entre reservas naturais, parques naturais e herdades, esta zona detém uma diversidade de conceitos que faz aumentar a riqueza desta região.

Começando a norte, a Serra da Malcata está integrada na Reserva Natural da Serra da Malcata, cuja sede é em Penamacor. Actua desde 1981 e tem vindo a ter mediatismo devido às acções de protecção de uma espécie que já se considerou em extinção neste parque, o lince ibérico. A reserva faz a transição entre o clima atlântico e mediterrânico, com vegetações ricas em azinheira, medronheiro e carvalhal negral. Alberga, nos seus 163km², 218 espécies de vertebrados. Sendo a décima maior elevação de Portugal continental, com 1075 metros, e com o planalto de Castelo Branco e a campina de Idanha-a-Nova a sul, e com vista para a Serra da Estrela a oeste, para a Guarda a norte e Espanha a este, oferece uma magnífica vista de 360°. É considerada pelo Instituto de Conservação da Natureza e das Florestas como um dos “*últimos refúgios naturais do território português*”, conservando “*interessantes valores botânicos e faunísticos*”. Exemplo desta preservação é a cegonha-preta que ainda é avistada em alguns lugares da serra. Um ponto fraco desta reserva é o facto de com dificuldade se poder visitar, não havendo organização para o público em geral realizar visitas.

Figura 25 Serra da Malcata, Penamacor



Fonte: Fotografia do autor

Um pouco mais a sul, o Vale Feitoso, uma herdade com cerca de 7000 ha., situa-se na serra de Penha Garcia. O objectivo da propriedade é preservar animais como o veado, o gamo, o muflão, espécies de águias, abutres, entre outras. Aqui praticam-se actividades como safáris fotográficos e a caça.

Figura 26 Vale Feitoso, Serra de Penha Garcia



Fonte: Fotografia do autor

No ponto mais a sul do concelho de Idanha-a-Nova, junto ao rio Tejo, situa-se o Parque Natural Tejo Internacional, onde se localiza a Herdade da Poupa. A herdade tem vindo ao longo dos últimos anos, a realizar iniciativas para a preservação de espécies e a reflorestação da zona envolvida. Espécies como a cegonha-preta, a águia-imperial, o abutre do egipto, a poupa, que dá nome à herdade e a lontra são exemplos de proteção de animais. Em 2007, esta herdade foi distinguida com o prémio de melhor propriedade europeia.

A propriedade tem vindo a investir em actividades de desenvolvimento, não só da própria propriedade como da região onde se insere. Fazem parte dessas actividades o *birdwatching*, a caça e os safáris.

Figura 27 Herdade da Poupa, Rosmaninhal



Fonte: Fotografia do autor

3.10 As feiras e a gastronomia

Passando de geração em geração, chegou aos dias de hoje um conjunto de receitas gastronómicas que tornam estes dois concelhos num lugar de produção alimentar de qualidade. Estes são muito baseados nos recursos que a região dispõe, agrícolas, pecuários e cinegéticos.

Receitas que envolvam o cabrito, o borrego e a perdiz são razões para que sirva de porta de entrada na gastronomia local. Na verdade, Idanha-a-Nova e Penamacor têm muito para oferecer neste campo. As cooperativas tem realizado um óptimo trabalho na produção na aposta da qualidade dos produtos da região, como é o caso do queijo, dos enchidos, do mel e de licores. Segue os produtos da região.

Para além dos produtos regionais, esta região tem vindo a apostar nas feiras. Estas dão a conhecer toda a variedade de produtos que são produzidos nos concelhos e por vezes nos concelhos vizinhos. A “Feira do Enchido” em Proença-a-Velha, que acontece na semana do carnaval, é um exemplo disso. A “Festa da Filhó”, que no ano de 2012 realizou a sua sexta edição, é outro exemplo. Esta reúne num evento as variadas receitas para se fazer um determinado produto.

Quadro 16 Lista de pratos e produtos regionais dos dois concelhos em estudo

Pratos	Carnes	Cabrito assado no forno; cabrito recheado; ensopado de cabrito; cabrito estonado, ensopado de borrego, ensopado de javali; sopa da matança; laburdo; maranhos, bucho recheado; fígado de cebolada; gaspacho; perna de porco com castanhas; perdiz de escabeche;
	Peixes	Truta grelhada da ribeira; sopa de peixe do rio; arroz de lampreia; echigã frito, caldeirada de enguias;
	Bolos e sobremesas	Bolos secos (broas de mel, cavacas, borrachões, biscoitos, couscureis, nógados, pantufas), de fatia (pães de ló, bolo de mel, bolos de páscoa), fritos (filhós, sonhos, argolas doces, azevias) e doces de colher (arroz doce, papas de carolo, tigelada, requeijão com doce de abóbora), Doces conventuais (rebuçados de ovos e barquinhas);
	Queijos	Queijos de ovelha, cabra e mistura;
	Outros produtos	Azeite, pão, bicas de azeite, mel e frutícolas: laranja, figo, diospiro;
	Bebidas:	Aguardente de medronho; vinho callum, licores;

Fonte: Entrevistas realizadas para o trabalho a chefes de cozinha no terreno / (NATURTEJO)

Com a intenção de melhorar as condições para um turismo mais sustentável nesta região raiana, deverá ser inovado um conjunto de características locais para que vá ao encontro das exigências do turista moderno. Como exemplo, ao realizar, para este trabalho, inquéritos e entrevistas no terreno, conheceu-se um produto regional com uma nova receita: as “Papas de Carolo”. Esta receita, no restaurante “O Quartel” em Penamacor, foi desenvolvida de forma a tornar-se diferente e que, no entanto, mantêm a sua autenticidade, conciliando uma receita rica em sabor com o ser agradável à visão.

Figura 28 Papas de Carolo” Restaurante “O Quartel” em Penamacor – Exemplo de nova gastronomia com produtos tradicionais



Fonte: Fotografia do autor

3.11 Desportos na região

Nos concelhos de Idanha-a-Nova e de Penamacor, são organizados diversos desportos e campeonatos, quer a nível nacional, quer a nível internacional.

O *birdwatching* permite a observação duma enorme diversidade de espécies de aves características desta zona.

Para quem gosta de passear, existem variados trilhos para a realização de passeios pedestres e de BTT. Esta zona, e, em especial, o concelho de Idanha-a-Nova é conhecida, pelos meios deste desporto, como a “catedral do BTT”. Na verdade toda a região oferece condições de excelência para a prática deste desporto.

Passeios equestres ou aulas de hipismo são práticas que se encontram pelo concelho, podendo desfrutar de paisagens deslumbrantes que ilustram a beleza natural da região.

Para quem é mais aventureiro, a escalada, a canoagem e o parapente são convidativos para a prática nestes concelhos. A barragem Marechal Carmona em Idanha-a-Nova é um excelente lugar para se passar uma tarde a praticar canoagem. A Serra de Penha Garcia oferece um conjunto de boas condições para se praticar escalada e parapente, sendo visitada não só por nacionais, como internacionais.

A pesca, a caça e o tiro são actividades que se encontram espalhadas e, com melhor organização, no concelho de Idanha-a-Nova. Para quem gosta da observação de animais passeando pelos campos, existem safáris fotográficos.

Como está bem patente, nestes concelhos, são inúmeras as actividades que se podem praticar.

Por aqui começamos a interrogar-nos sobre o porquê de estes concelhos não serem mais visitados por jovens de outros pontos do país.

3.12 Saúde e bem-estar

Idanha-a-Nova e Penamacor têm desenvolvido projectos que atraem pessoas de todo o país que necessitam de serviços que melhorem a sua saúde e proporcionam bem-estar, deixando-se envolver pelo sossego da região, desfrutando das paisagens, cuidando da saúde.

A freguesia de Monfortinho, no concelho de Idanha-a-Nova, é um bom exemplo de um lugar que tem vindo a consolidar-se nestes dois conceitos, conjugando as águas termais com a beleza da natureza envolvente e com o microclima.

Para além da oferta ao nível da natureza, as Termas de Monfortinho, reconhecidas a nível nacional e internacional, oferecem também uma variedade de tratamentos não só terapêuticos e como também de bem-estar. As águas no subsolo das Termas de Monfortinho são muito ricas e “*dividem-se em águas minero-medicinais frias e termais, e águas de nascente*”³⁹. Assim vai ao encontro de um leque maior de clientes, conciliando pessoas que necessitem de tratamentos médicos como também de lazer e relaxe.

O balneário termal da freguesia das Águas, do concelho de Penamacor, já centenário, é outro local onde a saúde e o bem-estar podem ser procurados nos concelhos em estudo. Apesar de antigo, cumpre todos os requisitos que a nova legislação exige, constituindo este, uma porta de entrada para turistas nacionais no concelho.

Em Setembro de 2012, foi aberto em Penamacor o primeiro hotel do concelho, de qualidade de quatro estrelas. Este incorporará também um spa e um balneário termal. Terá uma especialidade para tratamentos de reumatismos, pele e vias respiratórias,

Contudo, este tipo de serviços tem perdido clientes. Esta área tem sido muito difícil de “*manter as portas abertas, muito devido à conjuntura económica das populações*”⁴⁰.

3.13 O turismo na actualidade

Apesar dos concelhos de Idanha-a-Nova e Penamacor terem 15.398 habitantes⁴¹, na sua totalidade, o número de turistas na região é muito superior. Através de uma recolha para este trabalho, verificámos que se registou, em 2011, 70.427 entradas nos postos de turismo dos dois concelhos. Os visitantes procuram a

³⁹ (NATURTEJO)

⁴⁰ (PRÓSPERO, 2012)

⁴¹ (INE, 2011)

O Turismo como motor de desenvolvimento de zonas com tendência ao despovoamento

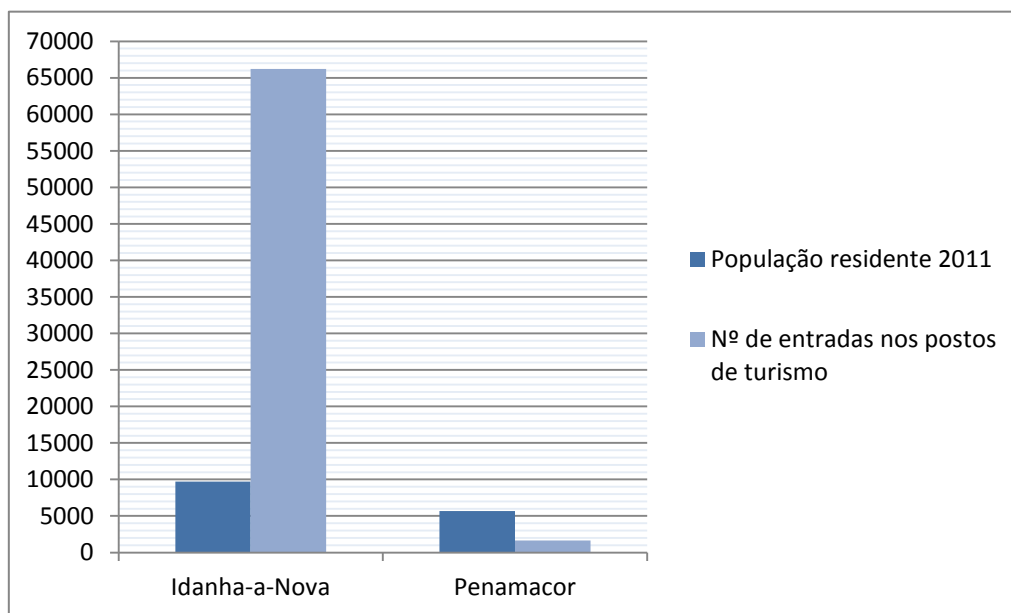
Os concelhos de Idanha-a-Nova e de Penamacor como casos de estudo

tranquilidade do lugar, podendo observar diversos factores que já foram mencionados neste trabalho como o a natureza, o desporto, a saúde e bem estar, a história do lugar, tudo desperta os interesses dos turistas nesta região.

Através dos quadros 17 e 18 reparamos que existe uma discrepância dos números quando comparados os dois concelhos.

Penamacor, concelho que somente tem um posto de turismo, embora seja considerada a 13^a aldeia histórica, registou, em 2011, segundo dados do posto de turismo, 1.650 entradas, representando apenas 2,24% dos turistas que visitam os concelhos em estudo. Destes visitantes, 545 eram estrangeiros, cerca de 1/3. Idanha-a-Nova, porém, nos seus sete postos de turismo, registou 68.777 entradas, o que representa 97.76% dos turistas totais, e cerca de 700% da população residente em 2011.

Quadro 17 População residente e número de entradas nos postos de turismo em 2011



Fonte: Quadro do autor

Ao verificarmos o número de entradas de cada posto de turismo, facultados pelos gabinetes de turismo, reparamos na distribuição assimétrica de valores. Nota-se então que as denominadas aldeias históricas - Monsanto e Idanha-a-Velha - são as freguesias que representam 68,73% das entradas nos postos de turismo. Números que são ainda relativamente baixos para o interesse que a região detém. 1/4 dos turistas que visitam Idanha-a-Velha são estrangeiros, número inferior aos registados em Monsanto, cerca de 1/3.

O Turismo como motor de desenvolvimento de zonas com tendência ao despovoamento

Os concelhos de Idanha-a-Nova e de Penamacor como casos de estudo

Quadro 18 Entradas nos postos de turismo nos concelhos de Idanha-a-Nova e Penamacor (2011)

Postos de turismo	Número de residentes (2011)	Número de entradas nos postos de turismo (2011)	Turistas nacionais (2011)	Turistas estrangeiros (2011)	Total de número de entradas
Idanha-a-Nova	2 352	3 745	Sem referências		68 777
Idanha-a-Velha	63	17 258	12 480	4 778	
Monfortinho	536	4 047	Sem referências		
Monsanto	829	30 014	19 111	10 903	
Penha Garcia	748	10 902	5 135	3 052	
Proença-a-Velha	224	2 577	Sem referências		
Segura	176	234	Sem referências		
Penamacor	1 500	1 650	1 105	545	
	6 428	70 427	37 831	19 278	70 427

Fonte: Quadro do autor

Penha Garcia, embora mais reduzida, apresenta também um valor relativamente elevado, com 15,85% das entradas nos postos de turismo no concelho de Idanha-a-Nova. Muito se deve ao facto de, embora não esteja inserida na Rede das Aldeias de Xisto, ser uma aldeia, tipicamente, de xisto, muito bem recuperada, e com uma paisagem natural esplêndida. Os desportos que são praticados e a famosa piscina natural localizada no meio das falésias de xisto a norte na freguesia, aliciam muito os turistas a visitarem-na.

Em inquéritos realizados a 30 turistas estrangeiros que visitavam os concelhos, em freguesias turísticas diferentes, notou-se que a maioria, cerca de 86,67%, eram espanhóis. Este elevado número de turistas espanhóis deve-se muito à proximidade que os concelhos têm com Espanha.

O turismo na região é apoiado por oito hotéis que variam entre duas e quatro estrelas. 376 quartos é o número total que os dois concelhos oferecem. No entanto, este tema não difere muito do número de entradas nos postos de turismo. Penamacor tem, somente, um hotel, que abriu em Setembro de 2012, com quatro estrelas. No entanto, detém agora 27,89% no número de quartos disponíveis na região, o que se espera que venha a aumentar o número de dormidas, não só neste concelho, como também nos números dos dois concelhos. Já Idanha-a-Nova tem sete hotéis de variadas categorias e bolsos.

O Turismo como motor de desenvolvimento de zonas com tendência ao despovoamento

Os concelhos de Idanha-a-Nova e de Penamacor como casos de estudo

Quadro 19 Hotéis nos concelhos de Idanha-a-Nova e Penamacor (2012)

Concelhos	Hotéis (2012)	Categoria		Quartos (2012)	Total de quartos por município (2012)
Idanha-a-Nova	Fonte Santa	****	4	42	273
	Herdade da Poupa	****	4	16	
	Idanha Natura	***	3	50	
	Astória	***	3	83	
	Estrela da Idanha	***	3	36	
	Boavista	**	2	26	
	Termas de Monfortinho	**	2	20	
Penamacor	Palace Hotel SPA	****	4	103	103
					376

Fonte: Quadro do autor

Segundo os únicos dados disponibilizados pelo Gabinete de Turismo de Idanha-a-Nova, em 2011 os quartos dos hotéis de três estrelas tiveram uma taxa de ocupação de 29,2%, sendo que somente 4,7% foram estrangeiros. Isto equivale a um número muito baixo de visitas estrangeiras nestes concelhos. Fazendo uma reflexão entre o quadro 20 e a afirmação anterior, pode-se deduzir então que a maioria dos visitantes são oriundos de localidades que se localizam perto da fronteira, fazendo assim que passem somente uma tarde nestes concelhos e, ou vão dormir a Espanha, ou dormem noutros locais fora destes concelhos.

Quadro 20 Outras unidades hoteleiras nos concelhos de Idanha-a-Nova e Penamacor (2012)

Concelhos	Estabelecimentos (2012)	Número de quartos (2012)	Número de camas (2012)	Total número de quartos (2012)	Total número de camas (2012)
Idanha-a-Nova	T.R. - Casa das Jardas	8	12	158	297
	T.R. - Casa Sta. Catarina	7	10		
	T.H. - Casa de Oledo	8	11		
	Pousada Monsanto	10	20		
	Pousada da Juventude	24	66		
	Outros	101	178		
Penamacor	T.R. - Moinho do Maneio	3	6	28	54
	T.H. - Casa N. Sra. Do Incenso	6	10		
	Residencial Zé Galante	19	38		
		186	351		

Fonte: Quadro do autor

No quadro 20, vemos que existem mais nove unidades hoteleiras na região, sendo a maioria de Turismo de Habitação e Turismo Rural. Estas detêm de 32 dos

186 quartos existentes nos dois concelhos. Podemos ver ainda que existe um enorme défice de número de quartos disponíveis em Penamacor, sendo que só existem 28 dos 186 quartos, o que representa cerca de 15%.

O turismo nestes concelhos, embora muito centralizado em zonas de maior interesse, tem muito a desenvolver. As entidades Geopark Naturtejo a Região de Turismo da Serra da Estrela estão destinadas a comandar e desenvolver o turismo em Idanha-a-Nova e Penamacor, respectivamente.

Embora as potencialidades dos dois concelhos sejam muito idênticas, nota-se uma grande diferença no tratamento que estas entidades de turismo dão aos concelhos que detêm. Idanha-a-Nova tem tido um avanço muito grande a nível turístico, sendo as aldeias requalificadas, os acessos melhorados, a informação turística muito desenvolvida e publicada, a implementação de diversas casas de cultura locais e, entre outras ainda, de promoção dos desportos no concelho. Penamacor, por outro lado, através da sua região de turismo, não tem vindo a desenvolver de maneira sólida e criativa o seu turismo. Este sofre quedas nos seus registos e, os investimentos têm sido poucos.

Através da entrevista realizada ao Sr. Vereador da Câmara Municipal de Penamacor, António Cabanas, este manifestou a sua tristeza com o esquecimento que a RT Serra da Estrela tem para com o concelho, achando que *“esta entidade centra-se na própria Serra da Estrela, esquecendo este município”*⁴². Espera-se que, o hotel inaugurado em Setembro de 2012, venha a trazer mais turistas e desenvolvimento para a região.

O desporto, as feiras gastronómicas e de artefactos da região, e as festas das freguesias fazem aumentar os turistas, sendo muitos destes os chamados “filhos ou netos da terra”. São os que saíram da região para as cidades, ou até mesmo para o estrangeiro, em busca de uma qualidade de vida melhor.

Através de um levantamento arquitectónico, de inquéritos realizados à população e entrevistas a políticos e a órgãos competentes, apercebemo-nos que existem falhas. O caso das igrejas, por exemplo, é um caso interessante. Sendo pontos fortes de atracção de visitantes, raramente, se conseguem encontrar abertas para se visitarem.

⁴² (CABANAS E. A., 2012)

Apesar de haver investimentos, alguns usados de forma correcta, depois não são aproveitados. Caso de exemplo é o palheiro em Idanha-a-Velha, recuperado com projecto dos Professores Arquitectos Alexandre Alves Costa e Sérgio Fernandez, com a finalidade de ser um centro de estudos para geólogos que nunca foi aproveitado. Como ainda, na mesma aldeia, numa casa solarenga, os mesmos arquitectos desenharam uma pousada cuja implementação, sem eles saberem, foi entregue a outros arquitectos sem seu consentimento.

O TER tem vindo a ter um forte impulso nas modalidades de turismo de habitação, turismo rural, agro-turismo, casas de campo e turismo de aldeia. Estas actividades são muito importantes, visto que um dos principais objectivos é a requalificação das aldeias e a recuperação de certos edifícios de interesse público, característicos da zona inserida. E mais uma vez, o TER impulsiona a visita aos locais inseridos, na medida em que oferece aos turistas locais onde dormir, e ainda gera economia, pois cria novos postos de trabalho e, sobretudo, desenvolve uma circulação de produtos regionais ao nível da gastronomia.

Com a alteração dos modelos de produção e de consumo, em especial com a produção industrial e em série, o artesanato, que abunda nos concelhos de Idanha-a-Nova e de Penamacor, tem vindo a ser atingido com as vendas a decrescerem significativamente. Contudo, com a mudança da mentalidade das pessoas a preferir turismo de natureza em espaços rurais, haverá uma maior procura destes concelhos para descansar em férias e fins de semana e, como tal, uma recuperação neste sector.

O turismo apresentou sinais de recuperação a nível nacional, e quer-se que este tipo de turismo siga a tendência. Esta melhoria preserva o património e introduz novas tecnologias, dando assim uma maior resposta ao nível da exigência do mercado. Esta tendência deverá acentuar-se mais nos concelhos em estudo para que haja uma melhoria da oferta de produtos comercializados.

Sendo assim, a viabilidade de regiões como estas, está bastante dependente da capacidade de criar, organizar e desenvolver a actividade económica no sector agro florestal. Esta área é existente na região, mas pouco modernizada.

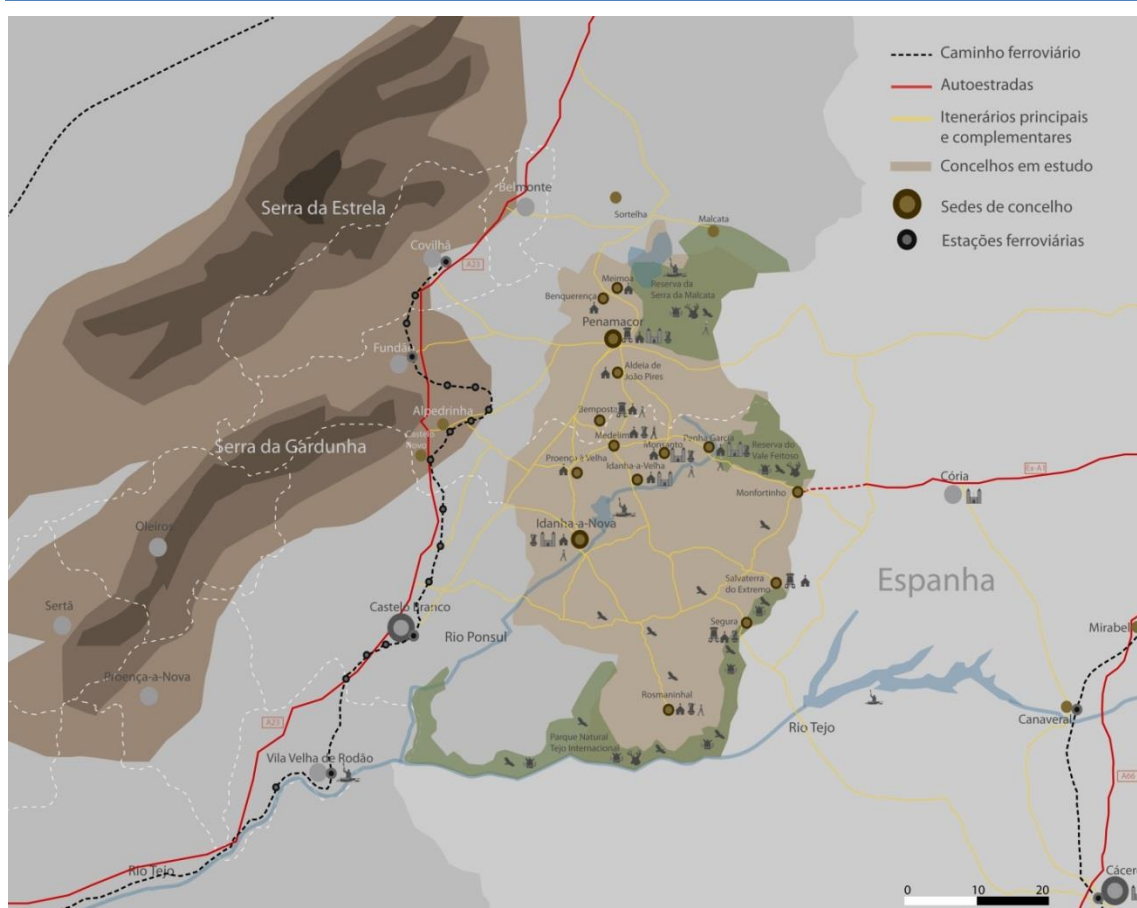
As capacidades de diversificação para outras actividades que satisfaçam novas procuras internas e externas ao território devem acentuar-se, contribuindo desta forma para uma inversão da situação de fragilidade identificada.

3.14 Proposta de um roteiro turístico nos concelhos

O pólo 5 como se tem visto, detém de uma diversidade de actividades que se podem realizar, desde a natureza, ao bem-estar, ao desporto, à cultura, todas estas actividades existem e são oferecidas às pessoas que visitam o território.

Como tal, delineámos um conjunto de 15 freguesias nos dois concelhos que irão estar em destaque no novo roteiro turístico. Tudo o que se propõe fazer já existe, visto que estes concelhos estão quase totalmente prontos para receber turistas. O que se pretende é delinear uma estratégia de promoção turística e alertar para elementos pouco explorados e servidos que os turistas tanto procuram.

Figura 29 Mapa do roteiro turístico proposto com principais localidades e actividades



Fonte: Mapa do autor

Como se pode verificar na figura 31, nota-se que existe uma concentração de numerosas actividades de lazer e cultura no centro. É verdade que este centro será o

grande impulsionador deste roteiro, englobando as freguesias de Monsanto, Idanha-a-Velha, Penha Garcia e Monfortinho.

Então, para uma organização dos concelhos e das suas actividades em pacotes turísticos a promover, dividem-se os concelhos em três zonas – zona norte, zona centro e zona sul. Os três pacotes terão um determinado território e objectivos distintos.

Nenhuma das zonas deverá ser exclusiva, dando a oportunidade de um turista que escolha a zona 1, se poder deslocar às outras zonas, podendo pernoitar nas três numa só viagem. As três zonas deverão promover-se em conjunto, dando sempre um leque variado de actividades ao turista para que este escolha o melhor local para ficar e onde se deslocar.

3.14.1 Zona norte

Esta primeira zona, lugar onde a natureza reina no seu estado natural numa significativa parte do território, tem como objectivo promover-se como um lugar de turismo de lazer, de natureza, onde a tranquilidade e a simplicidade promocional os transformam em lugares de alta qualidade e de requinte. É aqui, em especial focando o Cimo de Vila⁴³ de Penamacor, que começa o percurso nesta zona norte.

Figura 30 Roteiro turístico – Zona norte



Fonte: Mapa do autor

Saindo de Penamacor, a zona norte oferece um leque de actividades variado e calmo. A barragem da Meimóia, a praia fluvial da Benquerença, toda a Reserva da

⁴³ Expressão do local do cimo da vila de Penamacor

Serra da Malcata, e as bonitas e típicas aldeias, a Bemposta e a Aldeia de João Pires, são lugares que deverão ser envolvidos na promoção deste roteiro. A gastronomia, sendo muito rica e diversa, bem como a tradição do Madeiro no Natal, deverão ser um “cartão-de-visita” para toda a zona.

Este território tem características especiais. Situa-se relativamente perto de diversas aldeias históricas, e tem um rápido acesso à Serra da Estrela e a estações de caminho-de-ferro.

3.14.2 Zona centro

Toda esta zona pouco precisa de apresentações neste trabalho. Aldeias como Idanha-a-Nova, Idanha-a-Velha, Monfortinho, Monsanto e Penha Garcia têm vindo, ao longo do trabalho, a ser alvo de um estudo, das características e dos seus pontos de interesse.

No entanto, é necessário afirmar que a segunda zona deste roteiro tem um potencial muito forte neste roteiro. É ela que, pelas suas características e actividades, irá dar a “cara” pelo roteiro turístico. Nela concentra-se um variado leque de Castelos onde ainda perduram, relativamente bem, os seus vestígios.

Figura 31 Roteiro turístico – Zona centro



Fonte: Mapa do autor

Para além dos castelos, os miradouros, os percursos pedestres, as igrejas e as herdades são passíveis de se visitar. É na zona centro do roteiro turístico proposto que se deram, em 2011, 68.543 entradas nos postos de turismo. Por aqui se vê que esta zona será um forte bloco promocional. Será também a mais movimentada, e menos calma, deixando a zona norte e sul, lugares mais de descanso e tranquilidade.

No entanto, com os dados de 2011, desconhece-se o número de pessoas que visitaram a região. Muitos turistas que visitam uma freguesia, visitam outras vizinhas, ficando assim registados mais que uma vez.

Ao falarmos de movimentação, devemos sempre lembrar que esta zona, apesar de deter números muito acima das restantes zonas, não tem um movimento típico de zonas turísticas. Vejamos então, o que os números poderão traduzir: em média, entraram 190 pessoas por dia nos 6 postos de turismo desta zona; um número que, dividido por doze horas, dá 15,8 pessoas/hora, e se dividirmos este pelos 6 postos de turismo, obtemos uma média de 2,6 pessoas/hora/posto de turismo. Verificamos então por estes dados que o turismo, mesmo na zona forte deste roteiro, é muito reduzido.

As freguesias de Medelim e Proença-a-Velha serão incluídas nesta zona devido à sua importância que outrora detiveram. Estas aldeias, típicas de granito, detêm um espólio de casas rurais de grande interesse cultural, em especial Medelim, conhecida como a “aldeia dos balcões”, e pela sua “Rua da Judiaria”. Proença-a-Velha é também muito conhecida pela sua tradição do azeite e dos enchidos, havendo todos os anos, pela altura do carnaval, uma importante e conhecida feira dos enchidos.

3.14.3 Zona sul

A zona sul segue o conceito da zona norte. Terá o objectivo de desenvolver um turismo destinado às pessoas que procuram a tranquilidade e simplicidade.

Figura 32 Roteiro turístico – Zona sul



Fonte: Mapa do autor

Com apenas três freguesias, Rosmaninhal, Salvaterra do Extremo e Segura, esta zona conta com três pontos importantes e estratégicos. O Parque Natural Tejo Internacional, que já referimos, é um parque que tem uma distância entre Salvaterra e o Rio Ponsul, sempre fronteiro com Espanha através dos rios Erges e Tejo. É um ponto importante de promoção turística, visto que nele existe uma reserva de animais no seu estado selvagem, e permite uma diversidade de actividades que passam desde o safari fotográfico até à caça.

O rio Tejo é um eixo importante para a zona sul. Esta poder-se-á servir do rio para passeios turísticos através de barcos que não perturbem os animais que actualmente coabitam na região. Apesar disso, segundo a Dra. Fernanda Seijo, directora da Herdade da Poupá, *“há pouco interesse que esta actividade seja explorada no concelho de Idanha-a-Nova”*⁴⁴. *“As competições desportivas de veículos motorizados terrestres fora das estradas asfaltadas, bem como o esqui aquático e a circulação de motos de água ou similares”*⁴⁵

iriam perturbar o estado selvagem dos animais visto que iria provocar danos na sua tranquilidade. Constituem uma prática que é proibida através do Artigo 9.º do Regulamento do Plano de Ordenamento do Parque Natural do Tejo Internacional. Estas actividades são interditas no concelho de Idanha-a-Nova, mas que em Castelo Branco e Vila Velha de Ródão, existem algumas permissões para se praticar e até mesmo atravessar o rio Tejo em direcção a Espanha.

Fácil é o acesso para a zona sul por meio da rede viária. Esta tem uma ligação com paisagens diversificadas, e facilmente se encontram animais como abutres, águias e aves de tamanhos menores, mas que são típicas da zona. A ligação à rede ferroviária é também fácil, sendo que Alcains e Castelo Branco são as freguesias mais próximas.

3.15 Medidas para um aumento do turismo

É certo que a revitalização das zonas rurais depende muito do seu grau de atractividade e, este, das condições oferecidas à população em geral e aos

⁴⁴ (SEIJO, 2012)

⁴⁵ (DIÁRIO DA RÉPUBLICA, 2008)

empresários em particular. Para tal, é importante que haja a criação, ou a melhoria, de serviços básicos de apoio à população e às empresas, para que estas se possam estabelecer e proporcionem melhores condições de vida e postos de trabalho na região.

O território de Idanha-a-Nova e de Penamacor assenta numa estrutura empresarial de carácter familiar e dominada por pequenas, e mesmo por microempresas. Com este tipo de rede empresarial, os concelhos não são capazes de promover o aparecimento, ou o agrupamento de um número significativo de empresas, com o intuito de aumentar a produtividade na região. As estruturas de apoio às empresas não são muito consistentes o que faz com que não se promovam o amadurecimento e crescimento das micro e pequenas empresas. Um caso de sucesso que juntou vários produtores agrícolas num só objectivo foi a Cooperativa da Idanha-a-Nova, que promove os queijos característicos da zona e promove a gastronomia da região, divulgando produtos, hoje em dia, de referência nacional e internacional. Este é um exemplo que se deverá estender-se a outros produtos agrícolas e artesanais.

Estes produtos regionais devem ser desenvolvidos criando uma maior diversificação na oferta e inovando os conteúdos tradicionais de referência. Este factor reforça o conceito da riqueza da gastronomia com a criação de pratos de referência regional.

A partilha dos momentos da História e da Cultura da região, conciliando com um envolvimento mais pessoal com os turistas, através de actividades de animação cultural, são um dos grandes objectivos do roteiro turístico nos concelhos de Idanha-a-Nova e de Penamacor. Estes deverão ser facilitados com a abertura dos monumentos de interesse para o turista, em particular castelos, museus e igrejas. Assim, como já referido no PETIP, as intervenções deverão focar-se na preservação e manutenção do património, nas actividades culturais, nos transportes públicos, na segurança, na limpeza e nos espaços públicos. É ainda necessário programar um calendário de animação local e de eventos.

A natureza, peça chave para a promoção turística, deverá ser sempre cuidada e mantida. Tanto a fauna como a flora, deverão receber fortes cuidados de conservação e até de inserção, como o caso do Lince Ibérico, para que a essência da região seja sempre assegurada. Esta será sempre a recordação da memória na particular natureza da região.

A promoção de mais eventos de desporto deverá continuar e até aumentar, para que um leque mais jovem e com uma exigência distinta aos frequentes turistas de lazer traga novos conceitos e diversidade para a região. Estes desportos a ser mais promovidos e realçados deverão ser a escalada, o BTT, o parapente e a canoagem.

A realização de um filme de promoção da região é de extrema importância para o conhecimento do território envolvido, com destaque às áreas de referência, desde a fauna à flora, à cultura, à arquitectura, à gastronomia, passando ainda pelo desporto e bem-estar.

Todos estes esforços servem para um reconhecimento da região em questão, para que se torne mais atractiva a turistas interessados neste tipo de turismo. Apesar de tudo, e apesar da evolução positiva do turismo, este sector ainda é incipiente e continua a ter, ainda, um contributo modesto para a base económica dos concelhos. Isto fará também com que as ofertas e os melhoramentos renovem e impulsionem novas actividades económicas, dando novas perspectivas às áreas da restauração, da hotelaria, às reservas e parques naturais e aos museus. Estas terão maiores receitas, beneficiando todos os grupos sociais e todas as faixas etárias, aumentando o valor económico do território.

3.16 Público-alvo e receitas esperadas

Com a crise económica do país e o aumento das portagens na região em estudo, os turistas nacionais deverão sofrer uma diminuição significativa, salvo em épocas sazonais, como Verão, Páscoa ou Natal, em que, devido a factores familiares, se deslocarão até à região. Para contornar este factor, os concelhos deverão seguir novas estratégias.

Devido à proximidade de Espanha com os concelhos de Idanha-a-Nova e de Penamacor, este país deverá ser o principal destino das promoções turísticas.

A conquista do mercado do norte da Europa é também muito importante. Este tem-se deslocado muito para o país, em especial para o sul, mesmo em alturas mais frias. Muitos têm comprado casas para viver no Algarve e agora no Alentejo. Dever-se-ão criar infraestruturas que levem este tipo de turista a querer deslocar-se até estes concelhos, podendo até adquirir casa para viver.

O Turismo como motor de desenvolvimento de zonas com tendência ao despovoamento

Os concelhos de Idanha-a-Nova e de Penamacor como casos de estudo

Com a expansão dos mercados latino-americanos e da Ásia, como já foi referido na PETIP, deverão ser novos públicos alvo a explorar por esta região.

Para uma pequena estimativa do que é esperado em 2020, sabe-se, através do PETIP, que se calcula, numa média aproximada, um número de visitantes estrangeiros no pólo 5, de 34.704, do que resulta cerca de 2.313 pessoas por freguesia. Fazendo contas ao número de dias do ano, 6 pessoas estrangeiras passem pordia em cada freguesia.

Por hora, em cada freguesia passam 0,75 pessoas, o que significa um aumento no número de turistas quando comparado com 2011.

Quadro 21 Receita média esperada em 2020 – dados do PETIP

Tipo de turista	Despesa por turista (€)	Percentagem de turistas	Turistas 2020	(TuristasxPreço diário) x3 (€)	Pólos	Média de rentabilidade por freguesia(€)
City Break	50	20	6 941	1 041 120	15	1 457 568
Upscale	250	80	27 763	20 822 400		
		100	34 704	21 863 520		

Fonte: Quadro do autor

Como referido no ponto 2.7.2 do trabalho, a região centro, segundo o Turismo de Portugal, conta que, em 2015, 207.207 turistas estrangeiros visitem o distrito de Castelo Branco. Este valor, daria em média 18.837 turistas por concelho. Através do quadro 18 sabe-se que, em 2011, 19.278 turistas estrangeiros visitaram os dois concelhos em estudo neste capítulo.

Sendo assim, a previsão de crescimento, depois de implementadas, em 2013, a maior parte das medidas propostas, seria para se alcançar a meta de crescimento, a partir do ano de 2014, de 8%/ano. Ora, como vemos no quadro 22, ficamos a com uma meta para alcançar, em 2020, de 34.360 turistas estrangeiros a visitar o pólo 5, os concelhos de Idanha-a-Nova e Penamacor.

Quadro 22 Aumento anual do número de turistas no pólo 5

	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018	2019	2020
Taxa aplicada	x	1%	4%	8%	8%	8%	8%	8%	8%	8%
Pólo 5	19278	19470	20249	21869	23619	25508	27549	29753	32133	34704

Fonte: Quadro do autor

Sabendo que, nos dias de hoje, há freguesias que recebem mais turistas que outros, pode-se antever que isso irá acontecer em 2020; sabe-se que o número de turistas estrangeiros irá aumentar significativamente.

3.17 A população para impulsionar o turismo

Neste projecto todos os grupos sociais e todas as faixas etárias fazem parte integrante e são importantes para o desenvolvimento da área. Os políticos, as populações e as empresas têm que estar em sintonia com o projecto, acreditando que este trará novos investimentos para a região, fazendo assim aumentar a riqueza do território.

Os políticos, como facilitadores do investimento de entrada, promovendo a facilidade de implementação de projectos na região. Terão ainda a difícil tarefa de renovar o sentimento da população, fazendo com que esta acredite num futuro melhor da região e numa nova perspectiva de vida.

As populações terão uma tarefa de recepção aos turistas, fazendo com que estes se sintam em casa e bem recebidos. Duas a quatro pessoas ficarão responsáveis pela abertura dos monumentos em cada freguesia. Para tal conhecimento dos turistas, deverá haver à entrada, ou num sítio de passagem obrigatório, informação de quem está com o dever de abrir a porta a estes.

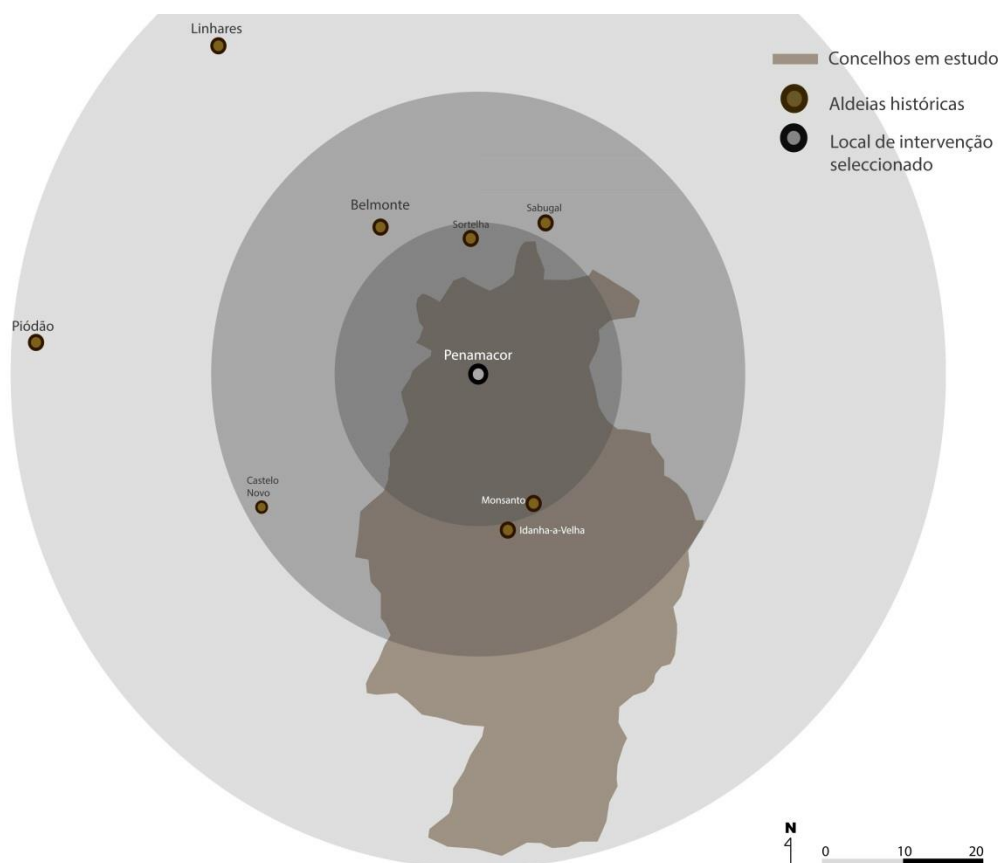
4 Proposta Urbana e Arquitectónica

4.1 Critérios de selecção

Os concelhos de Idanha-a-Nova e Penamacor foram os eleitos para a implementação do projecto, tendo sido estudados no capítulo anterior. Na selecção do local em estudo foram realizadas várias análises para se aquilatar qual a melhor zona para a realização de um projecto urbano-rural e de uma proposta de unidade hoteleira. Foram tidos em conta factores como a sua localização, na região de Castelo Branco a distribuição dos hotéis existentes nos concelhos de Idanha-a-Nova e Penamacor e as áreas de interesse na envolvente da área analisada.

São apresentados em seguida os resultados que determinaram a eleição de Penamacor como local de estudo, intervenção e implementação do projecto.

Figura 33 Proximidade das aldeias históricas portuguesas a Penamacor



Fonte: Mapa do autor

Penamacor, denominada a décima terceira aldeia histórica, está geograficamente bem localizada no conjunto das aldeias históricas espalhadas na Beira Interior. Num primeiro anel, como se pode ver na figura 35, encontra-se Monsanto que dista 21 quilómetros em estrada, e Sortelha, que embora diste cerca de

O Turismo como motor de desenvolvimento de zonas com tendência ao despovoamento

Os concelhos de Idanha-a-Nova e de Penamacor como casos de estudo

21 quilómetros em linha recta, apresenta acessos mais complicados, por atravessar a serra da Malcata. No segundo anel estão inseridos Belmonte, Idanha-a-Velha, Castelo Novo e Sabugal, a não distarem mais de 44km. No caso de Castelo Novo, por exemplo, a distância é facilmente percorrida em 47 minutos de automóvel.

Para quem já conhece a zona e prefira estabelecer-se aqui e queira ainda, por uma tarde, visitar outras aldeias de interesse nacional, como Linhares e Piódão, a distância é, igualmente, transposta com relativa facilidade, sendo que estes estão a 107 e 126 quilómetros de distância, respectivamente, inseridas num terneiro anel.

Quadro 23 Distâncias das aldeias históricas portuguesas de Penamacor

	Aldeias históricas	Distância (Km)	Tempo (min.)
Penamacor	Belmonte	39	43
	Castelo Novo	44	47
	Idanha-a-Velha	23	22
	Monsanto	21	23
	Sabugal	33	35
	Sortelha	34	38
	Linhares	107	-
	Piódão	126	-

Fonte: Quadro do autor

Outro aspecto a salientar é o facto de os hotéis nos concelhos em estudo estarem muito centrados em Monfortinho e na zona sul do concelho de Idanha-a-Nova. Em 2012 foi inaugurado o primeiro hotel do concelho de Penamacor. Esta unidade hoteleira, a única no concelho, de quatro estrelas, situa-se fora do morro da vila.

O espaço hoteleiro proposto neste projecto irá aumentar a oferta na zona norte dos concelhos, havendo possibilidade de a abrir-lo a concelhos vizinhos como Belmonte, Sabugal, Covilhã, Fundão e Castelo Branco, e até mesmo para Espanha. Esta localização fará com que o turista não fique confinado aos hotéis em Monfortinho, que têm por base as Termas e estão situados numa zona muito específica e se destinam a um público-alvo particular.

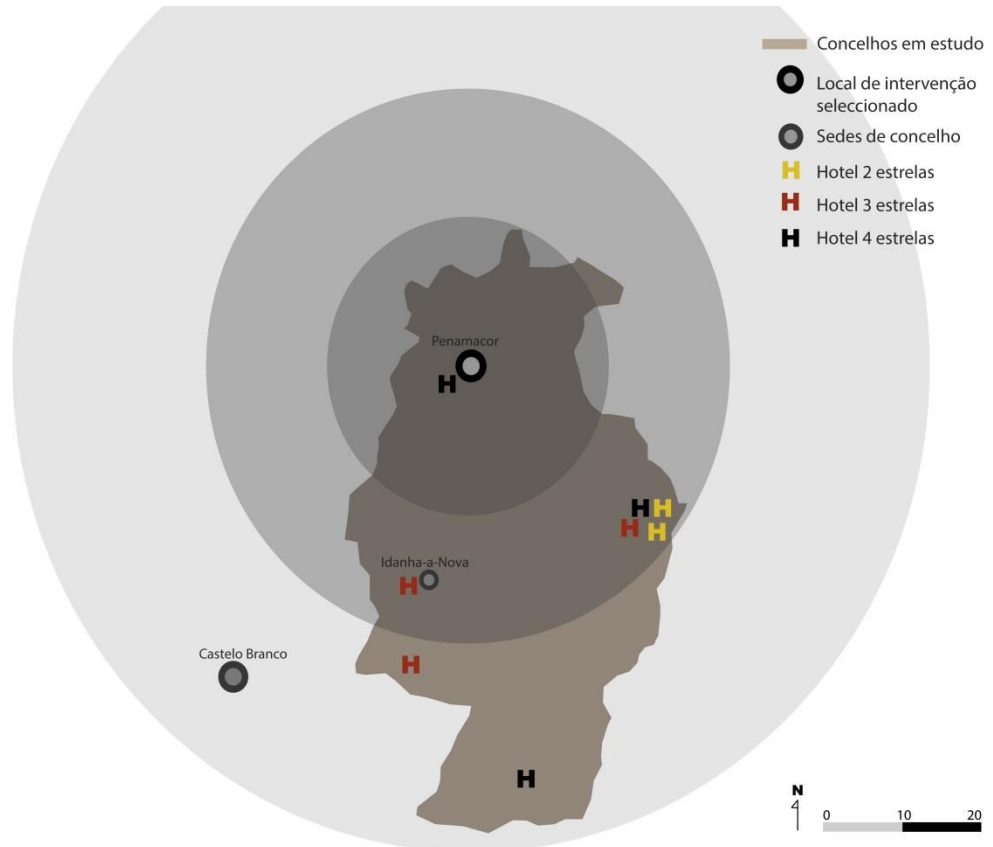
A localização do hotel proposto, inserido na malha medieval e no ponto mais elevado da vila de Penamacor, no “cimo de vila”, permite tirar partido da vista

O Turismo como motor de desenvolvimento de zonas com tendência ao despovoamento

Os concelhos de Idanha-a-Nova e de Penamacor como casos de estudo

panorâmica imensa e fomentar a divulgação da riqueza histórica e cultural da região. Este novo conceito de unidade hoteleira, único na região, aumenta e diversifica a oferta turística da região.

Figura 34 Proximidade dos hotéis do pólo 5 a Penamacor



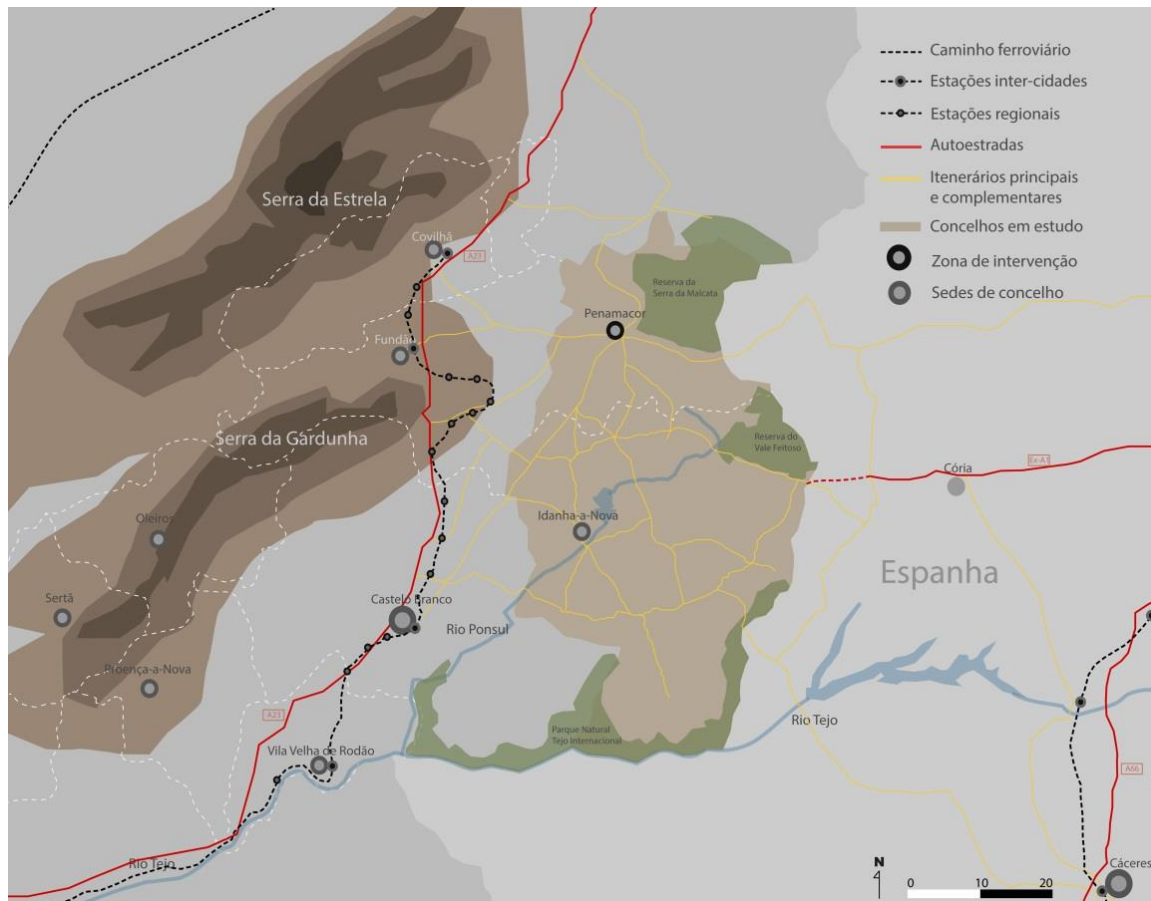
Fonte: Mapa do autor

Com reservas e parques naturais, como a Malcata, o Vale Feitoso e a Herdade da Poupá, e com a Serra da Estrela a uma distância próxima, a sensivelmente 50 quilómetros e uma hora de viagem, Penamacor afirma-se uma vez mais como um ponto forte para a elaboração do projecto arquitectónico que é proposto neste trabalho final.

Por fim, e mais uma vez a sua localização geográfica leva a que Penamacor seja o local certo para a projecção de uma unidade hoteleira. O facto de estar a 15Km de Espanha, a 50 de Castelo Branco e da A23 em direcção a Lisboa, e com bons acessos rodoviários, a uma distância de cerca 45 quilómetros em relação à Covilhã e à A23 em direcção ao norte, e a 69Km da Guarda e da A25 em direcção ao Porto e a

Madrid, confere o seu bom posicionamento e faz com que a deslocação para o local de referência tenha boas características em meio rodoviário.

Figura 35 Proximidade das principais vias de comunicação a Penamacor



Fonte: Mapa do autor

Todos estes critérios, aliados à riqueza do património natural, paisagístico, arquitectónico e histórico, revelam o potencial que Penamacor tem para a implementação do projecto que proporcionará uma renovação de vivências que há muito tem vindo a perder.

4.2 Caracterização do local

Penamacor, situada na fronteira entre a Beira Alta e a Beira Baixa, é uma vila de carácter urbano-rural que outrora foi disputada por romanos, visigodos e mouros. O ponto mais alto da colina, denomina-se como Cimo de Vila, local onde antigamente se erguia a muralha do castelo e de que ainda se podem admirar partes dela, mandadas

edificar por Gualdim Pais e D. Dinis, e a alcáçova do castelo, que protegia a vila de Penamacor.

O Cimo de Vila é caracterizado por ter pouca população, cerca de 30 habitantes, numa área com cerca de 3,24 há. A freguesia de Penamacor tem o maior índice de envelhecimento do país e, dentro dela, o Cimo de Vila é um dos locais em que esse índice atinge maior dimensão. Muito distinta de outrora, a vila antiga de Penamacor conta com 70 fogos, a maioria em granito, e de carácter habitacional. Destes, somente 15 fogos estão ocupados. As habitações têm, maioritariamente, dois pisos, a chamada “loja” no piso térreo e a habitação no primeiro andar. Somente 4 edifícios têm 3 pisos, tendo sido o 3º construído no século XX ou XXI; com características que destoam da envolvente granítica.

Conhecida como vila de militares, os seus habitantes viviam essencialmente da agricultura e da pastorícia que, em especial, os terrenos a sul do morro proporcionavam. Estrategicamente bem situada, detém um valor natural e paisagístico que oferece uma vista deslumbrante sobre vários pontos de interesse – campina de Castelo Branco e Idanha-a-Nova e a serra do Vale Feitoso a sul, as serras da Gardunha e Estrela a poente, e as serras da Malcata e da Gata (Espanha).

A maioria das habitações tem um logradouro nas traseiras agregado à casa, para a prática de agricultura caseira e de subsistência, localizados nas traseiras. As frentes das habitações voltam-se para a rua principal que percorre, longitudinalmente, todo o Cimo de Vila. Constata-se ainda a inexistência de estabelecimentos comerciais e serviços de apoio à população, estando somente aberto o posto de turismo de Penamacor, que detém o controlo sobre a abertura da Torre de Menagem.

Ao nível da arquitectura religiosa, destaca-se a Igreja da Misericórdia, construída no século XVI, com um belo portal manuelino encimado por esferas armilares, já referenciado no capítulo 3, e a Igreja de São Pedro, mandada construir no século XII ou XIII, com planta longitudinal composta por uma nave, uma capela-mor e uma sacristia adossada. Esta última reformada no século XVIII, mantém ainda da construção medieval o campanário em empena e duas sineiras em arco de volta perfeita.

Entre outros monumentos, para além da Torre de Menagem que pertencia à alcáçova, existe ainda a antiga *Domus Municipalis*, que enquadra um dos antigos acessos ao Cimo de Vila. Segue o conjunto de muralhas, que se encontram em razoável estado de conservação. Na fachada voltada para as cercanias, podem ver-se

duas janelas com molduras lavradas e entre elas o brasão de armas de Penamacor, com as esferas de D. Manuel I. Encostada à muralha medieval emerge uma torre, a Torre do Relógio, cuja construção remonta, provavelmente ao início do séc. XIV. Junto à porta que está sob a *Domus Municipalis*, a entrada da cidadela de Penamacor, do lado exterior à cerca, ergue-se um pelourinho num espaço que outrora foi praça pública, e onde se realizavam feiras, sendo mais tarde, convertido num cemitério, extinto em 1857.

A escassez de actividades dinamizadoras da área de estudo, juntamente com o enfraquecimento da actividade agrícola e o conseqüente abandono dos terrenos, tornam essencial a reanimação destas e de outras actividades, como forma de potenciar o interesse e o turismo no local, nomeadamente através da exploração da paisagem rural, potenciando os espaços verdes de forma a aproveitar as vistas e a história que se revela no terreno.

Após esta análise de Penamacor e da análise realizada sobre a região no capítulo 3 deste trabalho, constata-se que apesar da sua história, importância e actividades, hoje existe uma falta de centros geradores de movimento turístico e económico, pólos atractivos e actividades que não só fixem residentes, como também tragam visitantes. É neste ponto que se centra o projecto urbano e os equipamentos propostos neste capítulo.

4.3 Proposta urbana

Para a realização deste trabalho, foram visitados diversos locais como o Centro de Cartografia da Faculdade de Arquitectura da U.T.L., e junto das Câmaras Municipais de Idanha-a-Nova e de Penamacor. A proposta que se segue foi baseada sobre elementos cartográficos e em dwg. com curvas de nível de 5x5, enviados pela Câmara Municipal de Penamacor. Nota-se ainda que este concelho, ao contrário do verificado nos elementos fornecidos pela Câmara Municipal de Idanha-a-Nova, detêm uma falta de rigor e de elementos importantes para a realização de qualquer trabalho na área de arquitectura e planeamento urbano e territorial.

O Cimo de Vila de Penamacor é um conjunto homogéneo característico de um contexto rural, no cimo de um morro com elevada altitude, composto por núcleos de casas rurais, algumas com dependências, e contruídas, na sua maior parte, em

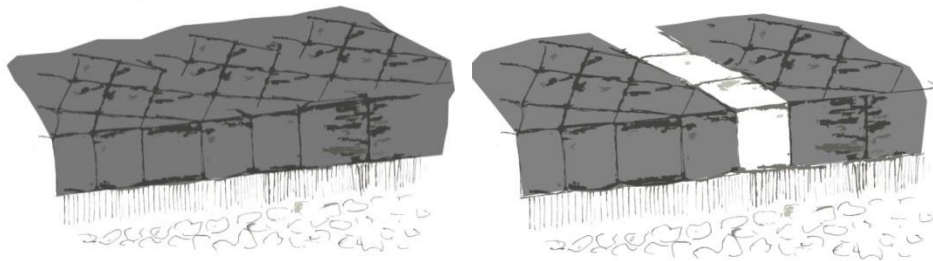
O Turismo como motor de desenvolvimento de zonas com tendência ao despovoamento

Os concelhos de Idanha-a-Nova e de Penamacor como casos de estudo

granito. O uso em quase 100% das construções é, exclusivamente para a habitação, sendo que as suas dependências, quando não convertidas em zonas habitáveis, são utilizadas como casas de apoio agrícola.

A rua de S. Pedro é a principal rua que atravessa o alto de Penamacor, ligando o Cimo de Vila ao centro urbano. Esta rua constitui-se o único acesso viário possível ao Cimo de Vila, o qual será mantido. Apesar do seu carácter viário, será dada prioridade à circulação pedonal, à semelhança das restantes ruas e lugares da área de intervenção.

Figura 36 Calçada pedonal à esquerda e calçada viária à direita



Fonte: Desenhos do autor

O percurso viário irá terminar numa zona de estacionamento onde os automóveis poderão inverter o sentido de marcha.

É notória a importância da Rua de S. Pedro pois estabelece a ligação entre todos os pontos de interesse da zona de intervenção. Praticamente todas as construções têm a sua fachada principal voltada para esta rua.

Figura 37 Fotografias da Rua de S. Pedro e da antiga *Domus Municipalis* em Penamacor



Fonte: Fotografias do autor

As características arquitectónicas e paisagísticas, aliadas à taxa de ocupação e densidade populacional e ao número reduzido de visitantes, veio desafiar o projecto para uma intervenção ao nível da requalificação e revitalização de toda a área do Cimo de Vila. Torna-se, então, essencial uma proposta que potencialize o conjunto de habitações existentes e, ao mesmo tempo, reconquiste a vivência da história desta pequena vila.

Os principais focos de interesse serão o património, a história, a agricultura e todo o ambiente urbano-rural que a vivência da vila poderá proporcionar aos visitantes.

Figura 38 Planta da proposta urbana para o cimo de vila de Penamacor



Fonte: Mapa do autor

Através de um percurso exclusivamente pedonal que se inicia na *Domus Municipalis*, irão ser expostas algumas recriação de actividades e profissões que nos tempos mais medievais se terão vivido através do envolvimento da população. Este percurso, como vemos na figura 40 (ver Anexo 7.4) irá percorrer uma variedade de ambientes que proporcionarão diversas sensações: desde a passagem pela forte muralha existente a norte junto à porta principal do Cimo de Vila, onde se situa

também a imponente Torre do Relógio, atravessará uma rua relativamente estreita, ladeada por habitações e pelo antigo palácio, que propomos transformar em museu, e pela capela de S. Pedro, que se propõe restaurar e ainda por um espaço mais amplo de acesso a um miradouro e a logradouros agrícolas.

Neste espaço de acesso ao miradouro organizar-se-ão, regularmente, feiras de promoção dos produtos regionais. Os produtores ao arrendarem os espaços a isso destinados poderão apresentar os seus produtos, tornando o percurso mais atractivo. Para um maior enriquecimento da experiência turística, não só os visitantes poderão ver como também ajudar e conhecer as técnicas agrícolas que nos logradouros são praticados pelos seus proprietários. Por fim, as dependências arquitectónicas que existem ao longo do percurso, serão o local onde se promoverá o museu vivo, no qual os protagonistas exerciam as suas profissões, com as técnicas antigas, fazem parte da actividade promotora turística, de maneira a melhor dar a conhecer ao turista a antiga vivência diária do Cimo de Vila.

O ponto alto desta etapa é a chegada à Torre de Menagem, onde se poderá descansar um pouco. Aqui será criada uma plataforma em madeira que contornará os limites da antiga alcáçova existente, dando a conhecer aos visitantes a sua pré-existência. Subindo a torre e avistando toda a área envolvente de Penamacor, uma vista deslumbrante de dezenas de quilómetros ao redor.

Figura 39 Desenho da proposta da plataforma dos antigos limites da alcáçova



Fonte: Desenhos do autor

De volta ao percurso, inicia-se a segunda etapa caminhando-se ao longo da muralha a sul. Esta muralha encontra-se hoje muito deteriorada e, em determinados pontos, ela é inexistente. A encosta a sul que se prolonga ao longo do percurso,

O Turismo como motor de desenvolvimento de zonas com tendência ao despovoamento

Os concelhos de Idanha-a-Nova e de Penamacor como casos de estudo

deverá ser alvo de uma intervenção profunda, especialmente através da dinamização das actividades áreas agrícolas e a pastorícia. Propõe-se então que, ao longo da encosta para o sopé do morro, seja implantado um centro de preservação de animais típicos da zona em estudo, para um aumento do valor e do interesse turístico do Cimo de Vila de Penamacor. Esta segunda etapa do percurso, terminará no actual miradouro e no hotel rural que se propõe neste trabalho.

Através de todos estes ambientes, os visitantes poderão ter a oportunidade de sentir estares e viveres diferentes ao longo do percurso. Na zona mais a norte será, ainda, construído um novo miradouro, com vista focada para o centro e norte da vila de Penamacor e para a Serra da Malcata. Um pouco mais abaixo, propõe-se a construção de um picadeiro a partir do qual se possam realizar passeios a cavalo, diversificando a oferta para se fazer, os percursos do Cimo da Vila, de uma maneira alternativa.

Resumidamente, todas as actividades de animação ou diversão que se oferece aos turistas irão contribuir para a propagação e promoção não só de Penamacor, bem como de toda esta zona raiana.

Ao nível da paisagem urbana, são propostas uma série de intervenções que passam por:

- Substituir toda as ligações eléctricas aéreas, por ligação subterrâneas;;
- Uma reformulação da iluminação, e a consequente eliminação dos postes eléctricos espalhados em toda a área;
- Remover as antenas das coberturas dos edifícios
- Um novo modelo de placas informativas e em maior quantidade sobre a história dos locais de interesse;
- Inclusão de sistema RSU, projectados com a linguagem da paisagem urbana e rural que o Cimo de Vila oferece;

Ao nível arquitectónico, propõe-se a recuperação de todo o conjunto edificado do todas as casas dos conjuntos de edifícios espalhados pelo Cimo de Vila, com um tratamento rústico, evidenciando sempre que possível o granito, e que não descaracterize a linguagem rural da vila. Serão tomadas em conta as preexistências como linhas condutoras de todo o processo de recuperação, como por exemplo, as portas e as janelas, pelo que se terá um especial cuidado na escolha dos materiais a utilizar.

Verificou-se no terreno que, mesmo em recuperações realizadas nos dias de hoje, recentemente, não houve a preocupação de preservar os valores arquitectónicos do Cimo de Vila, sendo utilizados materiais que destoam completamente da linguagem do local.

Estas intervenções permitem tornar a paisagem urbana no Cimo de Vila mais limpa e agradável de ver e visitar. As propostas terão como objectivo retratar, de uma forma muito clara, a simplicidade construtiva desta zona, característica de uma época que se pretende aludir.

4.4 Selecção do local para a unidade hoteleira

Junto ao miradouro que se localiza a oeste do perímetro do Cimo de Vila, estende-se um terreno que é limitado por um troço de muralha que hoje em dia apresenta sinais de deterioração. É acompanhado por uma série de casas em granito, na sua maioria devolutas, em que somente uma é ocupada como primeira habitação e uma outra tem uma ocupação sazonal; segundo a população local, os proprietários já há alguns anos que não usufruem da casa.

Estes edifícios localizam-se junto a um miradouro, e têm nas trazeiras, viradas a sul, logradouros com terrenos agrícolas, com uma vista esplendorosa. A grande extensão de terreno livre, a baixa ocupação das casas existentes, inferior aos restantes aglomerados do “cimo de vila”, a sua localização junto ao percurso pedonal proposto no ponto anterior, são características que tornam esta área a eleita para a implantação da unidade hoteleira que se propoe realizar em seguida.

4.5 As modalidades de Turismo no Espaço Rural (TER)

No turismo existem várias modalidades destinadas a determinados sectores e regiões. O Turismo Rural é uma dessas modalidades, que tem como objectivo permitir aos turistas um contacto mais directo e genuíno com a natureza, a agricultura, a arquitectura e as tradições locais, através da hospitalidade privada em ambiente rural, em muitos casos até familiar. Este modelo tem vindo nos últimos anos a desenvolver

um conjunto muito diverso de actividades específicas, sendo elas apoiadas por diversos incentivos financeiros, quer governamentais, quer comunitárias.

Para este trabalho, e para se começar a entender o conceito base do projecto urbano e arquitectónico desenvolvido, fala-se dos termos que ligam o TER à unidade hoteleira. Uma primeira modalidade de TER, é o Agro-turismo, que é implementado por famílias de agricultores locais dispostos a partilhar o seu modo de vida com os habitantes do meio urbano. Estando Penamacor, desde há milénios, muito ligado à agricultura, o serviço de hospedagem prestado aos turistas em casas particulares integradas em explorações agrícolas, permite aos hóspedes o acompanhamento e conhecimento da actividade agrícola ou a participação nos trabalhos aí desenvolvidos, de acordo com as regras estabelecidas pelo responsável das casas e empreendimentos. O agro-turismo tem como principal função ajudar a estabilizar a economia local, proporcionando a criação de empregos em diversas áreas, indirectamente ligadas à agricultura e ao próprio turismo - comércio de mercadorias, serviços auxiliares, construção civil, entre outras. Para além disso, abre novas oportunidades de negócios directos, como hospedagem, lazer e recreação. Economicamente, como exemplo de vantagens associadas ao agro-turismo, pode-se mencionar a possibilidade de agregar valor aos produtos agrícolas locais e a instalação de indústrias artesanais - por exemplo para a produção de alimentos regionais típicos. Além disso, desperta a atenção para o manejo, conservação e recuperação de áreas degradadas, da vegetação florestal e natural.

Outra modalidade muito presente, e em especial no projecto arquitectónico deste trabalho, são os empreendimentos turísticos no espaço rural. Os Hotéis Rurais, segundo a Portaria n.º 937/2008 de 20 de Agosto do Diário da República, em anexo 7.3, deverão atender *“ao enquadramento paisagístico, às amenidades rurais envolventes, à qualidade ambiental e à valorização de produtos e serviços produzidos na zona onde o empreendimento se localize”*⁴⁶. Os Hotéis Rurais deverão respeitar as características dominantes da região onde serão implantados, e preservar a traça arquitectónica e os materiais de construção. A estes poderão ser agregados unidades arquitectónicas actuais, respeitando e evidenciando sempre as características locais. Este tipo de empreendimento poderá exercer actividades de animação *“que se destinem exclusivamente à ocupação de tempos livres dos seus utentes e contribuam para a divulgação das características, produtos e tradições das regiões em que os*

⁴⁶ (DIÁRIO DA REPÚBLICA)

mesmos se situam”²⁶. Na subsecção I da secção II da mesma Portaria, estabelece-se que os Hotéis Rurais construídos de raiz devem “*estar situadas num único edifício ou em edifícios integrados numa entidade arquitectónica única*”. Este tipo de hotel deve cumprir com os requisitos comuns e classificam-se nas categorias de 3 a 5 estrelas, de acordo com o disposto na portaria prevista na alínea a, do n.º 2, do artigo 4.º do Decreto -Lei n.º 39/2008, de 7 de Março. Os Hotéis Rurais devem estar pensados para utentes com mobilidade condicionada, integrando instalações, equipamentos e, no mínimo, uma unidade de alojamento para este tipo de utentes.

4.6 Casos de estudo e referências

Apesar do tema da reabilitação urbana em espaços rurais ser pouco estudado, existem alguns casos onde houve a tentativa de reocupar com fins turísticos certas localidades.

Hoje em dia, reestruturar a base económica do território é cada vez mais importante. É necessário que se faça uma diversificação das actividades económicas nas explorações agrícolas e o reforço das actividades emergentes (a produção biológica, o turismo rural e de natureza, as actividades lúdico-culturais, entre outras). Embora com algum significado, estas actividades não têm dimensão suficiente para darem, por si só, o contributo necessário em termos de criação/manutenção de emprego do sector empresarial. “*A revitalização da actividade económica está, ainda, directamente ligada à competitividade dos produtos de qualidade do território*”⁴⁷.

Vemos então em seguida casos de estudo que, para este trabalho, serviram como exemplos de boas recuperações de edificações, não só para unidades hoteleiras, como também para a revitalização e requalificação de aldeias:

4.6.1 Pedralva

Os argumentos atrás mencionados foram utilizados na requalificação da aldeia algarvia de Pedralva, uma aldeia que sofria desertificação, à semelhança do que acontece com centenas de aldeias em Portugal. Em 2006, quatro jovens,

⁴⁷ (VICENTINA).

perspectivando um grande potencial nesta aldeia, investiram quatro milhões de euros na sua requalificação. Esses jovens empresários compraram 30 das 50 casas da aldeia, recuperando-as de seguida para alojamento turístico. Este investimento traduziu-se em Novembro de 2011, numa ocupação de 60%, taxa bastante boa tendo em conta que refere-se ao período de época baixa.

Figura 40 Pedralva, Algarve



Fonte: Fotografia do autor

Graças a esta reabilitação, foi possível um aumento da população e mais importante, a criação de 9 postos de trabalho. Prevê-se que este investimento apenas tenha retorno por volta do ano de 2023. Dois dos valores que esta requalificação teve em conta foi a *“melhoria da rede dos serviços básicos reduzindo desigualdades e promovendo a coesão social do território”* e ainda *“a valorização do património cultural do território que se expressa pela sua forte identidade, riqueza e diversidade, quer de interesse histórico, arqueológico, artístico e etnográfico”*⁴⁸.

4.6.2 Idanha-a-Velha

Alguns projectos de recuperação têm levado Idanha-a-Velha, a aldeia mais despovoada do pólo 5, a dinamizar o turismo na zona. Projectos do Arq. Alexandre Alves Costa e do Arq. Sérgio Fernandez são exemplos disso. *“A recuperação do Lagar de Varas, foi um trabalho que teve como premissas um restauro integral e rigoroso por forma a respeitar o valor documental do arruinado edifício, vestígio histórico representante da importância que a cultura do azeite teve outrora na economia da região. A arquitectura de autor foi secundarizada, tendo apenas desempenhado o seu*

⁴⁸ (VICENTINA).

*papel no desenho do novo edifício destinado a Arquivo Epigráfico. No seu conjunto, a intervenção requer ser visitada. A aldeia, só por si, pelo seu passado e história, já impõe uma visita a todos os que possuem um espírito curioso e sedento pela beleza em estado puro*⁴⁹.

Figura 41 Idanha-a-Velha, Idanha-a-Nova



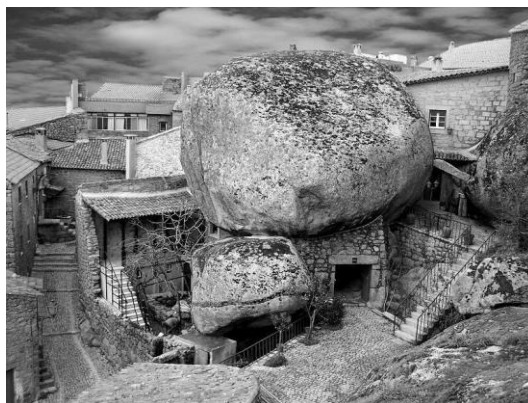
Fonte: Fotografia do autor

4.6.3 Monsanto

O conjunto da aldeia de Monsanto é um património de grande importância da zona raiana que tem vindo a sofrer, ao longo dos anos, uma intervenção de recuperação e requalificação. Situada no concelho de Idanha-a-Nova, foi considerada a “Aldeia mais portuguesa de Portugal”, em 1938, pelo concurso “A aldeia mais portuguesa”, lançada por António Ferro. Está aninhada na encosta de uma elevação escarpada - o cabeço de Monsanto - que surge abruptamente na campina e que, no seu ponto mais elevado, atinge os 758 metros. Monsanto é o resultado de uma fusão harmoniosa da natureza com a intervenção da obra humana ao longo dos tempos. O mimetismo entre a acção do homem e os acidentes geográficos deu origem a curiosas utilizações de grutas e penedos integralmente convertidos em peças de construção. Os penedos graníticos, enormes, estão de tal modo ligados às habitações, que tanto lhes servem de chão, como de paredes ou tectos.

⁴⁹ (ARQUITECTURA)

Figura 42 Monsanto, Idanha-a-Nova



Fonte: Fotografia do autor

4.6.4 Póvoa Dão

A aldeia de Póvoa Dão, desde 1886, tem vindo a perder substancialmente os seus habitantes (133 habitantes em 1886; 109 habitantes em 1936; 8 habitantes em 1989), contando com apenas dois habitantes em 1995. Nesse mesmo ano, o Grupo Catarino adquiriu a aldeia e, juntamente com o Arquitecto Jorge Carolino montou um projecto com intuito de devolver os ancestrais usos e costumes, tornando a povoação viva e visitável.

Figura 43 Póvoa Dão, Silgueiros



Fonte: <http://www.povoadao.com/>

Esta, situada em Silgueiros, concelho de Viseu, com mais de sete séculos de existência e em total conjugação com a natureza, recebeu um projecto pioneiro de recuperação e requalificação de turismo de aldeia. Antes do início da sua recuperação, Póvoa Dão contava com apenas uma casa habitada, e com mais de 30 casas em estado de quase degradação. Para melhorar e potencializar as qualidades desta

intervenção, foi lançado um projecto de trilhos e equipamentos de lazer que proporcionam aos visitantes actividades variadas.

4.6.5 Quinta do Medronheiro

O Hotel Rural de Soutulho, na Quinta do Medronheiro, é um complexo de 40ha, composto por casas rurais e suas dependências em granito, e com uma casa principal, a antiga casa dos senhorios da quinta. Aqui pretendeu-se intervir ao nível do contexto turístico para a revitalização agrícola da Quinta.

Idealizado pelo atelier Carlos Chaves – Arquitecto lda, o projecto teve em conta as preexistências da quinta, fazendo um trabalho que assentou essencialmente na recuperação, reconstrução e adaptação do conjunto construído existente. As casas que sofreram intervenções organizam-se no seu meio numa forte relação de interdependência, algumas delas em torno de um pátio limitado a sul por um muro em alvenaria de granito. Muitas das construções, com excepção da casa principal, desenvolviam-se num único piso que acompanhava de forma mais ou menos natural a própria morfologia do terreno.

Figura 44 Quinta do Medronheiro, Soutulho



Fonte: www.quintadomedronheiro.pt/

Por fim, uma das maiores intenções foi de querer mostrar, de uma forma muito clara, a simplicidade construtiva, que levou a um aproveitamento e integração das preexistências inseridas num novo programa que compreende 15 unidades de alojamento para hóspedes, algumas delas em completa autonomia e independência entre si.

4.6.6 Vila Nova de Cerveira

Em Vila Nova de Cerveira foi evidente o abandono do centro histórico devido à nova localização do Paço do Concelho. Sentiu-se então, uma necessidade de requalificar toda essa área. O Arquitecto Alcino Soutinho trabalhou aquela zona histórica da vila. Toda a zona foi requalificada para dar lugar à nova pousada de Vila Nova de Cerveira – a Pousada D. Dinis – *“numa intervenção pioneira no capítulo da reconversão urbana”*⁵⁰.

Em 1958, a Câmara Municipal expressa a vontade de fortalecer as estruturas hoteleiras do concelho e de requalificar toda a zona do Castelo que se encontrava bastante danificada e abandonada. Em 1978 surge a ideia de aproveitar o conjunto edificado dentro da antiga muralha para a instalação de uma pousada. O projecto foi entregue a *“Lixa Filgueiras (1922-1996), assessorado por Alcino Soutinho (1930-) e por Rolando Torgo. No entanto, em 1976, Lixa Filgueiras abandona o projecto delegando-o a Soutinho, a quem se atribui, hoje, a autoria do projecto”*⁵¹.

Figura 45 Antiga Pousada D. Dinis, Vila Nova de Cerveira



Fonte: Fotografia do autor

*“Tratou-se de um projecto inédito e único até então, e abordou de forma pioneira o tema da reconversão urbana, tendo por isso encontrado ao longo de todo o percurso muitas contrariedades ao nível de política e gestão urbanas, sendo apenas inaugurada onze anos depois de o projecto se ter iniciado”*⁵⁰.

Através de uma entrevista com o Arquitecto Alcino Soutinho, entendeu-se a ideia base do projecto que envolve a Pousada D. Dinis. Toda a fortificação, incluindo os fogos que se localizam no seu interior, foi pensada num *“conjunto total e não*

⁵⁰ (VENDA, 2008)

⁵¹ (BRANDÃO, 2001)

*separados*⁵². O Arquitecto tinha duas soluções, ou demolia ou recuperava. Para ele, o mais apetecível e desafiante foi recuperar. Soutinho recuperou todo o conjunto de edifícios que se espalhavam dentro da fortificação, sendo que os quartos dariam directamente para a rua. Foi elaborada a pergunta, “qual teria sido o feedback dos hóspedes por terem que lidar com a rua para sair dos quartos?” , ao qual foi respondido, “o facto de as pessoas andarem na rua, essas mesmas vivem o espaço como ele é”⁵². Para o serviço de limpeza foi construída uma galeria subterrânea de acesso aos quartos através de uma antecâmara. Os quartos teriam um logradouro privado para usufruto do hóspede que pernoitava nesse mesmo quarto. Para a zona da restauração e da cozinha foi projectado um projecto de raiz num descampado existente dentro da muralha, que servia os hóspedes e os visitantes do castelo que podiam passear dentro das muralhas. Para a elaboração do projecto foi feita uma análise consciente das preexistências, de quais seriam as aderências, que foram construídas ao longo do tempo, a preservar ou tirar, e foi analisado o sentido de cada edifício e da sua evolução. No fundo, numa palavra, o Arquitecto disse que neste projecto teria de haver bom senso.

4.7 Projecto arquitectónico

Nos pontos 4.1 e 4.4, foram enunciadas as razões da escolha da freguesia e do local para a intervenção, respectivamente

Como parte integrante do projecto urbano de recuperação e revitalização do “cimo de vila” de Penamacor, foi desenvolvido, para este trabalho, um edifício de carácter privado destinado a um hotel rural. Este terá uma relação muito forte com o envolvente onde está inserido, sendo a paisagem urbana a sul o ponto onde todo o edificado se irá focar.

Este equipamento é projectado num quarteirão com edifícios já existentes que serão aproveitados para fazerem parte integrante do conjunto da proposta. A recuperação deste edificado situado ao longo da rua de S. Pedro, vai permitir devolver-lhes a sua identidade antiga e primordial e, ao mesmo tempo, ser um cartão de visita para quem entra no cimo da vila, em especial por via rodoviária, e para quem visita o interior da unidade hoteleira.

⁵² (SOUTINHO, 2012)

Figura 46 Fotografia do quarto junto à muralha e da vista geral sobre a zona nova



Fonte: Render do autor

Para todo este conjunto antigo, é proposto instalar-se o ponto inicial de distribuição do hotel, com uma sala de estar junto à recepção e a parte de restauração do hotel, com uma abertura para o exterior. Os ambientes serão marcantes, com decoração muito tradicional e rural à semelhança do observado nas imagens de Póvoa Dão (figura 49).

Figura 47 Zona de restauração e zona de bar em Póvoa Dão



Fonte: <http://www.povoadao.com/>

Este conjunto edificado manterá a cêrcia média dos edifícios envolventes, com dois pisos, à excepção da zona da recepção, que terá apenas um piso com um pé direito alto.

A zona da restauração e da sala de estar manterá a sua fachada original, sendo que os vão terão elementos em vidro para a iluminação destes locais e para despertar interesse pela vista e pelo novo elemento que complementar o edifício. Este será um terraço que proporciona, aos clientes e visitantes, uma zona de

O Turismo como motor de desenvolvimento de zonas com tendência ao despovoamento

Os concelhos de Idanha-a-Nova e de Penamacor como casos de estudo

descanço e de refeições aos ar livre, que disfruta de uma vista sobre a campina de Idanha-a-Nova, a serra do Vale Feitoso e Espanha.

A zona de entrada dá acesso ao bloco de distribuição, onde se localiza o elevador e a caixa de escadas que conduzirão à zona dos quartos, das piscinas e jardins. Esse bloco ligará ainda a uma passagem pedonal, elevada sobre a rua, de ligação a outro bloco edificado que conduz a dois conjuntos de *lofts*.

O primeiro conjunto, mais a sul e numa cota mais baixa, conforme o declive do terreno, contará com dois pisos, e será totalmente novo, aproveitando apenas alguns muros hoje existentes de protecção dos terrenos agrícolas. A interligar os dois conjuntos de *lofts*, é idealizado um *lobby* para que, num ambiente tranquilo, virado para um pátio interior ajardinado, se possa estar a socializar com os demais hóspedes ou, estar simplesmente, sozinho a descansar ou a ler.

Figura 48 Lobby junto aos lofts



Fonte: Render do autor

O segundo conjunto desenvolve-se numa cota um pouco superior, se encontram hoje existentes um núcleo de habitações de um e dois pisos. Serão aproveitadas as paredes frontais e viradas para a Rua de São Pedro e demolido todo o seu interior. Este conjunto albergará cinco dormitórios de categoria *loft*.

Figura 49 Exemplo de um loft do conjunto de cotas inferiores



Fonte: Render do autor

Nos dois conjuntos de *lofts*, o esquema é o mesmo. No andar inferior terá lugar o quarto e as instalações sanitárias, e no andar superior a sala e a *kitchenette*. Todos terão um logradouro onde poderão tomar o pequeno almoço e admirar as vistas. No conjunto de *lofts* de cota mais baixa, o quarto e a sala partilharão a mesma janela, de grandes dimensões onde se poderá fazer o arejamento do quarto. No conjunto de cota mais elevada, os quartos terão as janelas da fachada de pedra para poderem arejar, sendo que a sala e a cozinha terão acesso directo ao logradouro.

Figura 50 Zona de quartos, sobreposta à muralha a sul do cimo de vila



Fonte: Render do autor

Estando todos os quartos e lofts e as respectivas varandas, que servem de miradouros individuais, voltados a sul e face às condições climáticas exigentes no

inverno e verão, com muito frio e muito calor respectivamente, estes serão protegidos por um conjunto de painéis, amovíveis ao gosto e vontade de cada hóspede.

Figura 51 Lobby junto aos quartos



Fonte: Render do autor

Na cota mais baixa da unidade hoteleira distribui-se, a partir de um pequeno *lobby*, espaço de descanso e/ou de leitura virado a sul, dois conjuntos de quartos que se alinham com a muralha ainda existente. Esta sofreria uma intervenção de recuperação, elevando-a à sua condição de muralha, com boa projecção a quilómetros de distância de Penamacor.

Esta muralha será seguida por ameias em pedra igual à existente, com a acusação da intervenção nova, preservando a autenticidade das estruturas edificadas originais. O conjunto arquitectónico será construído em betão impermeabilizado e escuro para contrastar com a cor clara da muralha, e assim evidenciá-la.

Através destes conjuntos de quartos, irá ser levantada um terceiro conjunto, também de quartos, levando assim a que a pousada tenha 25 quartos e 9 *lofts*. Com um total de trinta e quatro unidades, este hotel rural será considerado um hotel de média dimensão.

Figura 52 Exemplo de um quarto sobreposta à muralha a sul do cimo de vila



Fonte: Render do autor

O hotel irá contar com uma piscina exterior, aproveitando a beleza da vista, utilizando as zonas entre as ameias, por cima dos quartos, como zonas de estar e descanso dos hóspedes. Serão ainda proporcionadas zonas de sombra, naturais ou não, para amenizar os dias de grande calor.

Haverá ainda uma pequena piscina interior, para que os hóspedes possam, depois de um dia de passeio, quando o tempo não permitir recorrer à piscina exterior, poder utilizar e aquecer-se um pouco dentro desta piscina. Embora estando mais recuada face à exterior, não perderá de todo a vista, podendo assim, em todo o ano, contemplar as paisagens raianas.

Figura 53 Zona de lazer



Fonte: Render do autor

O Turismo como motor de desenvolvimento de zonas com tendência ao despovoamento

Os concelhos de Idanha-a-Nova e de Penamacor como casos de estudo

Por fim, num núcleo de edifícios em pedra de dois pisos, a norte da rua de S. Pedro, irá ser criado um pequeno auditório para cerca de 40 pessoas, salas de reuniões e instalações sanitárias de apoio a este equipamento.

A unidade hoteleira projectada foi pensada para ter a classificação de quatro estrelas, segundo a legislação ao abrigo do disposto no n.º 3 do artigo 1.º do Decreto-Lei n.º 167/97, de 4 de Julho, e nos termos da alínea c) do artigo 202.º da Constituição para a elaboração de hotéis. Desta forma conseguem-se preços mais reduzidos que os praticados pelas categorias superiores, não descurando a qualidade da oferta.

Este projecto funciona também como um símbolo da relação entre a paisagem e o estrutura rural, acolhendo-a e tirando partido desta. Quer a pré-existência quer a irregularidade das parcelas são mantidas e valorizadas pela implementação de novos corpos e o edifício existente é recuperado e inserido numa estrutura mais actualizada e mais vasta para o acolhimento de pessoas.

5 Conclusão

Com a perda de importância das actividades do sector primário em Portugal, as zonas rurais, e principalmente as do interior do país, ficaram à mercê do despovoamento e conseqüente abandono e degradação dos campos agrícolas e de todo o património destas regiões. Este fenómeno gerou inúmeros desequilíbrios regionais, ao nível económico, social, etc.

O conjunto de potencialidades que, no entanto, o interior rural apresenta surge hoje como uma fonte económica de oportunidades. Estas áreas são normalmente ricas em património histórico, cultural e natural. Com este potencial devidamente aproveitado podem ser criados empregos, gerar riqueza e impulsionar o desenvolvimento local.

É a partir daqui que é delineada, neste trabalho, uma proposta para todo o interior português e, como caso de estudo, desenvolvem-se propostas específicas para os concelhos de Idanha-a-Nova e Penamacor. As propostas são soluções de um estudo e permitem fazer face a esta problemática do interior que o país enfrenta. Estas poderão ser, como vemos nas estimativas de rentabilidade, uma mais valia para as regiões trabalhadas neste projecto. O turismo, não apenas poderá aumentar o capital dos concelhos, como também ajudar ao desenvolvimento de outros sectores, e projectando a região como uma oportunidade com futuro.

O desenvolvimento de uma proposta urbano-rural no “cimo de vila” de Penamacor concretiza as estratégias definidas, potencializando a área de estudo seleccionada para fins turísticos. A história, a reabilitação, a requalificação e a reutilização do espaço foram acentuadas nesta estratégia.

A unidade hoteleira projectada, com carácter de hotel rural, seguiu as linhas estratégicas de reabilitação e requalificação, sendo aproveitados ao máximo os pontos fortes da área que a envolve.

Em suma, tendo em conta o potencial turístico comprovado do interior rural e em particular da região e vila de Penamacor, o turismo rural, a par com outras actividades, pode contribuir de maneira significativa para o desenvolvimento sustentável da região. Para tal é necessário o envolvimento activo e participativo da população residente, e de todos actores que actuam no território, fomentando a cooperação e complementaridade entre os mesmos, de forma a atrair não só investimentos locais, mas também externos e permitir a fixação da população, travando, desta forma, o declínio populacional da região.

O Turismo como motor de desenvolvimento de zonas com tendência ao despovoamento

Os concelhos de Idanha-a-Nova e de Penamacor como casos de estudo

Este documento foi escrito ao abrigo do antigo Acordo Ortográfico

Este documento contém 24.604 palavras

O Turismo como motor de desenvolvimento de zonas com tendência ao despovoamento

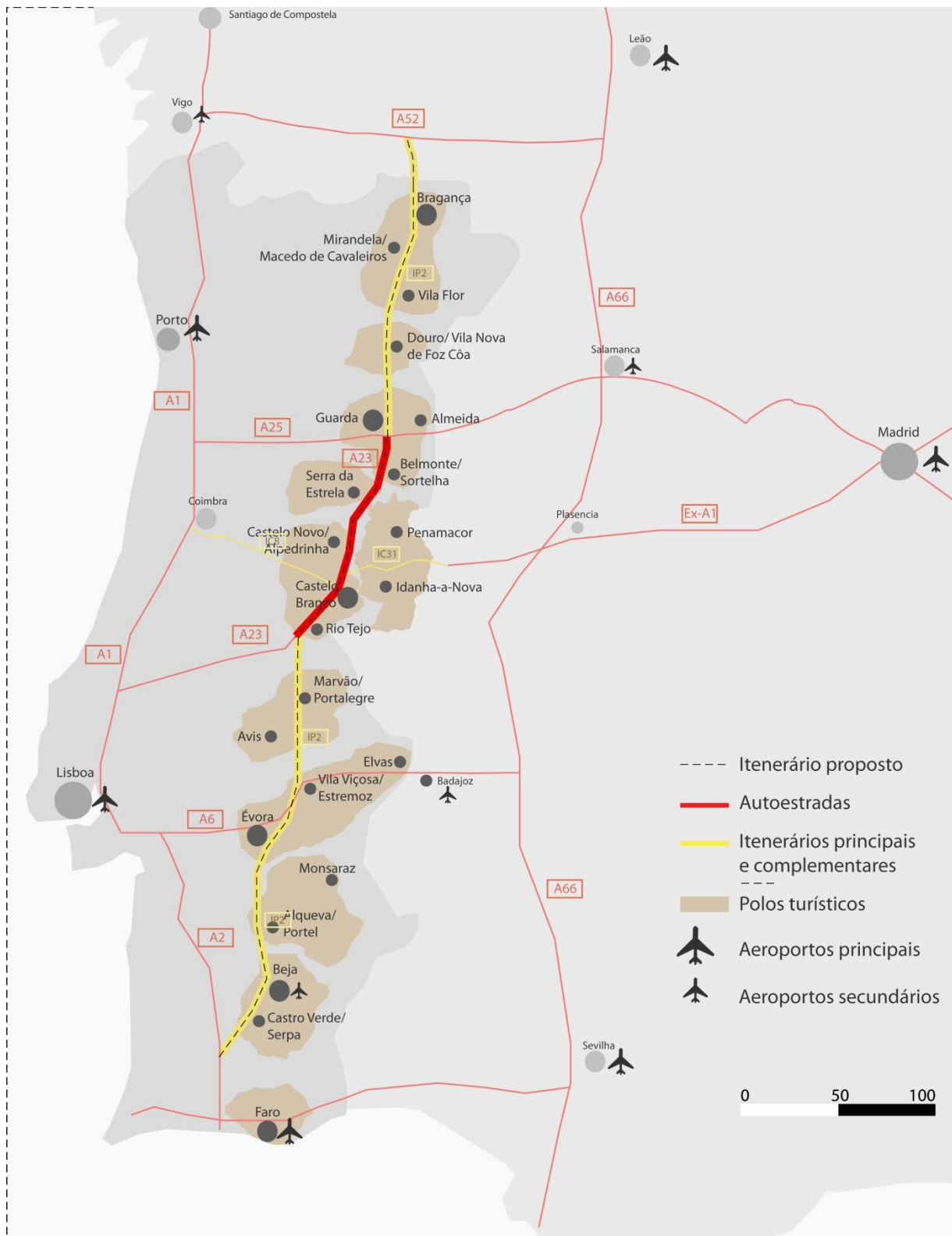
Os concelhos de Idanha-a-Nova e de Penamacor como casos de estudo

6 Anexos

O Turismo como motor de desenvolvimento de zonas com tendência ao despovoamento

Os concelhos de Idanha-a-Nova e de Penamacor como casos de estudo

6.1 Mapa do roteiro turístico proposto com os diversos pólos

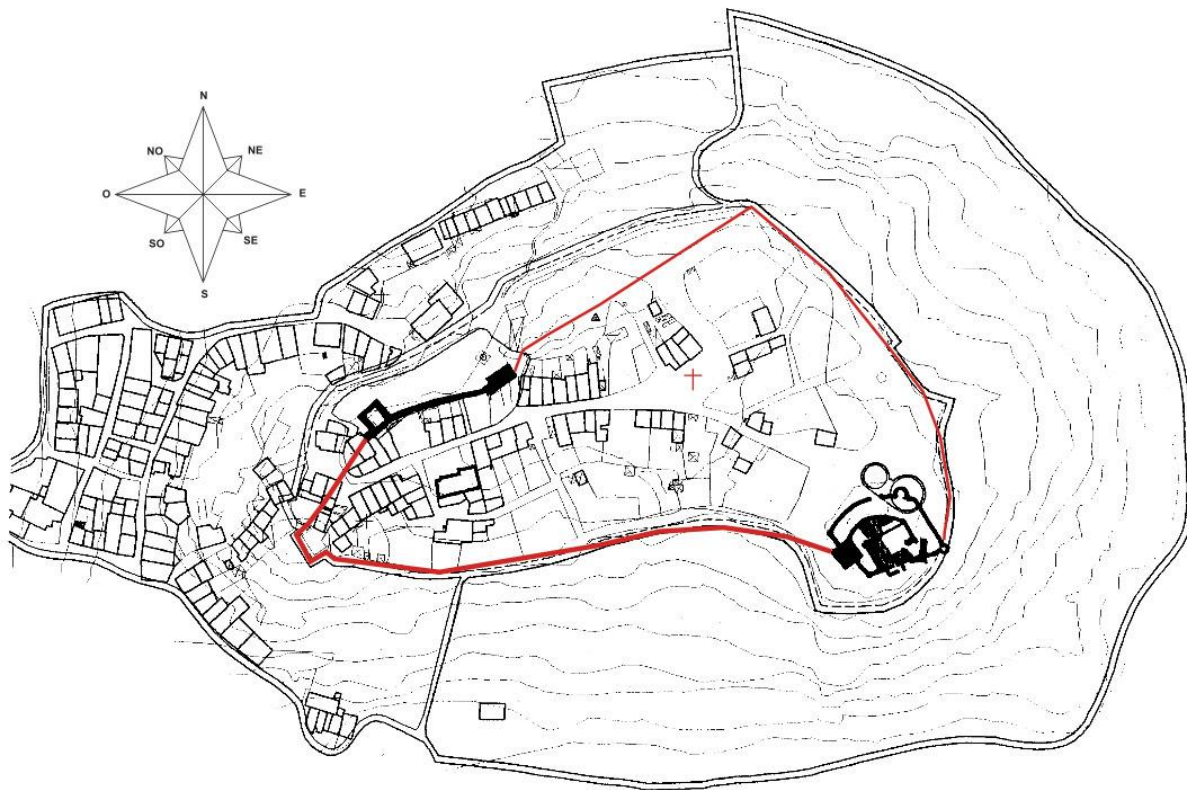


Fonte: Mapa do autor

O Turismo como motor de desenvolvimento de zonas com tendência ao despovoamento

Os concelhos de Idanha-a-Nova e de Penamacor como casos de estudo

6.2 Planta das três defesas do castelo de Penamacor



Fonte: (CM-PENMACOR, Vítor Gil, 2009)

O Turismo como motor de desenvolvimento de zonas com tendência ao despovoamento

Os concelhos de Idanha-a-Nova e de Penamacor como casos de estudo

6.3 Portaria n.º 937/2008 de 20 de Agosto

Artigo 1.º Objecto

A presente portaria estabelece os requisitos mínimos a observar pelos estabelecimentos de turismo de habitação e de turismo no espaço rural.

Artigo 2.º Noção de empreendimentos de turismo de habitação

1 — São empreendimentos de turismo de habitação os estabelecimentos de natureza familiar instalados em imóveis antigos particulares que, pelo seu valor arquitectónico, histórico ou artístico, sejam representativos de uma determinada época, nomeadamente palácios e solares, podendo localizar -se em espaços rurais ou urbanos.

2 — A natureza familiar é caracterizada pela residência do proprietário ou entidade exploradora ou do seu representante nos empreendimentos de turismo de habitação durante o período de funcionamento.

Artigo 3.º Noção de empreendimentos de turismo no espaço rural

1 — São empreendimentos de turismo no espaço rural os estabelecimentos que se destinam a prestar, em espaços rurais, serviços de alojamento a turistas, dispondo para o seu funcionamento de um adequado conjunto de instalações, estruturas, equipamentos e serviços complementares, tendo em vista a oferta de um produto turístico completo e diversificado no espaço rural. 2 — Os proprietários ou entidades exploradoras dos empreendimentos de turismo no espaço rural, bem como os seus representantes, podem ou não residir no empreendimento durante o respectivo período de funcionamento. 3 — Os empreendimentos de turismo no espaço rural classificam -se nos seguintes grupos: a) Casas de campo; b) Agro-turismo; c) Hotéis rurais.

Artigo 4.º Espaço rural

1 — Para o efeito do disposto no presente diploma consideram -se como espaço rural as áreas com ligação tradicional e significativa à agricultura ou ambiente e paisagem de carácter vincadamente rural.

2 — A classificação como empreendimento de turismo no espaço rural atenderá ao enquadramento paisagístico, às amenidades rurais envolventes, à qualidade ambiental e à valorização de produtos e serviços produzidos na zona onde o empreendimento se localize.

3 — Para efeitos do disposto na alínea b) do n.º 2 do artigo 22.º do Decreto -Lei n.º 39/2008, de 7 de Março, os órgãos municipais competentes podem solicitar parecer à direcção regional de economia respectiva sobre o uso e tipologia do empreendimento e à Direcção- Geral da Agricultura e Desenvolvimento Rural quanto à respectiva localização.

Artigo 5.º Noção de casa de campo

São casas de campo os imóveis situados em aldeias e espaços rurais que prestem serviços de alojamento a turistas e se integrem, pela sua traça, materiais de construção e demais características, na arquitectura típica local.

Artigo 6.º Turismo de aldeia

Quando cinco ou mais casas de campo situadas na mesma aldeia ou freguesia, ou em aldeias ou freguesias contíguas sejam exploradas de uma forma integrada por uma única entidade, podem usar a designação de turismo de aldeia, sem prejuízo de a propriedade das mesmas pertencer a mais de uma pessoa.

Artigo 7.º Noção de agro-turismo

São empreendimentos de agro -turismo os imóveis situados em explorações agrícolas que prestem serviços de alojamento a turistas e permitam aos hóspedes o apanhamento e conhecimento da actividade agrícola, ou a participação nos trabalhos aí desenvolvidos, de acordo com as regras estabelecidas pelo seu responsável.

O Turismo como motor de desenvolvimento de zonas com tendência ao despovoamento

Os concelhos de Idanha-a-Nova e de Penamacor como casos de estudo

Artigo 8.º Noção de hotel rural

São hotéis rurais os hotéis situados em espaços rurais que, pela sua traça arquitectónica e materiais de construção, respeitem as características dominantes da região onde estão implantados, podendo instalar-se em edifícios novos que ocupem a totalidade de um edifício ou integrem uma entidade arquitectónica única e respeitem as mesmas características.

Artigo 9.º Actividades complementares

1 — Os empreendimentos de turismo de habitação e de turismo no espaço rural podem ainda, nos termos do regime jurídico que regula a actividade das empresas de animação turística, exercer actividades de animação que se destinem exclusivamente à ocupação de tempos livres dos seus utentes e contribuam para a divulgação das características, produtos e tradições das regiões em que os mesmos se situam. 2 — Quando as actividades previstas no número anterior não se destinem exclusivamente à ocupação dos utentes dos empreendimentos de turismo no espaço rural, devem as respectivas entidades promotoras licenciarem-se como empresas de animação turística.

SECÇÃO II Disposições comuns

SUBSECÇÃO I Requisitos das instalações

Artigo 10.º Condições gerais de instalação

1 — Os empreendimentos de turismo de habitação e de turismo no espaço rural devem observar os requisitos gerais de instalação previstos no artigo 5.º do Decreto-lei n.º 39/2008, de 7 de Março, bem como os previstos na presente portaria.

2 — A instalação das infra-estruturas, máquinas e, de um modo geral, de todo o equipamento necessário para o funcionamento dos empreendimentos de turismo de habitação e de turismo no espaço rural deve efectuar-se de modo que não se produzam ruídos, vibrações, fumos ou cheiros susceptíveis de perturbar ou, de qualquer modo, afectar o ambiente do empreendimento e a comodidade dos hóspedes.

3 — Os factores perturbadores ou ruidosos que decorram do exercício normal, corrente e regular das actividades próprias das explorações agrícolas não são considerados para os efeitos previstos no número anterior, devendo, no entanto, sempre que possível, ser minimizado o seu efeito.

4 — As unidades de alojamento dos empreendimentos de turismo de habitação e de turismo no espaço rural podem integrar-se num edifício ou num conjunto de edifícios, com excepção dos hotéis rurais que forem construídos de raiz, cujas unidades de alojamento devem estar situadas num único edifício ou em edifícios integrados numa entidade arquitectónica única.

SECÇÃO III Disposições específicas

SUBSECÇÃO I Empreendimentos de turismo de habitação

Artigo 23.º Casas de campo

1 — Nas casas de campo deve existir, pelo menos, uma instalação sanitária para cada três quartos.

2 — Nas casas de campo a área mínima dos quartos individuais é de 7 m² e a dos quartos duplos de 9 m².

Artigo 24.º Agro-turismo

O Turismo como motor de desenvolvimento de zonas com tendência ao despovoamento

Os concelhos de Idanha-a-Nova e de Penamacor como casos de estudo

1 — Nos empreendimentos de agro-turismo deve existir, pelo menos, uma instalação sanitária por cada duas unidades de alojamento.

2 — Podem ser instaladas unidades de alojamento fora do edifício principal, em edifícios contíguos ou próximos daquele e que com ele se harmonizem do ponto de vista arquitectónico e da qualidade das instalações e equipamentos.

3 — As unidades de alojamento previstas no número anterior podem integrar até ao limite de três quartos e devem dispor, no mínimo, de sala privativa com ou sem cozinha ou pequena cozinha (kitchenette), de uma instalação sanitária quando disponha de um ou dois quartos e de duas instalações sanitárias quando disponha de três quartos.

4 — A área mínima dos quartos individuais é de 7 m² e a dos quartos duplos de 9 m².

Artigo 25.º Hotéis rurais

1 — Os hotéis rurais devem cumprir os requisitos comuns aos empreendimentos de turismo no espaço rural previstos na presente portaria e classificam-se nas categorias de 3 a 5 estrelas de acordo com o disposto na portaria prevista na alínea a) do n.º 2 do artigo 4.º do Decreto-Lei n.º 39/2008, de 7 de Março, devendo também observar os requisitos nela previstos.

2 — Os hotéis rurais devem ainda dispor de instalações, equipamentos e, pelo menos, de uma unidade de alojamento que permitam a sua utilização por utentes com mobilidade condicionada.

O Turismo como motor de desenvolvimento de zonas com tendência ao despovoamento

Os concelhos de Idanha-a-Nova e de Penamacor como casos de estudo

6.4 Planta da proposta urbana “cimo de vila” de Penamacor



O Turismo como motor de desenvolvimento de zonas com tendência ao despovoamento

Os concelhos de Idanha-a-Nova e de Penamacor como casos de estudo

7 Referências Bibliográficas

- AAP, A. d., AFONSO, João -- coord. ed., MARTINS, Fernando -- coord. ed., MENESES, Cristina -- coord. ed., & ROSETA, Helena -- pref. (1980). *Arquitectura Popular em Portugal*. Lisboa: Associação dos Arquitectos Portugueses.
- ADRACES. (s.d.). *Demografia*. Acesso em 27 de 11 de 2012, disponível em Associação para o Desenvolvimento da Raia Centro-Sul: <http://www.adraces.pt/conteudos/index.php?id=110>
- ALBERTOS, M. L. (1975). *Testemunhos da Ocupação romana na região de Meimoa*. Beira Baixa.
- ARANHA, P. d. (1909). *Nota acerca das Invasões Francesas em Portugal principalmente a que respeita à primeira invasão do comando de Junot*. Lisboa: Academia Real das Ciências - Torre do Tombo.
- ARQUITECTURA, G. D. (s.d.). *Guia de Arquitectura – Castelo Branco*.
- BARQUERO, A. V. (1995). *Desenvolvimento local: Novas dinâmicas na acumulação e regulação do capital*.
- BOTE GÓMEZ, V. (2001). *Turismo en espacio rural. Rehabilitación del patrimonio sociocultural y de la economía local*. Madrid: Ed. Popular.

O Turismo como motor de desenvolvimento de zonas com tendência ao despovoamento

Os concelhos de Idanha-a-Nova e de Penamacor como casos de estudo

- BRANDÃO, M. V. (2001). *Pousadas de Portugal: três estudos de caso: Pousada de D. Diniz, Santa Marinha da Costa e Santa Maria do Bouro*. Porto: Tese de Mestrado - Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- CARLOS MC CHAVES - ARQUITECTO, L. (s.d.). *Hotel Rural do Soutulho - Quinta do Medronheiro*. Acesso em 19 de 12 de 2012, disponível em Carlos MC Chaves - Arquitecto,lda: http://www.carlosmcchaves.com/_edificado/soutulho.html
- CCRA, C. (2003). *Vilas e aldeias do Algarve rural*. Faro: Globalgarve.
- CENTER. (s.d.). *Legislação TH/TER*. Acesso em 05 de 12 de 2012, disponível em CENTER - Central Nacional do Turismo no Espaço Rural: <http://www.center.pt/PT/legislacao.php>
- CM-IDANHA-A-NOVA. (s.d.). Acesso em Outubro/Novembro de 2012, disponível em Câmara Municipal de Idanha-a-Nova: <http://www.cm-idanhanova.pt>
- CM-PENMACOR, Vítor Gil. (2009). *Do neolítico até aos nossos dias*. Acesso em 25 de 09 de 2012, disponível em Câmara Municipal de Penamacor: <http://www.cm-penamacor.pt/ex800/00.html>
- CULTURA, P. C. (1998). *Idanha-a-Velha*. Lisboa: CNC.
- DIÁRIO DA REPÚBLICA, 2. (s.d.). *Portaria n.º 937/2008 de 20 de Agosto*. Acesso em 17 de 12 de 2012, disponível em Diário da República Electrónico: <http://dre.pt/>
- DIÁRIO DA REPÚBLICA, R. d. (2008). *Regulamento do Plano de Ordenamento do Parque Natural do Tejo Internacional*. Portugal.
- Estrela, A. V. (1 de Maio de 2011). "A Via da Estrela" - "Todos os caminhos vão dar a roma", Parte II . Acesso em 15 de 12 de 2012, disponível em A Via da Estrela: <http://passadodepedra.blogspot.pt/2011/05/via-da-estrela-caceres-idanha-velha.html>
- FERRAO, A. (1923). *A 1ª invasão francesa : a invasão de Junot vista através dos documentos da intendência geral da polícia, 1807-1808*. Coimbra: Imprensa da Universidade - Torre do Tombo.
- FONTEIRO-MÓR. (18 de Novembro de 2007). Acesso em 15 de Novembro de 2012, disponível em 200 anos das Invasões francesas: <http://extremodeportugal.blogspot.pt/2007/11/200-anos-das-invasoes-francesas.html>
- GABINETE DE PLANEAMENTO E POLÍTICAS. (s.d.). *Plano Estratégico Nacional - Desenvolvimento Rural*. Acesso em 15 de 10 de 2012, disponível em Gabinete de Planeamento e Políticas: <http://www.gpp.pt/drural/>
- GONÇALVES, P., & CASTRO HENRIQUES, P. (2006). *Reserva Natural da Serra da Malcata*. Penha Garcia, Castelo Branco, Portugal.
- IAPMEI. (22 de 01 de 2013). *Decreto Regulamentar nº 36/97 de 25 de Setembro de 1997 - Regula os estabelecimentos hoteleiros*. Acesso em 23 de 01 de 2013, disponível em IAPMEI - Parcerias para o Crescimento: <http://www.iapmei.pt/iapmei-leg-03.php?lei=2330>
- ICNF. (s.d.). *Instituto de Conservação da Natureza e das Florestas*. Acesso em Novembro de 2012, disponível em ICNF: <http://www.icnf.pt/ICNFPortal/vPT2007/Valores+Naturais/Informação+Geográfica/>

O Turismo como motor de desenvolvimento de zonas com tendência ao despovoamento

Os concelhos de Idanha-a-Nova e de Penamacor como casos de estudo

- IGESPAR. (s.d.). *Instituto de Gestão do Património Arquitectónico e Aqueológico*. Acesso em Outubro, Novembro, Dezembro de 2012, disponível em IGESPAR: <http://www.igespar.pt>
- IGOGO. (s.d.). *Solar da Família Trigueiros de Aragão / Solar família Marrocos*. Acesso em 27 de 11 de 2012, disponível em IGOGO: <http://www.igogo.pt>
- INE. (2011). *Sensos 2011*. Acesso em 2012, disponível em Instituto Nacional de Estatística: <http://www.ine.pt>
- INE, R. D. (2011/2012). *Censos 2011 - Resultados Definitivos*. Acesso em 05 de 10 de 2012, disponível em Instituto Nacional de Estatística: <http://www.ine.pt>
- INE, R. P. (2011). *Censos 2011 - Resultados Provisórios*. Acesso em 10 de 10 de 2012, disponível em Instituto Nacional de Estatística: <http://www.ine.pt>
- MARTINHO, V. J. (s.d.). *REFLEXÕES SOBRE O DESENVOLVIMENTO RURAL NACIONAL*. Acesso em 2012 de 10 de 28, disponível em Instituto Politécnico de Viseu - IPV: http://www.ipv.pt/millennium/19_spec10.htm
- MATEUS, J. M. (2002). *Técnicas tradicionais de construção de alvenarias : a literatura técnica de 1750 a 1900 e o seu contributo para a conservação de edifícios históricos*. Lisboa: Livros Horizonte.
- MOUTINHO, M. C. (1979). *A Arquitectura Popular Portuguesa*. Lisboa: Editorial Estampa.
- NATURTEJO. (s.d.). *NaturTejo*. Acesso em 04 de 12 de 2012, disponível em Rotas Geológicas: <http://www.naturtejo.com/conteudo.php?opt=o-que-fazer&id=9>
- NUNES, A. L. (2005). *Cadernos do património cultural da Beira Baixa - Os Castelos Templários da Beira Baixa*. Idanha-a-Nova.
- OLIVEIRA, E. V., & GALHANO, F. (2003). *Arquitectura Tradicional Portuguesa*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- PINTO, J., DORNELAS, A., CUNHA, L., & PINTO, M. (1998). *Prespectivas de Desenvolvimento do Interior*. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda.
- POLÈSE, M. (1998). *Economia urbana e regional: lógica espacial das transformações económicas*.
- QUALITIVIDADE. (Abril de 2012). *Catálogo de Formação 2012*. Acesso em 11 de Novembro de 2012, disponível em Qualidade: www.qualitividade.pt/wp-content/.../03/Oferta-Formativa_Abril.pdf
- RODRIGUES, N. J. (18 de 05 de 2005). *Rota dos Fósseis do Geopark Naturtejo – Penha Garcia/ Idanha-a-Nova - Nos trilhos das “cobras pintadas”*. Obtido em 04 de 12 de 2012, de Lifecooler: <http://www.lifecooler.com/edicoes/lifecooler/desenvRegArtigo.asp?art=13252&rev=2>
- SIMÃO, J. P. (2009). *Turismo como Motor de Desenvolvimento Local: o caso do Vale do Tua*. Lisboa.
- SIPA. (s.d.). *Sistema de Informação para o Património Arquitectónico*. Acesso em Outubro, Novembro de 2012, disponível em SIPA – Sistema de Informação para o Património Arquitectónico: <http://www.monumentos.pt>
- TRIPADVISOR. (s.d.). *Aldeia de Pedralva*. Acesso em 14 de Novembro de 2011, disponível em Tripadvisor - site de viagens: http://www.tripadvisor.com.br/Hotel_Review-g1172110-d1656422-Reviews-Aldeia_da_Pedralva_Tourism_Village-Vila_do_Bispo_Algarve.html

O Turismo como motor de desenvolvimento de zonas com tendência ao despovoamento

Os concelhos de Idanha-a-Nova e de Penamacor como casos de estudo

TURISMO DE PORTUGAL. (2007). *Plano Estratégico Nacional do Turismo - Para o desenvolvimento do turismo em Portugal*. Turismo de Portugal.

VENDA, C. F. (2008). *Reabilitação e reconversão de usos: o caso das pousadas como património*. Tese de Mestrado.

VERA, J. F. (1998). *Análisis territorial del turismo*. Barcelona: Ariel Geografia.

VICENTINA, A. p. (s.d.). *Estratégia local para desenvolvimento*.

8 Entrevistas

ALVES COSTA, A. A. (Setembro de 2012). A recuperação de Idanha-a-Velha.

CABANAS, E. A.-V.-p. (Junho de 2012). Penamacor e o Turismo.

COSTA, A. A. (Setembro de 2012). Os projectos em Idanha-a-Velha.

FERNANDES, A. A.-A.-a.-N. (Junho de 2012). Idanha-a-Nova e a Arquitectura.

GONÇALVES, E. O. (Junho de 2012). Penamacor e a arquitectura.

MARTINS, P. -T.-a.-N. (Junho de 2012). Idanha-a-Nova e o turismo.

NABAIS, D. J.-R. (Junho de 2012). Turismo em Penamacor.

PRÓSPERO, D. P.-D. (5 de Junho de 2012). Turismo na Região de Idanha-a-Nova e as Termas de Monfortinho.

SEIJO, D. F. (Junho de 2012). O turismo no Parque Natural Tejo Internacional e na Herdade da Poupa .

SOUTINHO, A. A. (21 de 03 de 2012). Pousada D. Dinis.

O Turismo como motor de desenvolvimento de zonas com tendência ao despovoamento

Os concelhos de Idanha-a-Nova e de Penamacor como casos de estudo